



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Jacqueline Batista Bessone do Couto

CIDADE CRIATIVA DO CINEMA

UMA ESTRATÉGIA TURÍSTICA PARA A FIGUEIRA DA FOZ

Dissertação de Mestrado em Turismo, Território e Patrimónios, orientada pelo Professor Doutor João Luís Fernandes e Coorientada pelo Professor Doutor Paulo Nossa, apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2023

FACULDADE DE LETRAS

CIDADE CRIATIVA DO CINEMA

UMA ESTRATÉGIA TURÍSTICA PARA A FIGUEIRA DA FOZ

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Cidade Criativa do Cinema: Uma Estratégia Turística para a Figueira da Foz
Autor/a	Jacqueline Batista Bessone do Couto
Orientador/a(s)	Professor Doutor João Luís Fernandes Professor Doutor Paulo Nossa
Júri	Presidente: Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro Vogais 1. Doutor Paulo Manuel Carvalho Tomás 2. Doutor Paulo Nuno Maia de Sousa Nossa
Identificação do Curso	2º Ciclo Turismo, Território e Patrimónios
Área científica	Geografia / Turismo
Especialidade/Ramo	Turismo Criativo
Data da Defesa	6-06-2023
Classificação	17 valores

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu coorientador Professor Doutor Paulo Nossa, por me desafiar a fazer este mestrado, pois sem a sua amizade e o seu incentivo, jamais teria prosseguido.

Agradeço ao Sr. Professor Doutor João Luís Fernandes por ter aceite o convite e me acompanhar, acrescentando sempre um olhar mais analítico e crítico para o estudo.

Agradeço à minha amiga Dra. Margarida Medlam por sempre acreditar em mim, me apoiar, motivando-me sempre a continuar “against all odds”.

Agradeço aos entrevistados, por compartilharem prontamente, os seus conhecimentos e experiências preciosas de forma tão generosa e elucidativa para as questões levantadas.

Agradeço à Câmara Municipal da Figueira da Foz, aos colegas mais próximos nos últimos dois anos, pelo apoio moral e logístico que me ofereceram de imediato.

Agradeço a todos os amigos e familiares que de algum modo me acompanharam neste percurso com palavras de apoio e esperança.

Por fim, agradeço aos meus filhos, José Maria e Carolina, pelo seu amor incondicional, pela paciência, incentivo e respeito que tiveram para comigo nesta viagem.

A todos, o meu muito obrigada.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado em Turismo, Património e Territórios, tem como tema a *Cidade Criativa do Cinema para a Figueira da Foz*, pretendendo-se analisar a projeção do cinema na paisagem e na estratégia turística da Figueira da Foz.

O turismo cultural, conceção e implementação de medidas nacionais e internacionais é o alicerce e a base da fundamentação teórica deste estudo. Recentemente observamos o património e o território começarem a ser abordados num sentido mais lato, onde o turista é cliente de cultura, exigindo agora experiências sensoriais diversas, e que permitem em simultâneo o desenvolvimento do local onde são proporcionadas. A cidade é reformulada, adaptando recursos existentes ou inovando com temas inéditos. Valoriza-se cada vez mais a comunidade local e o seu envolvimento neste processo criativo onde todos têm um novo sentimento em conformidade com a mudança, na linha do construtivismo.

Como metodologia de investigação aplicaram-se a revisão bibliográfica sobre o tema, com consulta de arquivos municipais, a técnica de Delphi, em duas rondas de perguntas a especialistas académicos e cinéfilos, e por fim as entrevistas a personalidades com relevância para o estudo.

O objetivo principal desta dissertação foi o de apurar se a Figueira da Foz possui as características necessárias e suficientes para efetuar uma candidatura a Cidade Criativa do Cinema junto da UNESCO, a desenvolver e projetar para o futuro a longo prazo.

No caso específico da Figueira da Foz, entre vários temas, o cinema foi o eleito, não porque está enraizado na população devido à sua antiguidade (as primeiras fitas cinematográficas foram exibidas em 1896) mas também pela visibilidade que a comunidade lhe tem conferido, permitindo desta feita uma territorialidade e a patrimonialização do mesmo. A possibilidade de a cidade criativa alavancar a economia local é também motivo de estudo, sendo relevante em cidades que sofrem de interioridade ou sazonalidade.

Não se pode deixar de estudar ainda que de forma sucinta, o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, o mais antigo do país e de grande orgulho para os figueirenses.

O cinema passa por uma profunda alteração na forma, sendo a substância também alvo de sofisticação com novas abordagens e sensibilidades.

Palavra chave: Turismo; Cidade Criativa; Cinema; Cultura; UNESCO; Territorialidade

ABSTRACT

This master's dissertation in Tourism, Heritage and Territories, is about the Creative City of Film for Figueira da Foz, and has the purpose of analysis and prediction of cinema in the Figueira da Foz landscape.

Cultural tourism, design and implementation of national and international measures are the theoretical foundation and basis of this study. We have recently observed that heritage and that territory are being approached in a broader sense, where the tourist is now seen as a culture client, requiring different and new experiences, allowing the development of the place where they are provided. The city is redesigned, adapting existing resources or innovating them with new themes. The local community is increasingly valued and involved in this creative process, where everyone has a new feeling in accordance with change, in the line of constructivism.

As research methodology, literature review of various published papers on the subject, researching council archives and applying the Delphi technique, in two rounds of questions, to a group of cinema specialist, and finally, three relevant interviews.

The main goal was to determine whether Figueira da Foz has the necessary and sufficient characteristics to go ahead with an application to The Creative City of Film, by UNESCO, approaching development and design for the long-term future.

In the case study of Figueira da Foz, among several themes, film and cinema were elected, not only because it is rooted in the population (the first films were exhibited in 1896) but also because of the visibility that the community has conferred to it, allowing this time a territoriality and heritage view.

The possibility for the creative city to influence the local economy is also a means of study, known as being relevant in cities suffering from inland isolation seasonality.

One cannot fail to study, however briefly, the International Film Festival of Figueira da Foz, the oldest in the country and of great pride for the Figueira's population.

Cinema undergoes a profound change in form, with substance also being the subject of sophistication with new approaches and sensibilities.

Keywords: Tourism; Creative City; Film; Culture; UNESCO; Territorialisation

ÍNDICE

Dedicatória	iv
Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract	vi
1 Introdução	9
2 Turismo Cultural	15
2.1 Cultura	15
2.2 Turismo Cultural	15
2.3 O Produto e o Processo do Turismo Cultural	16
2.4 Novas áreas turísticas nas cidades	20
2.5 A UNESCO e a Diversidade Cultural	22
2.6 A importância do Turismo Criativo como alavanca económica	24
3 Metodologia de investigação	26
4 Objetivos do tema proposto para análise	28
5 A Cidade Criativa	29
5.1 O que é a Cidade Criativa e a sua Rede?	29
5.2 A Rede de Cidades Criativas em Portugal	31
5.3 Idanha-a-Nova, Cidade Criativa da Música (2015)	32
5.4 Óbidos, Cidade Criativa da Literatura (2015)	32
5.5 Amarante, Cidade Criativa da Música (2017)	33
5.6 Barcelos, Cidade Criativa do Artesanato e das Artes Populares (2017)	33
5.7 Braga, Cidade Criativa das Artes Digitais (2017)	33
5.8 Caldas da Rainha, Cidade Criativa do Artesanato e Artes Populares (2019)	33
5.9 Leiria, Cidade Criativa da Música (2019)	34
5.10 Covilhã, Cidade Criativa do Design (2021)	35
5.11 Santa Maria da Feira, Cidade Criativa da Gastronomia (2021)	35
6 Dois exemplos de Cidades Criativas do Cinema na Europa e o Cinema visto em Portugal	35
6.1 A Cidade Criativa de Bradford	36
6.2 A cidade Criativa de Cinema de Valladolid	38
6.3 Breve nota sobre a adesão do público português ao cinema	40
7 A Caracterização sócio económica e histórica da Figueira da Foz	44
7.1 Breve retrato sócio económico da Figueira da Foz.	44
7.2 Breve história da Figueira	46
8 Contextualizando: Breve resumo sobre a história do cinema na Europa	50
8.1 A “lanterna mágica”	50
8.2 A apresentação cinematográfica em Portugal e na Figueira da Foz	51
9 A Figueira da Foz e a sua relação com o cinema	54
9.1 Os locais emblemáticos da sétima arte na Figueira da Foz no final do Século XIX	54
O Teatro Príncipe Dom Carlos	54
Casino Peninsular	55
Teatro Salão ou Teatrinho	59
Parque-Cine	59
10 A Importância do Cinema na Comunidade Figueirense	60

10.1	As Associações da Figueira da Foz e o Cinema	60
	Ginásio Clube Figueirense (GCF)	60
	Associação Naval 1º de Maio	63
	Grupo Caras Direitas	63
10.2	A Imprensa especializada na Figueira da Foz no despontar da 7ªArte	65
	Jornal de Cinema	65
	SportCine	67
10.3	Os primeiros Clubes Cinéfilos	67
10.4	Figueirenses no Cinema	68
	António Leitão	68
	Maria Cipriano Lobato Olguim	68
	Manuel dos Santos	70
	J. Oliveira Santos	70
	Madalena SOTTO	71
	Maria Valdez	72
	Andrade e Silva	72
	João Mário Grilo	73
	João César Monteiro	75
	José Poeta	76
	Jorge Pelicano	77
	Miguel Babo	78
	Miguel Borges	79
	Luís Albuquerque	81
	Rui Major	83
	Algumas menções honrosas	84
11	Referências Históricas do cinema na Figueira da Foz	84
12	Referências modernas do Cinema na Figueira da Foz	88
13	A Importância do Evento/Festival alicerçado no Cinema	91
14	O Festival de Cinema da Figueira da Foz	92
	14.1 Representação cinematográfica no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz	93
	14.2 A representatividade gráfica evolutiva do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz	94
15	Análise do Painel Delphi	101
	15.1 Painel Delphi 1ª Ronda de questões	101
	15.2 Painel Delphi 2ª Ronda de questões	106
16	As Entrevistas	108
	16.1 Entrevista direta gravada a Jorge Lé	108
	16.2 Entrevista estruturada escrita a Luís Ferraz	112
	16.3 Entrevista a António Carlos Albuquerque	115
17	A Cidade Criativa do Cinema como constelação de uma cadeia de serviços	116
	17.1 Novos festivais com a temática do cinema em pano de fundo	117
	17.2 Licenciatura em estudos cinematográficos na Figueira da Foz	118
	17.3 Dinâmicas Educativas	119
	17.4 A dinamização do cinema no concelho	120
	Figueira Parque	120
	Figueira Inclusive	120
	17.5 O turista da Cidade Criativa do Cinema na Figueira da Foz	121
	O que procura e o que a cidade pode oferecer	121
	17.6 A equipa em uníssono com a UNESCO	121
18	Considerações finais	123
19	Referências Bibliográficas	129

1 Introdução

Iniciei a vontade de fazer o mestrado em 2018, após a sugestão e o incentivo do Professor-Doutor Paulo Nossa, o que viria a acontecer em 2020, muito motivada pela situação ímpar da pandemia causada pelo vírus Covid-19 em que nos encontrávamos.

Ao apresentar este trabalho académico em Turismo, Património e Territórios, impõe-se esclarecer que a ideia inicial era a de dedicar o tempo de estudo e a respetiva dissertação à temática da Talassoterapia adaptada ao Turismo de Saúde na Figueira da Foz.

Foi sem dúvida um desafio aliciante e que me deu um prazer enorme, despertando em mim de novo, o gosto pelo estudo e investigação. Ao longo do processo comecei a pensar em outras direções para este estudo, tendo sempre por base a cidade da Figueira da Foz, onde tenho residido grande parte da minha vida. O estudo é assim mesmo, vamos explorando novas áreas, muitas até então praticamente desconhecidas ou sobre as quais pouco sabemos, levando a que a curiosidade tome conta da mente, e de repente, mudamos a nossa intenção inicial.

Assim surge a ideia da Cidade Criativa do Cinema para a Figueira da Foz, pretendendo-se analisar a projeção do cinema na paisagem da Figueira da Foz.

O primeiro contacto com esta realidade surge num seminário apresentado pelo Professor Doutor João Luís Fernandes, e mais tarde, num seminário apresentado pelo Professor Doutor Norberto Santos, abrindo uma brecha para algo que para mim fazia agora mais sentido do que nunca, como possível estratégia em contexto de turismo cultural para a cidade, não só pela história e relação da comunidade com o cinema, mas também como uma estratégia de longo prazo para combater a sazonalidade, e como tal, apostar na diversidade, afastando-se das monoculturas que vão limitando as estratégias turísticas. A primeira abordagem será o tema do turismo cultural em si, desde a sua trajetória conceptual até à implementação de medidas concretas, nacionais e internacionais

Em 2017 o Professor Doutor Licínio Cunha referia que o Turismo visa o desenvolvimento do país ou da região, proporcionando experiências aos turistas transversais ao nível global e holístico.

De facto, a partir dos anos 90 do século XX, estudos da Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas (OMT) demonstram que 40 % dos turistas internacionais eram turistas culturais, enaltecendo esta atividade económica assente neste nicho particular.

O património e o território começam a ser trabalhados num sentido mais lato, vendo o turista como cliente de cultura, a quem se oferece produtos e serviços não só de qualidade, mas inovadores, proporcionando agora, experiências sensoriais diversas.

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), vem dar um novo alento à questão cultural aliada agora ao turismo, através da inclusão em matrizes de património cultural de sítios únicos e distintivos, com a devida e valorizada salvaguarda dos mesmos. É uma forma de chamar a atenção para um património único, incluindo esta visitação no destino turístico. O produto e o processo turístico ganham uma vida nova.

Neste âmbito desenvolvem-se processos aliados ao tangível e intangível, dentro do Turismo Cultural e aqui, desenha-se a partir do novo milénio, o conceito de criatividade como possível alavanca económica na senda do desenvolvimento do turismo cultural, uma vez que segundo Greg Richards, o Turismo Cultural começava a dar sinais de massificação. (Richards, 2021).

De novo, a UNESCO, tem uma visão inovadora e abrangente, com a criação das Cidades Criativas a partir de 2008.

As cidades reinventam-se, adaptando recursos existentes ou criando novos temas para o efeito. A importância da comunidade local e o seu envolvimento no processo é fundamental, criando assim uma sensação de união em torno de um objetivo comum, o de uma identidade aberta e em mudança, na linha do construtivismo. No caso específico da Figueira da Foz, a opção para este trabalho teve como base a observação duma atividade lúdica existente e profundamente enraizada na população, desde há mais de uma centena de anos, contribuindo em grande medida para a visibilidade da vida cultural da cidade, dando espaço à territorialidade e patrimonialização do cinema na Figueira da Foz. O Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz é o mais antigo do país, e mesmo sendo interrompido por uma década, nunca deixou de ser motivo de orgulho para os figueirenses. As novas tecnologias de informação vieram alterar o paradigma da indústria cinematográfica, da realização à distribuição, mas não alteraram a produção e criatividade

inerentes à mesma, assim como o leque de indústrias e serviços adjacentes, quer a montante quer a jusante.

Como metodologia de investigação aplicaram-se os seguintes métodos:

- Revisão bibliográfica sobre o tema e consulta de arquivos municipais de imprensa local e regional, procurando escrutinar a realização do festival internacional de cinema da Figueira da Foz;
- A técnica de Delphi, constando de duas rondas de perguntas;
- A entrevista estruturada a dois intervenientes com responsabilidade no certame FICFF e a um com cargo de direção de turismo cultural.

O objetivo principal desta dissertação é o de apurar se a Figueira da Foz possui as características necessárias e suficientes para efetuar uma candidatura a Cidade Criativa do Cinema junto da UNESCO.

Como exemplo nesta dissertação, são abordadas as cidades de Bradford e Valladolid, duas das dezoito Cidades Criativas do Cinema a nível internacional.

Na Grã-Bretanha, Bradford consegue transformar-se de cidade industrial em declínio em cidade criativa do cinema, proporcionando mais de uma década depois, eventos e festivais constantes, onde o público está sujeito a uma intervenção sensorial absorvendo experiências únicas.

Em Espanha, sendo San Sebastian a capital do Cinema, com referências por toda a cidade à Sétima Arte e com eventos vários a tomar conta do seu quotidiano, foi Valladolid que se candidatou a Cidade Criativa do Cinema da UNESCO, procurando deste modo um estatuto, estando a fazer um percurso muito interessante, apenas interrompido pela pandemia. Não podemos, contudo, esquecer que San Sebastian, Cannes, Veneza ou mesmo Berlim, são cidades fundamentais no panorama europeu do cinema.

Quanto ao caso de estudo aqui em análise, a cidade da Figueira da Foz a pergunta que se coloca é se a cidade reúne as condições necessárias e suficientes para uma eventual candidatura à UNESCO?

A cidade tem desenvolvido ao longo de 126 anos uma dinamização constante e reiterada em torno do Cinema. Desde a primeira apresentação do animatógrafo em Portugal, com a exibição da primeira fita na Figueira da Foz em Agosto de 1896, até às sinergias desenvolvidas entre os muitos e variados agentes culturais, com a presença da comunidade local, a Figueira da Foz foi durante décadas uma cidade que vivia intensamente o cinema.

Este ano, por exemplo, o Município da Figueira da Foz teve um Ciclo de Cinema dedicado aos Cineastas Figueirenses, que decorreu no Centro de Artes e Espetáculos (CAE).

O enorme desenvolvimento da Figueira da Foz a partir de meados do século XIX, o aparecimento de um sector cada vez mais em voga, que se inicia com o “ir a banhos” até se chegar ao turismo, funcionando como alavanca económica assente no período estival, trazendo “banhistas nacionais” e espanhóis, levaria à aposta diversificada de eventos de vanguarda à época, onde entre outros, se situava o Cinema.

Impõe-se uma breve nota sobre o aparecimento da *caixa mágica* e mais tarde do animatógrafo, de modo a situar na época esta novidade. As ideias convergem e muitas vezes aparecem em simultâneo em pontos distintos do globo, e tal não foi exceção com as novas máquinas de projeção de imagens.

A referência aos locais onde eram projetadas as fitas como o Teatro Príncipe Dom Carlos, o Casino Peninsular, o Teatro Salão ou Teatrinho e, finalmente, o Parque-Cine, são aqui desenvolvidas, bem como as associações mais antigas que participaram nesta nova atividade cultural. Também a imprensa e os clubes cinéfilos são explanados neste estudo.

Como seria de esperar, o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (FICFF) tem um papel preponderante na avaliação do estudo de caso. Tendo começado uns anos antes como Semana Internacional do Cinema da Figueira da Foz, é a partir de 1972 que se assume como evento cultural de excelência, quebrando alguma monotonia sazonal da cidade. Os estudantes eram um público por excelência, fazendo parte da memória de muitos, o Casino embandeirado com os estandartes dos vários países participantes, as tertúlias a seguir à exibição, o Café Nicola a abarrotar de gente ainda a comentar as fitas. De facto, a excitação das tertúlias e debates depois dos filmes apresentados, dando a possibilidade de interagir com realizadores ou outros intervenientes famosos eram à época, momentos culturais de enorme dimensão e únicos na vida da cidade. Foram mais de 3 décadas de festival que é interrompido de 2002 a 2013, sendo recuperado como Filmarte em 2014. Os números falam por si, e a sua representatividade está bem viva, fazendo parte do Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz toda a coleção de livros editados em cada ano do certame, com folha de sala de cada filme apresentado, prémios atribuídos e recortes da imprensa da época.

Para finalizar, a Cidade Criativa do Cinema da Figueira da Foz poderá ser dinamizada como uma constelação da cadeia de serviços, envolvendo um número de entidades diferentes e possibilitar o trabalho em rede com outras cidades criativas nacionais e estrangeiras,

abordando temáticas diferentes traçando novas sinergias que ajudariam a redesenhar o território Figueira da Foz.

Por fim, mas não por último, poderá assumir-se como alavanca económica no combate à sazonalidade, no caso específico da Figueira da Foz, através da regeneração de novas áreas das cidades, reparando o território para o desenvolvimento para fins turísticos, ao privilegiar a criatividade, a espontaneidade e a autenticidade, potenciando deste modo o comércio local, a indústria hoteleira e a restauração.

Parte I: Revisão da Literatura

2 Turismo Cultural

2.1 Cultura

Segundo a UNESCO, a cultura é um conceito dinâmico e alargado, em que (...) *O território está ligado à etnia e à cultura que o moldam. Traduzido em termos de espaço, o conceito de cultura refere-se inevitavelmente ao de território. A ideia de cultura, traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da do território. É de fato através da existência de uma cultura que um território é criado, e é através do território que a relação simbólica entre cultura e espaço é reforçada e expressa. Podemos, portanto, chamar de abordagem cultural ou análise geocultural, tudo o que consiste em ressurgir as relações que existem no nível espacial entre o grupo étnico e sua cultura* (Rodrigues, 2018, p. 61).

Existem vários entendimentos sobre a Cultura e hoje estamos perante uma parceria estreita entre esta e o turismo, o que nos leva ao Turismo Cultural.

2.2 Turismo Cultural

A Organização Mundial de Turismo (OMT) definiu o Turismo Cultural como sendo um “conjunto de movimentos de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações” (Richards, (2009), p. 25).

A visão tradicional dos turistas culturais, como pessoas com nível de educação elevado, que visitam atrações instrutivas, surgiu durante o *Grand Tour*, o qual atingiu o seu auge na Europa do século XIX. Esta forma de “lazer conspícuo” (Veblen, 1899) foi reservada à elite social, aqueles que podiam dar-se ao luxo de passar longos períodos de tempo a viajar para completar a sua educação cultural.

A democratização do turismo, proveniente dos pacotes organizados pela Thomas Cook em meados do século XIX, alargou gradualmente o mercado do turismo cultural e abriu um leque mais alargado de destinos culturais. O mimetismo das classes trabalhadoras, a melhoria dos meios de transporte, comunicação e registo de imagem, também contribuíram para a democratização desta prática, tornando a pausa de férias um hábito/necessidade progressivamente mais eclética.

O turismo cultural foi ainda impulsionado pelo crescimento do turismo de massas durante o século XX, uma vez que as viagens aéreas permitiram que as pessoas viajassem mais longe e descobrissem novos e relativamente exóticos destinos de longo curso.

Na década de 1990, o turismo cultural tinha-se estabelecido como um dos principais segmentos do turismo global, com a Organização Mundial do Turismo das Nações Unidas (OMT) a afirmar que 40% dos turistas internacionais eram turistas culturais. A crescente procura cultural foi satisfeita por uma enorme diversidade de locais que procuram colocar-se, e às suas culturas, no mapa global. Os países usaram a cultura para forjar novas identidades e criar culturas nacionais homogéneas. Regiões e cidades empregaram a cultura para o desenvolvimento económico, alimentada pelos gastos de visitantes relativamente ricos.

O turismo cultural também foi visto como uma forma relativamente "boa" de turismo, com visitantes a despendem quantias elevadas, apoiando não só o património cultural local, mas também ajudando no incremento das economias locais, envolvendo na atualidade “essencialmente motivações culturais” (Richards, *Rethinking Cultural Tourism*, 2021).

Segundo Cunha, o Turismo visa o desenvolvimento do país ou da região, facultando a satisfação e experiências positivas aos visitantes nacionais e estrangeiros, possibilitando benefícios económicos às empresas e bem-estar aos trabalhadores, dilatando-se de forma abrangente e holística “à economia mais a sociedade, o homem mais a cultura, o visitante mais a pessoa, a empresa mais o emprego, o território mais o ambiente” (Cunha, 2017, p. 4).

Nem todo o consumo / turismo cultural é estimulado por motivações culturais – muitas viagens a eventos ou atrações culturais têm a cultura como um objetivo secundário. Vários fatores condicionam a atitude e comportamento do turista (por exemplo num dia de chuva troca-se a praia pelo museu). Existem os chamados turistas culturais “por acidente”, cuja motivação e comportamento difere em relação àqueles “aficionados por cultura”, que demonstram uma intenção de consumir manifestações culturais específicas. (Richards, (2009), p. 8).

2.3 O Produto e o Processo do Turismo Cultural

Richards (1996) explica que a cultura se pode imputar a um produto ou a um processo e, neste caso, decorre da antropologia e da sociologia. Um exemplo disto mesmo será um

turista levar um cd de música para férias, obtendo uma experiência diferente nessas férias devido à mudança de contexto (a introdução da música do cd).

Por outro lado, a ideia de cultura como produto foi desenvolvida dentro da crítica artística: afirmando que “o produto cultural é o resultado de atividades individuais ou em grupo a que se anexam determinados significado”. Coloca-se a questão do ponto de vista da filosofia dos valores enaltecendo as perspetivas gerais de vida discutindo-se se isso é subjetivo ou objetivo. Na tabela 1 poderemos observar de forma sucinta quer os nichos culturais quer o perfil do turista atual.

Tabela 1.
Nichos de Turistas

Nichos Culturais	Perfil do Turista
Património	Visita castelos, palácios, casas de campo, sítios arqueológicos, monumentos, arquitetura, museus e sítios religiosos.
Artes	Interesse por arte, teatro, concertos, galerias, festivais, carnavais, eventos e locais literários.
Criativa	Realiza fotografia, pintura, cerâmica, culinária, artesanato e aprendizagem de línguas.
Cultura Urbana	Visita cidades históricas ou industriais regeneradas, desenvolvimentos à beira-mar, artes e atrações patrimoniais.
Cultura Rural	Visita aldeias, quintas e agroturismo, ecomuseus, parques nacionais e seguirá trilhos de vinhos.
Cultura Indígena	Visita tribos (colinas, deserto ou a montanha), centros culturais, aquisição produtos de artesanato, performances culturais e festivais.
Cultura Popular	Interesse por cultura popular, parques temáticos e atrações temáticas, centros comerciais, concertos pop, cinema, eventos desportivos, meios de comunicação, locais de património industrial e museus de moda e design.

Fonte: Elaboração Própria

O turista cultural interessa-se pelo movimento no espaço e pela noção de “viajar”, mas, em simultâneo, procura ativamente a diferença, aliando o turismo ao lazer e estilo de vida. Procura uma autenticidade objetiva na experiência e nas experiências culturais, visando em última instância o seu próprio enlevamento enquanto pessoa. Está consciente da interação com destinos, situações e públicos potenciais, (por oposição a um turismo cultural de enclausuramento, como é o caso do Museu do Louvre, o qual, ao nível dos significados pouco se relaciona com as periferias imediatas). Por vezes idealiza a experiência, mas procura sempre que seja o mais real possível.

Ainda segundo Richards, o retrato do turista cultural descreve-se abaixo (Rodrigues, 2018, p. 72):

- Maioria dos turistas com idades entre os 20 e os 40 anos;

- As mulheres constituem a maior parte dos visitantes;
- Detentores de formação académica elevada, bons rendimentos e bons postos de trabalho;
- A maioria exerce profissões liberais;
- Ocupam mais cargos de responsabilidade;
- Possuem salários cerca de 1/3 acima da média da UE;
- 24% dos turistas culturais detêm uma atividade com a cultura (ou seja, os que trabalham em museus, também escolhem visitar museus no destino escolhido);
- A busca de conhecimento bem como experienciar o ambiente do local, são parte integrante da motivação para a visita;
- A viagem e visita programada é feita com antecedência;
- Os jovens são um público importante, deixando a escolha do local a visitar aquando da chegada ao destino.

Variadas e diferentes, as experiências turísticas “podem ser procuradas pelo mesmo indivíduo: nadar num rio de manhã, visitar um templo à tarde e dançar numa festa na praia à noite”. Smith aponta a geração ZAP, eclética e imprevisível, consumidora de várias experiências onde a interpretação e a imaginação desempenham um papel fundamental no turismo cultural, importante na apresentação do produto do turismo cultural.

Já Gilmore e Pine (2007) apresentam uma visão subjetivista tendo como foco as preferências pessoais do turista, que em última instância confere uma autenticidade à própria experiência. Esta preferência pessoal pode levar a um certo condicionalismo cultural. O turista cultural desfruta de um objeto ou evento na sua essência (K.Smith, 2003).

Will Munsters. refere que um objeto cultural, evento ou espetáculo tem de ser aberto ao público para poder tornar-se um produto de turismo cultural. Munsters, apresenta os recursos culturais em dois grandes grupos, com fronteiras muito difusas, como exposto na tabela 2 (Munsters, 2007, p. 209).

Tabela 2
Recursos Culturais

Recursos Culturais Tangíveis	Recursos Culturais Intangíveis
Sítios Patrimoniais	Sítios Patrimoniais
Monumentos	Tradições e Rituais
Museus	Religião
Percursos	Artesanato
	Arte
	Música e Dança
	Narrativas
	Festas, Festivais e Mercados
	Comunidades
	Identidade e Imagem

Fonte: elaboração própria

Rodrigues aponta para McKercher e Du Cros (2003), apresentando o turismo cultural em quatro dimensões seguintes:

1. Motivação da viagem;
2. Atividade turística;
3. Experiência dos lugares e por fim;
4. Atividades do destino.

As atividades e as experiências procuradas no destino, são cada vez mais um elemento ponderativo na escolha, senão vejamos, recentemente, a Arrival Travel escalonou as 5 principais atrações turísticas (<https://arival.travel/research/nine-attractions-trends-for-2022>) escolhidas pelos turistas em contexto pós pandemia covid-19, como indicado abaixo.

- Parques de diversões / parques temáticos
- Locais culturais, monumentos e atrações naturais
- Museus e Galerias
- Observatórios
- Zoológicos & aquários

2.4 Novas áreas turísticas nas cidades

A regeneração de novas áreas das cidades e o seu desenvolvimento para fins turísticos, deve privilegiar a criatividade, a espontaneidade e autenticidade. O papel individual do turista é muito importante ao ser atraído estas novas áreas, como tem sido estudado em cidades como Londres (GB) e Nova Iorque (EUA). Estes fatores são também apreciados por residentes e trabalhadores (Maitland R. , 2006).

Exemplos de reestruturação da economia da cidade alavancadas pela prática turística, com um desenvolvimento específico, foram aplicados por exemplo na cidade industrial de Bradford ou na cidade histórica de York (Maitland R. , 2006), apostando desta forma numa constante mutação turística. A criatividade no turismo cultural transmuta-se numa estratégia comum de diversificação, “podendo desenvolver novos eventos e festivais, regenerar edifícios antigos e adicionar animação a atrações estáticas”, de forma a direcionar-se para as indústrias criativas (Richards, 2020, p. 2).

O turismo cultural está a mudar, bem como a definição do instrumento de autenticidade adaptado ao turista cultural (Báez-Montenegro, 2017). A conexão entre a cultura e a criatividade na cidade torna-se quase imperativa.

O turismo criativo envolve primeiramente as pessoas com experiências criativas no local. Estas regressam, pois estabelecem relações com o local, as pessoas que as acolhem e com quem partilham as mesmas paixões.

Em suma, estabelecem-se ligações entre as pessoas. As pessoas podem vir porque estão interessadas numa determinada atividade criativa, mas voltam porque criam ligações com outras com quem partilham paixões (Richards, 2021, pp. 2,5). O ideal seria o acompanhamento dessa ação criativa com o envolvimento da comunidade. Contudo existe turismo criativo desenvolvido em workshops, fechados ao contexto local.

Charles Landry e Franco Bianchini em 1995, investigam um novo conceito para as cidades, locais de oportunidades, problemas, mudanças e crises constantes. A valorização da cultura da população aliada à criatividade e ao saber fazer, gera uma competitividade económica, que no final parece algo tão simples e que sempre esteve presente, recorrendo a recursos locais das mais variadas ordens (Landry & Bianchini, 1995, p. 55). Uma “criatividade territorializada” que dependa da localização, protege o local da possível deslocalização desse turismo, por exemplo, o estudo do Fado de Lisboa, apenas se compreende em Lisboa. Outro exemplo será o do Flamenco na cidade de Sevilha, onde a

cultura sevilhana já foi definida como cultura do flamenco, acumulando mais tarde a religião, as tapas e a tradição (Barnasque, 2015).

João Luís Fernandes refere o conceito de geodiversidade diacrónica, em que “um espaço geográfico que, no visível e no não visível, apresenta diferentes padrões em diferentes contextos temporais”, imprime ao espaço urbano uma cadência na mudança permitindo uma fruição sensorial.

Fernandes afirma que o cinema é um dos que mais se territorializa na área cultural, sobretudo na construção de paisagens turísticas. O turista consumidor de cultura também procura os lugares de rodagem de filmes, os espaços de vivência de atores e realizadores, que se tornam em museus de patrimonialização através de lugares de exibição, estreias e concursos. Desta realidade passamos aos parques temáticos, como por exemplo a Eurodisney (de Paris) onde assistimos à representação de Indiana Jones, às várias personagens do universo Disney, ao mítico Oeste Americano ou à Casa Assombrada (Fernandes, 2013).

A criatividade não tira apenas partido de um determinado lugar uma vez que ela própria produz lugares, paisagens e territórios. O cinema é disso um exemplo, onde temos inúmeros casos, desde o “Senhor dos Anéis” na Nova Zelândia ao “Harry Potter” na Inglaterra.

A territorialização do cinema e a sua relação com o território de paisagem, o turismo, e a contribuição para a dinamização de uma cidade, são uma realidade. Há quem defenda que “o cinema é um poderoso mecanismo técnico de controlo dos territórios, em todas as escalas, desde o corpo do sujeito (existência situada) ao global. Tem servido para a propaganda das guerras, gerando uma consciência coletiva de aprovação de conflitos e subalternização de povos e nações” (Virílio, 1999).

A propaganda política dos países também faz uso do cinema, como recurso geopolítico e geoeconómico. O documentário português Primeiro Cruzeiro de Férias às Colónias do Ocidente (1935) é um exemplo deste facto (Costa & Alvarado-Sizzo, 2021, p. 177).

É um facto que o cinema (Audiovisual) tem a faculdade de instruir, educar e de promover a cultura (Vale, Festivais de Cinema em Lisboa, estão Cultural, 2013, p. 24), e segundo Ana Vale, é um vetor fulcral na sociedade atual, divulgada ao segundo através da imagem: “Um filme e o cinema entendidos como uma obra de arte, constituem uma excecional fonte de conhecimentos, de expressão e de leituras sobre vários temas e uma

possível base para desencadear um frutuoso debate sobre uma imensidão de assuntos, sobretudo no campo educacional”.

Para terminar este capítulo, importa referir que há um aspeto negativo em todo este processo, no receio da massificação e da intrusão na identidade e liberdade da comunidade local, por parte do turismo. Não podemos deixar de referir as palavras à revista *Visão* em 2017 do então Secretário de Estado do Turismo, Adolfo Mesquita Nunes “(...) Ninguém pode negar que o turismo, como qualquer outra atividade, gera uma série de externalidades negativas cujas causas e efeitos devem ser tratados da melhor maneira, procurando equilíbrios e tratando de minimizar os danos e inconvenientes que possa causar a terceiros, que os há e não são irrelevantes.” (Adolfo Mesquita Nunes, 2017). A sensibilização destas questões e a sua prevenção, deve ser tratada a montante com regras bem definidas, para bem de todos.

2.5 A UNESCO e a Diversidade Cultural

Desde as pinturas rupestres que o Homem tenta representar a paisagem onde vive. Contudo, só a partir do período renascentista e através da observação da realidade envolvente, os mestres começam a representar e a interpretar a paisagem de forma constante, e desde então que tem estado presente na essência geográfica quer das viagens, na vida artística, política e científica (Gaspar, 2001, p. 85). É precisamente no âmbito da Geografia que nasce o termo de paisagem cultural e é através do trabalho académico desenvolvido nesta disciplina que se compreende a sua evolução (Carvalho & Marques, 2019, p. 82).

No século XX, logo após a I Grande Guerra, começa a delinear-se uma organização internacional, a Organização das Nações Unidas, visando estabelecer uma cooperação entre países de modo a assegurar a paz mundial, dando posteriormente lugar à UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

A Liga das Nações constituiu uma Comissão Internacional para a Cooperação Intelectual, com sede em Genebra, criada em 4 de janeiro de 1922 e reformulada como o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual em 1925.

Nesta data, na Universidade de Berkeley nos Estados Unidos da América, Carl Sauer introduz o termo “cultural landscape” ou paisagem cultural (Carvalho & Marques, 2019, p. 84). A Escola de Berkeley estava ainda muito longe da paisagem cultural que acomoda o cinema enquanto espaço de criatividade. A partir de 1929, promove-se a cooperação

internacional através da educação e da ciência. O acontecimento da II Grande Guerra, há de interromper este processo, mas em 1942, surge na Inglaterra a Conferência dos Ministros Aliados da Educação (CAME), marcando presença não só alguns países europeus como também os Estados Unidos da América.

A investigação geográfica depois de intensa discussão entre a escola francesa e a escola alemã sobre este conceito, sublinha “paisagens culturais” também como área de interesse internacional dentro da comunidade científica de conservação, onde os processos socioculturais e políticos alcançam relevância na interpretação da paisagem, sendo o conceito “aceite” no campo profissional, ganhando ênfase a subjetividade inerente às mesmas, contrastando com a busca de objetividade dos anos de 1960 e 1970 (Carvalho, 2019, p. 81).

Por iniciativa da CAME, promoveu-se a Conferência das Nações Unidas para o Estabelecimento de uma Organização de Educação e Cultura, na cidade de Londres em 1945. Visava a criação de uma organização destinada a estabelecer uma cultura de paz, com base na solidariedade intelectual e moral da humanidade. Desta Conferência, nasce a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), tendo 37 Estados assinado o documento.

A Constituição da UNESCO vigora desde 1946, ratificada por vinte Estados, a saber: Austrália, Brasil, Canadá, China, Checoslováquia, Dinamarca, República Dominicana, Egipto, França, Grécia, Índia, Líbano, México, Nova Zelândia, Noruega, Arábia Saudita, África do Sul, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos da América. O objetivo era *construir a paz no espírito dos homens e das mulheres, através da educação, da ciência e da cultura*. (<https://unesco.missaoportugal.mne.gov.pt/>, s.d.).

Em 1962, a UNESCO recomenda a salvaguarda da beleza e do carácter das paisagens e sítios, por forma a orientar a nomeação para a Lista do Património Mundial, preconizando a preservação do carácter da paisagem, e a proteção das paisagens naturais e rurais. Portugal tem desde 1983, 17 bens inscritos na Lista de Património Mundial. Em 1992 nasce o Centro do Património Mundial organismo autónomo do Secretariado da UNESCO que procede à gestão administrativa da Convenção do Património Mundial.

Em 2003 eclode a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, tendo por objetivos “a salvaguarda, respeito, sensibilização a nível local, nacional e internacional, do património cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos, bem

como a cooperação e o auxílio internacionais, no quadro de um mundo cada vez mais globalizado que ameaça uniformizar as culturas e aumentar as desigualdades sociais”. Portugal tem, desde 2013, sete bens inscritos na Lista Representativa de Património Cultural Imaterial da Humanidade.

Ora, a definição de Património está expressa na Lei de Bases do Património Cultural, artigo 1º da Lei 13/85, de 6 de julho, na qual se defende que “O património cultural português é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”.

A UNESCO envolve-se na preservação não só da paisagem com toda a diversidade morfológica, geográfica e climática, mas também está atenta aos elementos humanos, políticos e culturais, sendo que as paisagens não são estáticas estando sujeitas a mudanças contínuas (Fernandes & Sposito, pp. 205,206).

Podemos afirmar que atualmente, o entendimento de paisagem cultural é holístico, sendo um conjunto de fatores humanos (vivências, mobilidade, tradições, culturas, crenças e religiões, etnicidade e identidades) e naturais (solo, água processos biológicos, geológicos e clima), com interações e colaborações entre si (Zhe Wang ; Nelson Graburn;, 2020). As paisagens rurais são o espelho da mudança, a evolução da comunidade local com a introdução tecnológica em diferentes épocas da história (Zhang & Stewart, p. 39).

2.6 A importância do Turismo Criativo como alavanca económica

Este trabalho tem como propósito demonstrar a valorização do Património Imaterial com tónica na Identidade, sendo esta composta por um conjunto de elementos como a continuidade (sentimento de permanecer ao longo do tempo, o mesmo semelhante a si mesmo); a coerência (representação mais ou menos estruturada, mais ou menos estável, que se tem de si próprio e que os outros dele fazem); a unicidade (sentimento de se ser original, de se querer diferente, de se perceber como único); a diversidade (ser-se várias personagens numa mesma pessoa); a autorrealização (é-se o que se faz, aquilo em que se torna) e por fim a autoestima (tem-se necessidade de desenvolver um sentimento de valor pessoal em si, aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros) (Carvalho A. F., 2014, pp. 28,29).

O turismo criativo alicerça-se num novo paradigma, com a criação de experiências que se baseiam numa participação ativa com o envolvimento do turista na sua produção, sendo

o fruto de *uma sociedade contemporânea mais instruída, mais exigente, mais experiente, mais independente* (<https://www.dosalgarves.com/rev/N17/2rev17.pdf>).

Relacionando agora a paisagem com o turismo, o território adapta-se através das “novas tecnologias, do marketing e dos novos perfis de turistas, encontra novas respostas para novas procuras. (Re) inventam-se percursos, (re) constroem-se imagens há muito perdidas. Dá-se novos usos a velhos espaços. Com outras práticas. Outros tempos de ocupação. Visitas mais curtas. Novas formas de fruição.” (Santos & Costa, 2018, p. 27).

Na verdade, a cultura, o património e o turismo reequacionaram as estruturas sociais e económicas, sendo vetores essenciais na regeneração e revitalização da paisagem quer urbana quer rural, contribuindo para a senda do desenvolvimento económico e social.

Segundo Alexandra Gonçalves, a importância da criatividade apresenta-se como:

Detentora de “maior potencial para criar valor pela sua escassez”;

Permite aos lugares a inovação e conseqüentemente a conceção de novos produtos de forma mais célere, imprimindo vantagens competitivas relativamente a outros locais;

Os recursos criativos são mais sustentáveis e renováveis, ou seja, a criatividade é móvel, utilizando cada vez mais o virtual, independentemente dos recursos culturais e patrimoniais. Os cinco sentidos são parte da experiência proporcionada ao turista (<https://www.dosalgarves.com/rev/N17/2rev17.pdf>). Como um exemplo deste facto, veja-se em Lisboa o recente Museu Quake, que reproduz a sensação do Grande Terramoto de Lisboa em 1755.

Por fim, importa destacar a “salvaguarda do património, através da identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão de conhecimentos através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspetos do património em questão” (Cabral, 2009, p. 39).

O turismo criativo é um ramo do Turismo Cultural, que cruza as características físicas e estéticas gerais de um território específico, com as motivações culturais intrínsecas do visitante (G. Carvalho, 2017; Remoaldo et al., 2020). Crispim Raymondo e Greg Richards em 2000 apresentam o turismo criativo como aquele que permite aos visitantes desenvolverem o seu potencial criativo através duma participação concreta em cursos e experiências de aprendizagem específicas do local que visitam, e fundamentalmente, procura evitar a massificação.

De acordo com Richards (2014) a coprodução de bens e serviços culturais e aquisição de experiências significativas, que geram aprendizagens, em comunidades autênticas que detém conhecimentos diferenciados, de interesse dos turistas, constitui uma das marcas identitárias do turismo criativo. Para Emmendoerfer, o turismo criativo depende do turista como um sujeito coprodutor criativo e consumidor das suas experiências assim como das habilidades criativas dos criadores de experiências:

“O Turismo Criativo é uma experiência turística autêntica resultante da participação e da aprendizagem ativas dos turistas em atividades peculiares na comunidade recetora. Os traços culturais e os produtos associados a economia criativa da comunidade seriam a base para o TC, no qual o turista quer viver como o local, quer se integrar na vida local e criar algo junto, um diálogo, desenvolver a habilidade dos locais, aquilo que é imaterial, intangível” (Emmendoerfer, 2016, p. 3).

A OMT previa para o mercado global de turismo cultural uma taxa de crescimento anual composta de cerca de 36% entre 2017 e 2021. A Technavio previu uma avaliação do mercado internacional de turismo cultural até 2021, em US \$ 10,02 trilhões até 2021, podendo chegar a significar um acréscimo de 40% mais do que outros segmentos do Turismo (Rodrigues, 2018, p. 67).

3 Metodologia de investigação

O processo de investigação aplicado nesta dissertação, compreende um conjunto de teorias (conceitos e premissas), métodos (o caminho para atingir um alvo) e técnicas (permitem a recolha e tratamento da informação).

A metodologia de investigação utilizada foi diversa. Recorreu-se à análise bibliográfica sobre o tema versado, no caso concreto, os métodos de investigação utilizados consistiram numa recolha de dados de fontes existentes (literatura, por meio de artigos científicos e publicações várias, muitas do século XIX, disponíveis no Arquivo Municipal do Município da Figueira da Foz, bem como bases de dados de outras organizações), e por fim dados quantitativos disponíveis no Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz.

Esta pesquisa quantitativa envolveu a análise de dados em valor, nomeadamente aqueles relacionados com o certame do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (FICFF), documentado numa série de publicações anuais que eram publicadas a acompanhar

o certame, onde constavam todos os filmes e consequente informação, que iam a concurso nesse ano, utilizando a evidência numérica para retirar algumas conclusões.

As entrevistas efetuadas a três entrevistados relevantes na investigação, pelo seu trabalho realizado e pelas funções desempenhadas, foram um dos métodos explanados para consequentemente retirar algumas conclusões importantes neste trabalho. Aqui destaca-se a forma qualitativa.

Para terminar, aplicou-se a Técnica de Delphi a 12 pessoas de renome no meio cinematográfico, académicos, atores e realizadores nacionais. Foram efetuadas 2 rondas de questões abertas e de parágrafo longo, pois pretende-se a opinião de especialistas na matéria.

A metodologia Delphi, visa uma ideia ou uma reflexão em torno de uma determinada temática, neste caso a candidatura da cidade da Figueira da Foz a Cidade Criativa do Cinema da UNESCO, apresentada a um painel de 12 especialistas com grau de relacionamento do tema em questão.

Esta técnica, baseia-se em princípios do oráculo grego de Delfos – um dos oráculos que mais se popularizou na antiga Grécia, dedicado ao Deus Apolo – quando os devotos na Antiguidade Clássica consultavam o Deus colocavam questões e pediam conselhos sobre o futuro em termos de vida pessoal, de questões de ordem familiar, moral, política e/ou militar. Ao serem proferidas por divindades, através das sacerdotisas, estas predições eram acolhidas numa atitude acrítica sobre a sua veracidade ou falsidade. Havia, pois, um respeito absoluto e sagrado pela sabedoria oracular. A técnica Delphi pode ser “interessante como instrumento de comunicação, de previsão, de antevisão, de projeção (...), de suporte à tomada de decisões e de orientação de medidas de ação num determinado horizonte temporal” (Moreira, 2013, p. 376).

Visa a obtenção de um conhecimento credível detido por técnicos, por especialistas, por peritos especializados, considerados por vezes verdadeiros experts pelo facto de serem possuidores de conhecimentos alargados e aprofundados sobre temas relativamente específicos. Como técnica de investigação é extremamente versátil adaptada a diferentes domínios do conhecimento e a estudos interdisciplinares, permitindo alcançar a unicidade na diversidade de opiniões, das tomadas de decisão mais participadas, consensualizadas e informadas, permitindo a obtenção de uma análise imparcial e mais correta.

O feedback foi devolvido de forma anónima, apresentando-se neste trabalho reflexão.

A metodologia Delphi compreendeu nesta dissertação, 2 rondas de questões, por forma a obter o resultado mais consensual. A metodologia compreendeu vários passos a seguir identificados:

1. Escolher a equipa;
2. Desenvolvimento de critérios para avaliação de candidatos e especialistas;
3. Identificação de potenciais candidatos;
4. Autorização da participação;
5. Finalização do painel;
6. Identificação das questões e desenvolvimento do questionário;
7. Scoping round, envio do questionário de primeira ronda, neste caso, por email;
8. Organização das respostas;
9. Elaboração do segundo questionário, refinar e calibrar questões, com escala, de forma a suprimir dúvidas;
10. Envio do segundo questionário ao painel;
11. Organização das respostas;
12. Avaliação do momento crítico o qual corresponde ao número de rondas;
13. Fecho do painel;
14. Aplicação e resultado final.

A segunda ronda aprofundou as questões relativas ao certame mais antigo do cinema, bem como enaltecendo o rigor dos resultados sobre este fenómeno e o conseqüente aumento da fiabilidade da investigação. O painel foi induzido a reavaliar, a reconsiderar e a rever a sua resposta, podendo mantê-la ou alterá-la, devendo, no entanto, justificar a sua mudança de opinião. A perspetiva de uma segunda ronda, visou a melhoria do questionário, tendo como finalidade a tomada de decisões estratégicas no futuro.

Findo este capítulo dedicado à metodologia de investigação, passaremos à análise da Cidade Criativa, das existentes em Portugal e não só, e por fim da sua importância no território.

4 Objetivos do tema proposto para análise

A ideia de discutir e analisar a candidatura da Figueira da Foz a Cidade Criativa da UNESCO, visa essencialmente a perceção do Município e seus parceiros culturais para este fim.

A posição do atual Presidente do Município é conhecida e fez parte inclusivamente do seu programa eleitoral. Hoje é sabido que em turismo a chancela UNESCO é uma mais valia,

no entanto é necessário haver vontade política para espoletar a questão, quer em termos de organização, de logística e financeiros.

As partes integrantes das entrevistas efetuadas visaram alguns figueirenses sem a contaminação do sector público, uma vez que este há partida já se mostra favorável. Temos inclusivamente um trecho do Sr. Presidente, ainda em campanha a referir isso mesmo.

Deste modo, esta dissertação visa aprofundar conhecimentos junto da população local e nacional, bem como a possibilidade de materialização da ideia à luz da comunidade especializada e académica.

A exequibilidade do projeto face a uma nova abordagem, ao que já foi feito, e o trabalho em rede é também uma questão que se prevê ficar respondida.

Por fim, a análise dos pontos fracos, caso existam, bem como as desvantagens desta aposta, será também objeto de reflexão.

5 A Cidade Criativa

5.1 O que é a Cidade Criativa e a sua Rede?

A Rede de Cidades Criativas da UNESCO (UCCN) foi criada em 2004 para promover a cooperação com e entre cidades que identificaram a criatividade como um fator estratégico para o desenvolvimento urbano sustentável.

As 295 cidades da rede trabalham em conjunto para um objetivo comum: colocar a criatividade e as indústrias culturais no centro dos seus planos de desenvolvimento a nível local, visando ainda uma cooperação ativa ao nível internacional (unesco.org/creative-cities/content/, s.d.).

Ao aderir à Rede, as cidades comprometem-se a partilhar as suas melhores práticas e a desenvolver parcerias envolvendo os sectores público e privado, bem como a sociedade civil, a fim de:

- reforçar a criação, produção, distribuição e divulgação de atividades culturais, bens e serviços;
- desenvolver centros de criatividade e inovação e alargar oportunidades para criadores e profissionais no sector cultural;

- melhorar o acesso e a participação na vida cultural, nomeadamente para grupos e indivíduos marginalizados ou vulneráveis;
- integrar plenamente a cultura e a criatividade em planos de desenvolvimento sustentável (unesco.org/creative-cities/content/, s.d.).

Na candidatura há que destacar os ativos culturais numa plataforma global; tornar a criatividade um elemento essencial do desenvolvimento económico e social local; reforçar a capacidade local e dar formação a agentes culturais locais na área dos negócios; partilhar conhecimento entre grupos culturais em todo o mundo; cultivar a inovação através da troca de know-how, experiências e melhores práticas; promover diversos produtos culturais no mercado nacional e internacional; criar novas oportunidades de cooperação e parceria com outras cidades.

Importa debater esta temática centrando-a agora na preservação da identidade da paisagem cultural, não descurando a inovação, a criação de uma nova realidade preservando a matriz do passado. A criatividade é fortemente influenciada por alterações provenientes de vários quadrantes. Nesta nova construção é de primordial importância a transmissão do saber, o qual se fixou ao longo do tempo na cultura das comunidades locais (Carvalho & Marques, 2019, p. 93). As paisagens são fundamentais para a identidade local, regional e mesmo europeia, exprimem a unicidade e identidade específica do local e das comunidades onde se inserem, são fruto do passado e constituem um registo de memória coletiva (Correia & d'Abreu, 2001, p. 205). A criatividade aliada ao cinema, poderá envolver a paisagem e projetar-se nesta.

As cidades criativas têm por missão e objetivo fomentar a cooperação entre autarquias para o conhecimento e experiências sobre aplicações de inovação, e ainda fomentar a partilha de boas práticas municipais com vista à melhoria da eficiência económica e social dos municípios.

A cidade criativa tem sido utilizada como alavanca económica e social em cidades com algum declínio, apostando fortemente em estratégias promocionais e políticas urbanas direcionadas, ferramentas apetecíveis para urbanistas e autoridades municipais. Segundo Jinny Tay, os sítios urbanos poderão ser “redesenhados, rejuvenescidos e reorientados num quadro global competitivo”. O consumismo traduzido para os locais como desenvolvimento económico deverá andar aliado aos três vetores: o capital social, redes sociais e competências empresariais (Tay, 2005, pp. 220,228).

Para Landry, a criatividade é caracterizada por especializações, nichos e ideias híbridas, onde a curiosidade, a atitude e liberdade de pensamento mesmo sendo divergente, formam um recurso multifacetado, grandemente determinada pelas competências e talentos de quem vive na cidade e de quem a dirige, levando a que a cidade se repense e se adapte a novas circunstâncias (Landry, 2010, p. 8).

Já para Richard Florida, é a "atmosfera" de lugares particulares e ruas que criam a experiência no indivíduo. A classe criativa, valoriza o consumismo de "experiência" em vez de bens materiais tradicionais, mas também cocria ativamente a experiência do consumidor, sem a utilização de cenários completos e prontos (Florida 2002: 173).

Convém reforçar que as Cidades Criativas da UNESCO visam a promoção e a cooperação com e entre elas, identificam a criatividade como um fator estratégico para o desenvolvimento urbano sustentável, a promoção e fortalecimento das indústrias culturais a nível local e ainda a cooperação ativa a nível internacional.

5.2 A Rede de Cidades Criativas em Portugal

A Rede abrange no total, sete áreas criativas a saber: Artesanato e Artes Folclóricas, Audiovisual, Cinema, Design, Gastronomia, Literatura e Música. Portugal tem 9 Cidades Criativas, a seguir indicadas:

Idanha-a-Nova, Cidade Criativa na categoria música (2015)

Óbidos, Cidade Criativa na categoria literatura (2015)

Amarante, Cidade Criativa na categoria música (2017)

Barcelos, Cidade Criativa na categoria artesanato e arte popular (2017)

Braga, Cidade Criativa na categoria artes mediáticas (2017)

Leiria, Cidade da Música (2019)

Caldas da Rainha, Cidade Criativa na categoria artesanato e artes populares (2019)

Santa Maria da Feira, Cidade Criativa na categoria gastronomia (2021)

Covilhã, Cidade Criativa na categoria design (2021)

Abaixo encontramos uma breve nota sobre cada uma das cidades criativas portuguesas, o seu significado, os sectores e os sentidos destes projetos (dinamização e capital humano, entre outros), no fundo, a sua missão.

5.3 Idanha-a-Nova, Cidade Criativa da Música (2015)

Idanha-a-Nova aderiu à Rede UNESCO de Cidades Criativas no domínio da música, tendo a música antiga como denominador comum na programação anual e plurianual desde 2001.

A existência de grupos de música tradicional nas várias freguesias do concelho, com especial relevo para o uso do adufe, e ainda a Filarmónica Idanhense, o agrupamento profissional Concerto Ibérico Orquestra Barroca (CIOB), contribuíram para a fundamentação desta candidatura. Os cursos internacionais de música antiga (CIMA), as festividades da Semana Santa, o festival anual Fora do Lugar e o Boom Festival (este último fora do contexto tradicional, mas com uma dinâmica e implementação já enraizada) agregam valor criativo à região e não só a esta cidade (<http://cityofmusic.cm-idanhanova.pt>, s.d.).

5.4 Óbidos, Cidade Criativa da Literatura (2015)

A adesão de Óbidos à Rede de Cidades Criativas, fundamenta-se no projeto Vila Literária, desenvolvido desde 2011 fruto de uma parceria entre o Município e a Ler Devagar.

Óbidos Vila Literária é um projeto literário, visando eclosões artísticas e culturais que se realizam no território Nacional, com o reconhecimento da comunidade local, regional, nacional e internacional, como a Rede UNESCO das Cidades Criativas, o IOB-International Organisation of Booktowns, e Festivais Literários Internacionais (<http://obidosvilaliteraria.com/>, s.d.).

Parte da ideia de uma Rede de Livrarias dotadas de espaços específicos para organização de exposições de artes, de concertos, de conferências, de performances, tendo ao seu dispor um conjunto de equipamentos culturais como: museus, galerias e residências artísticas e literárias, desenvolvendo uma simbiose entre escritores, autores, artistas que procuram Óbidos como local de desenvolvimento de projetos.

As atividades de Óbidos Vila Literária são contínuas ao longo do ano, com manifestações de maior relevo nos festivais e encontros literários e artísticos, nomeadamente no FOLIO – Festival Literário Internacional (nas suas diversas e artisticamente abrangentes componentes: Autores, Ilustra, Educa, Folia e Paralelo) e no Latitudes – Literatura e Viagens.

5.5 Amarante, Cidade Criativa da Música (2017)

Amarante assume a cultura e a criatividade como veículos essenciais para o desenvolvimento urbano sustentável e inclusivo, havendo uma clara noção dos objetivos de desenvolvimento sustentáveis.

Para além de vários projetos de qualificação e regeneração ambiental e urbana, procura-se o desenvolvimento económico, vocativo e criativo. Tem ainda como meta o trabalho em rede através de projetos de cooperação internacional, estimulando a partilha de conhecimentos e boas-práticas (<https://cityofmusicamarante.com/>, s.d.).

5.6 Barcelos, Cidade Criativa do Artesanato e das Artes Populares (2017)

Barcelos aplica aqui o conceito de criatividade através de artesanato que envolve a olaria, o figurado, a cerâmica tradicional, os bordados, com especial destaque para o crivo, a tecelagem, a madeira, o ferro e latoaria. Trabalha ainda o couro e o artesanato contemporâneo.

Envolve dezenas de artistas e criadores em inúmeras produções artesanais, tornando-o num Museu Vivo da arte popular portuguesa, verdadeiramente identitário da cultura popular (<http://cidadecriativa.barcelos.pt/>, s.d.).

5.7 Braga, Cidade Criativa das Artes Digitais (2017)

Logo em 2018, Braga detém o título de Cidade Criativa UNESCO no domínio das Media Arts, afirmando-se como uma cidade tecnológica, interliga a arte, ciência, educação, tecnologia e investigação num plano local e cooperativo. Sendo uma cidade milenar a entrar com determinação no século XXI.

As sinergias desenvolvidas entre cientistas e artistas, empresas e academias, agentes políticos e sociedade civil, colocam esta cidade para a linha da frente na promoção da inovação e da criatividade como fatores-chave de um desenvolvimento urbano mais sustentável e inclusivo (<http://www.bragamediaarts.com/pt/>, s.d.).

5.8 Caldas da Rainha, Cidade Criativa do Artesanato e Artes Populares (2019)

Cidade histórica e refúgio da rainha D. Leonor (reinado desde 29 de agosto 1481–25 de outubro de 1495), em que reza a lenda “certo dia, a caminho da Batalha, a Rainha D.

Leonor, há muito afligida por uma ferida que não sarava, terá aqui parado e confirmado as propaláveis maravilhas destas águas termais, mandando erguer, no ano seguinte, um Hospital. Corria o século XV, e assim se apresenta, com toques de história de encantar, a fama de Caldas da Rainha, e a razão do seu nome” (<https://turismodocentro.pt/concelho/caldas-da-rainha>, s.d.).

É conhecida pela sua cerâmica centenária, parte integrante da cultura e da identidade da cidade. Esta indústria remonta ao final do século XV, e utilizava os seus oleiros e a qualidade das argilas locais para fabricar utensílios quer para a população quer para o hospital. Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905), notabiliza ainda mais a cidade pelas suas caricaturas, esculturas e cerâmica.

Hoje em dia os motivos naturalistas, figurativos e satíricos do passado, coexistem com o design contemporâneo e são parte integrante de edifícios, lojas e museus. Em 2018 foi criada nas Caldas da Rainha, na Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria, a Cátedra Unesco de Artes e Gestão Cultural, Cidades e Criatividade, visando promover um sistema integrado de investigação, formação, informação e documentação sobre as artes visuais, a gestão da arte e da criatividade, reforçando a interligação entre o artesanato e as artes populares.

5.9 Leiria, Cidade Criativa da Música (2019)

Leiria distingue-se no panorama nacional e internacional na vanguarda de projetos sociais e artísticos, promovendo a equidade social, a dignidade humana e a inclusão. Alguns dos projetos mais emblemáticos surgem da relação entre a música e a dignidade humana, como por exemplo a *Ópera na Prisão*, *Aqui Contigo* ou *Concerto para Bebés*, mundialmente conhecidos.

Cidade com património natural e arquitetónico ímpar, reinventa-se levando a uma vivência cultural diária, com promoção de eventos como A Porta, Entre muralhas, Música em Leiria. As bandas Pop e Rock, as bandas filarmónicas centenárias, os coros (Orfeão de Leiria), e os grupos folclóricos, contribuem para esta dinâmica musical (<https://www.visiteleiria.pt/>, s.d.).

5.10 Covilhã, Cidade Criativa do Design (2021)

Inserida na Estrela Geopark da UNESCO, a Covilhã conta com 3 museus (Arte Sacra, da Covilhã e Lanifícios, este último polinucleado) e três galerias de arte (Tinturaria, António Lopes e Centro de Inovação Cultural).

Os percursos pedestres incluem as rotas de Arte Urbana, Arte Nova, Descobrir a Covilhã, Judiarias e ainda Património Industrial e a Rota da Lã.

O *New Hand Lab* encontra-se vocacionado para turismo industrial e criativo. A cidade criativa tem como plano a promoção da cultura e da criatividade como valores ecossistémicos, com a salvaguarda do património e dos saberes-fazer tradicionais, enaltecendo os produtos endógenos, principalmente os têxteis (<https://covilhacriativa.com/>, s.d.).

5.11 Santa Maria da Feira, Cidade Criativa da Gastronomia (2021)

A gastronomia de excelência é pano de fundo na oferta turística, com destaque para a doçaria com a Fogaça, os Caladinhos, ou os Doces dos Coimbra, é diversificada com a utilização dos produtos endógenos.

A Fogaça da Feira, com formato arredondado, e quatro bicos (representação de quatro coruchéus da torre de menagem do Castelo), sendo produzida diariamente por todo o concelho Santa Maria da Feira tem no centro histórico uma grande oferta e diversidade de restaurantes de qualidade, desde os mais tradicionais aos mais exclusivos, nos quais a criatividade é omnipresente, quer a nível da produção ou recriação das receitas, da apresentação dos pratos ou da própria gestão dos espaços ou qualidade do atendimento.

6 Dois exemplos de Cidades Criativas do Cinema na Europa e o Cinema visto em Portugal

Convém referir que no primeiro semestre de 2023, as Cidades Criativas do Cinema com a chancela da UNESCO, ascendiam a 21, espalhadas pelos vários continentes, como podemos observar na Figura 1, abaixo indicada.



Figura 1 – Cidades Criativas do Cinema (<https://www.santos.sp.gov.br>)

6.1 A Cidade Criativa de Bradford

Bradford na Grã-Bretanha é a primeira Cidade do Cinema da UNESCO, obtendo desta feita o reconhecimento internacional como um centro mundial de cinema. A herança cinematográfica levou à valorização de locais de cinema inspiradores.

Este reconhecimento em parceria com o trabalho realizado na materialização da cidade do cinema, permitiu o aumento de celebrações da imagem em movimento através dos festivais de cinema, de eventos relacionados e finalmente de “uma abordagem única para aprender sobre o cinema e aprender com o cinema” (<https://www.bradford-city-of-film.com/>, s.d.).

Bradford há muito que é considerada uma cidade amiga (*film friendly*) do cinema, contando com uma série de festivais de cinema chave, eventos relacionados com filmes e master classes. O envolvimento da comunidade local nesta dinâmica, permitiu uma maior fruição do cinema quer a diversidade da oferta turística da cidade através deste.

A *Unesco Creative Cities Network* é uma rede de cidades criativas, que trabalha em conjunto para uma missão comum para a diversidade cultural e desenvolvimento urbano sustentável. As cidades-membro são reconhecidas como "Hubs Criativos" que promovem o desenvolvimento socioeconómico e cultural tanto no mundo desenvolvido como no mundo em desenvolvimento através de indústrias criativas e "aglomerados socioculturais" que ligam comunidades socioculturais diversas para criar um ambiente urbano saudável. Na

tabela 3 encontramos alguns dos eventos promovidos por Bradford, Cidade Criativa do Cinema (www.Bradford-city-of-film.com, s.d.).

Tabela 3

Alguns Eventos promovidos por Bradford, Cidade Criativa do Cinema

BRADFORD FILMS IN BITOLA

Fórum de Cidades Criativas, 3ª edição sob a chancela da UNESCO: As Indústrias criativas – O futuro da cultura e da economia criativa; Desafios pós Covid 19

QINGDAO Filme e televisão Expo

BRADFORD FAMILY FILM FIESTA 2021, 3 a 21 de Agosto

Realizadores de Cinema

Bolsas de Estudo Universitárias direcionadas para a Realização

Corridas de Automóveis e outros eventos

Cidade de cinema da UNESCO – Serviço educativo no cinema e fórum de literacia nos média

“Screen talk special – angry young men”

Bradford em “Seminci Film Festival” (Nova vaga inglesa do cinema desde 1950 a 1960)

“Ilkley Cinema” com filmagens locais da comédia “Say tour Prayers”

MAKE: FILM – Fundos direcionados a realizadores de cinema (show case de talentos contemporâneos) até £1,000)

Fonte – elaboração própria (<https://www.bradford-city-of-film.com/>, s.d.)

David Wilson é o Diretor da Cidade de Cinema da UNESCO de Bradford, do *Small World Film Festival*, do Festival de Cinema familiar de Bradford e do *Golden Years Film Festival*. Foi nomeado *Honorary Fellow in Film* na Universidade de Bradford em 2017. É ainda membro do conselho consultivo do *Centre for World Cinema & Digital Cultures* – Universidade de Leeds, Reino Unido.

Representa a cidade a nível internacional como parte da Rede de Cidades Criativas da UNESCO, desenvolvendo um trabalho em equipa por forma a trazer um impacto social e económico positivo para a comunidade local de Bradford (e do Reino Unido), de modo a garantir que todos os envolvidos percebam. Procede com regularidade a palestras, eventos de cinema, negócios e comunidade enaltecendo a herança cinematográfica de Bradford e a abordagem da cidade como uma cidade criativa, além de escrever sobre filmes e apresentar programas de revisão na TV e na rádio.

Bradford promove "Hubs criativos" visando o desenvolvimento socioeconómico e cultural tanto no mundo desenvolvido como no mundo em desenvolvimento através de indústrias criativas. Apoiá ainda "Aglomerados socioculturais" que ligam comunidades socioculturais distintas de modo a criar um ambiente urbano saudável e sustentável. No quadro 3 estão representados alguns dos muitos eventos promovidos pela Cidade Criativa do Cinema de Bradford, apresentados ao longo do ano (www.Bradford-city-of-film.com, s.d.).

Segundo dados de 2011, e depois da elevação a Cidade Criativa da Unesco em 2009, o valor do turismo para a economia do distrito ascendeu a mais de 500 milhões de libras por ano, estimando-se cerca de 8,6 milhões de viagens diárias ao distrito. Este impacto reflete mais de 13.500 postos de trabalho apoiados pelo sector do turismo e do comércio a retalho. Tricia Tillotson, Diretora do Departamento de Turismo no Município de Bradford, afirmava que "O turismo é de importância crucial para o distrito – Bradford tem algumas das atrações mais maravilhosas, com quatro "hotspots" - Haworth, Ilkley, Saltaire e Bradford" (<https://www.thetelegraphandargus.co.uk/>, 2011).

6.2 A cidade Criativa de Cinema de Valladolid

A 30 de outubro de 2019, fruto do trabalho com os técnicos da UNESCO, Valladolid obtém o reconhecimento como Cidade Criativa da UNESCO, juntando-se assim às restantes cidades em todo o mundo, com a premissa de a criatividade funcionar como motor do desenvolvimento sustentável das cidades no século XXI.

Durante cerca de dois anos, a equipa do Departamento de Cultura e Turismo da Cidade de Valladolid começou a trabalhar nesta candidatura, considerando as diferentes áreas criativas que a UNESCO reconhece como setores criativos (gastronomia, artesanato, design, arte digital, música, literatura e audiovisual).

Venceu a candidatura na categoria: Film -in English and French terminology (línguas oficiais da UNESCO), Cinema, na versão espanhola. A força do Cinema, e do audiovisual na cidade, e o seu carácter transversal aos restantes setores criativos, foram essenciais para obter a designação.

O festival semi-dirigível, com mais de 50 anos de existência, e o dinamismo do Valladolid Film Office, foram os pilares fundamentais da candidatura. Criou-se uma comissão com as entidades mais variadas como se constata pela tabela 4 abaixo indicada:

Tabela 4

Composição da Comissão de Cinema de Valladolid.

Sector Político e Administrativo, representado pela Câmara Municipal
Sector Económico, através da Câmara de Comércio Oficial e da Confederação de Empresários de Vallisoletana
Sector Social, representados pelas duas Coletividades, António Machado e Conde Ansúrez,
Sector Educativo através da Universidade de Valladolid
Sector Audiovisual representando na Plataforma Audiovisual de Castilla e León.

Fonte- elaboração própria (Valladolidcityoffilm.com)

Esta Comissão trata da multiplicidade de concursos como o SEMINCI, ou as muitas atividades que em torno do cinema e do audiovisual são geradas diariamente em bairros diferentes, coletividades e centros educativos locais. Esta diversidade agrega outras vertentes da criatividade como a literatura, música, teatro, artesanato, design, assumindo em parceria com o município, um compromisso geral de manutenção de programas culturais locais tradicionais, não só audiovisuais, que a câmara municipal promove com a ajuda dos teatros, museus, salas de exposições, centros cívicos, centros educativos e sociais. A cidade de Valladolid incorpora cinco principais objetivos (tabela 5) e os projetos concretos a 4 anos, são os indicados na tabela 6 abaixo.

Tabela 5

Objetivos da Cidade Criativa do Cinema Valladolid.

-
1. reforçar as suas políticas e infraestruturas de acolhimento de empresas culturais e audiovisuais.
 2. promover novos horizontes culturais e regenerar a fibra criativa da cidade.
 3. liderar uma abordagem global do cinema sustentável e tornar-se um centro internacional de inovação em novas tendências e técnicas audiovisuais.
 4. promover o cinema nacional e internacional na cidade.
 5. abrir um quadro para o intercâmbio de estudantes do cinema e do audiovisual de cidades e regiões criativas sub-representadas na globalização cultural.
-

Fonte – elaboração própria (Valladolidcityoffilm.com)

Tabela 6

Projetos médio prazo Cidade Criativa do Cinema Valladolid.

-
1. A criação de um centro de documentação sobre cinema
 2. A criação do "Fórum dos Escritores de Cinema", estabelecendo parcerias com cidades criativas da literatura
 3. Projeto universitário no meio educativo audiovisual prevendo o lançamento do "Mestre do Cinema", um novo título académico
 4. Uma Área da Inovação com diversos criadores adaptados aos programas europeus, utilizando espaços industriais obsoletos convertidos em espaços criativos.
-

-
5. Sinergias com a Câmara de Comércio e Indústria, visando o apoio ao empreendedorismo na área das indústrias criativas.
 6. Parcerias com cidades de África e América Latina, com potencial indígena.
 7. Projetos vocacionados para jovens, como a iniciativa #Meetyou recentemente lançada em Valladolid.
 8. Projetos, como Pajarillos Educa e Culturáfrica, os quais atuam para além-fronteiras. mais próximos do que pensamos.
-

Fonte - elaboração própria (Valladolidcityoffilm.com)

Estes projetos têm valores estimados pelo município e apontam para um investimento anual de 1,2 milhões de euros nos próximos 4 anos (60% irão para iniciativas locais e 40% para iniciativas internacionais).

Prevê -se que 50% dos fundos possam ser obtidos a partir de programas europeus, subsídios de outras administrações, patrocínios e, em alguns casos, de rendimentos provenientes da venda de bilhetes ou outros produtos derivados. A pandemia por Covid-19 veio desacelerar a implementação e dinamização do projeto, tendo sido Espanha um país muito afetado pela pandemia, onde o número total de casos notificados desde o início da pandemia foi 5,585 milhões, tendo já sido reportados 88,88 mil óbitos (<https://agenciabrasil.ebc.com>).

6.3 Breve nota sobre a adesão do público português ao cinema

Segundo dados apurados no estudo desenvolvido por GER-Barómetro da Cultura de 2022, a maioria dos portugueses gostaria de assistir a mais cinema, tendo mesmo existido um aumento de 2,8 % (77,5% para 80,3%) de indivíduos interessados desde 2019 a 2022.

Durante o ano de 2022, ano da publicação do GER, cerca de 40% da população afirma ter visto um filme algumas vezes por mês. Contudo, mais de 20% afirmam que o fizeram várias vezes por semana, elevando os filmes ao produto cultural mais consumido e com maior regularidade pelos portugueses, praticamente transversal a todos os segmentos (GER-Barómetro-da-Cultura-2022, p. 103).

As faixas etárias mais interessadas em cinema são as compreendidas entre os 25 anos com uma variação de 80,1%, e 87%, entre 2019 e 2022, e os 44 anos de idade com uma variação entre 81,5 e 85 % no mesmo período, como se observa na tabela 7. Iremos considerar esta a faixa mais representativa no estudo presente.

A vontade para assistir a mais filmes tem alguma variação no género, e no último ano é maior entre as mulheres do que entre os homens, como se observa na tabela 8.

Tabela 7

Variação do interesse em cinema por idades e em percentagem

2019	2022	Var. %	Idade
80,1%	87 %	+ 6,9 %	25 anos
81,5%	85 %	+ 3,5 %	44 anos

Fonte – Elaboração própria (www.ger.barómetro da cultura)

Tabela 8

Interesse segundo o género

Género	2019	2020	2021	2022
Masculino	73,6 %	54,7 %	72,4 %	81,0 %
Feminino	63,5 %	81,4 %	76,8 %	83,9 %

Fonte: Elaboração própria (www.ger.barómetro da cultura)

É a faixa etária entre os 25 anos e os 44 anos de idade, que se queixa de menos disponibilidade para assistir a filmes, sendo em 2019 o valor 64,5%, baixando em 2022 para 59,8%.

O comportamento dos consumidores portugueses de cinema, da faixa mais representativa, tem tido uma variação que se observa na tabela 9, abaixo. Verifica-se uma quebra na assistência em sala de cinema, no período pós pandemia. Os anos seguintes determinarão se o comportamento se alterou ou se foi fruto do receio de infeção pelo Covid-19.

Tabela 9

Comportamento dos portugueses entre os 25 e os 44 anos face ao cinema

Onde vê Cinema?	2020	2021	2022
Televisão	70,4%	48,9%	70,5%
Internet	47,5%	26,3%	26,5%
Sala de Cinema	74,0%	76,5	62,4

Fonte: Elaboração própria (Barómetro da Cultura 2022)

De maneira geral, a maioria dos portugueses gostaria de ver mais filmes do que aqueles que vê atualmente (ver tabela 10). Esta percentagem é mais elevada na faixa etária dos 25 aos 34 anos e mais baixa entre os mais velhos.

Tabela 10

Percentagem de portugueses que gostaria de ver mais cinema (faixa etária entre 25-44 anos)

2019	2020	2021	2022
77,5%	59,1%	76,9%	80,3%

Fonte: Elaboração própria (Barómetro da Cultura 2022)

Deste estudo retiramos ainda um dado curioso, que nos diz que os jovens aderem mais à internet, mas são os adultos jovens que avançam nas opções de *streaming*, as quais têm vindo a aumentar, atingindo em 2022 mais 50% de adesões. Para tal, o conforto de um pagamento mensal permitindo a assistência em casa, aliado aos novos hábitos adquiridos durante a pandemia, terão sido responsáveis por esta alteração de comportamento face ao cinema e como se vê cinema.

Parte II: Ligação Histórica da Figueira da Foz ao Cinema

7 A Caracterização sócio económica e histórica da Figueira da Foz

7.1 Breve retrato sócio económico da Figueira da Foz.

A Figueira da Foz situa-se no Centro de Portugal, junto ao Oceano Atlântico e no Estuário do Rio Mondego (figura 2A), sendo detentora de paisagens variadas tais como as praias, o rio, as salinas, os arrozais e ainda a Serra da Boa Viagem. Segundo os dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística (2021), o concelho da Figueira da Foz é composto por 58.962 habitantes, distribuídos por 14 Freguesias (figura 2B): Alhadas, Alqueidão, Buarcos - S. Julião, Ferreira Nova, Lavos, Maiorca, Marinha Das Ondas, Paião, Quiaios, Tavarede, Vila Verde, S. Pedro, Bom Sucesso, Moinhas da Gândara, sendo as mais populosas Buarcos, São Julião- Buarcos e Tavarede, com cerca de 28.000 habitantes.

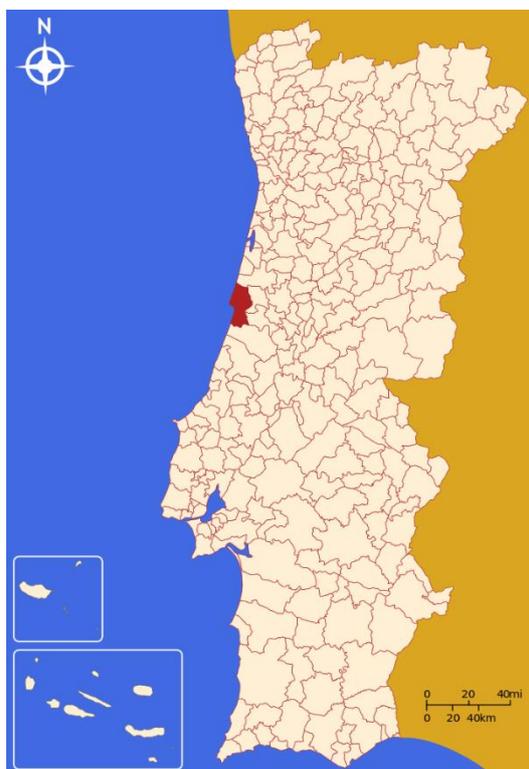


Figura 2A– Localização do Município da Figueira da Foz

Fonte: cartografia Wikipédia

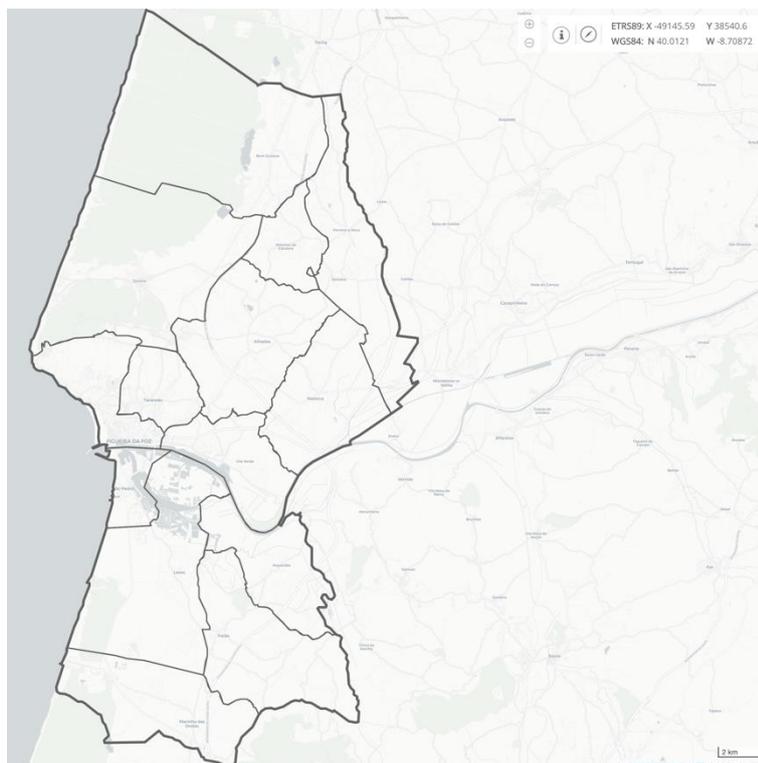


Figura 2B– Delimitação das 14 freguesias do município da Figueira da Foz

Fonte: <https://geo.cim-regiaodecoimbra.pt/mapa>

A maioria da população existente no concelho é da faixa etária entre os 25 e os 65 anos, compreendendo um total de 30.115 habitantes. Ainda destes dados podemos retirar que 13.000 habitantes possuem o 1º ciclo de escolaridade completo, 12.782 possuem o secundário completo e 9.810 habitantes detém o grau de licenciatura, havendo neste caso

uma evolução 30% em relação a 2011. O concelho distribui-se por uma área de 379 Km² (www.ine.pt/, s.d.).

Para uma melhor compreensão do peso do turismo na economia do concelho apresentam-se as dormidas nos estabelecimentos hoteleiros por localização geográfica e tipo de estabelecimentos, na tabela 11, mostra-se que os valores antes da intervenção do Fundo Monetário Internacional em Portugal são muito próximos do período do primeiro ano em pandemia, tendo por base o melhor desempenho de sempre nos anos de 2017, 2018 e 2019, (<https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-regionais>, p. 14), e que devido à pandemia viu esse crescimento diminuído logo em 2020.

Tabela 11

Dormidas nos estabelecimentos hoteleiros na Figueira da Foz

2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
175740	246345	285517	322338	328225	322319	162173

Fonte – Elaboração própria com base no relatório www.gee.gov.pt

Abaixo, na tabela 12 e de modo a compreender melhor o concelho em termos de riqueza gerada, verificamos a existência das várias indústrias e serviços mais relevantes, segundo dados de 2017.

Tabela 12

Atividades Económicas do Concelho da Figueira da Foz por volume de negócios

Sector de atividade	Volume de negócios
Indústrias transformadoras	1.806.0474,54 €
Grossitas	271.422.313 €
Retalho	160.487.607 €
Transportes	89.593.465 €
Construção	80.434.400 €
Serviços	73.573.998 €
Agricultura, pecuária, pesca e caça	49.963.834 €
Alojamento	42.022.136 €

Fonte: www.cm-figfoz.pt/cmfigueiradafoz (dados de 2017).

As dormidas no concelho tiveram um incremento de 2001 para 2021, o que denota um aumento da pernoita em hotéis, *guest houses*, *hostels* e alojamento local, com um total de 176.763 dormidas em 2001, passando para 227.967 dormidas em 2021 (www.pordata.pt/municipios/dormidas, s.d.), o que equivale a um aumento de cerca de 75%. Não se pode deixar de mencionar a crise financeira que o país atravessou em 2008, e que viu a retoma a partir de 2013, de forma ainda lenta, mas já no caminho do desenvolvimento do turismo, teve influência nos valores verificados na Figueira da Foz. Em 2020 e 2021 observamos anos atípicos devido à pandemia que assolou o planeta, levando ao abrandamento dos números, muito notório no sector do turismo o qual atingiu valores históricos em baixa, em 2019.

Estes números são importantes para posterior análise desenvolvida na conclusão deste trabalho.

Para melhor compreender o estudo em causa, optou-se por fazer uma breve nota histórica da cidade, desde a sua génese até a atualidade.

7.2 Breve história da Figueira

Nas descobertas arqueológicas de Santos Rocha, foram encontradas uma série de vestígios de instrumentos de sílex e quartzo lascados, na Rua Dez de Agosto. O que permitiu concluir a existência de fixação humana no lugar no período do Neolítico (Rocha, 1954, pp. 21,22).

Rui Cascão escreve na sua monografia, que existia um povoado do período suevo-visigótico na Figueira da Foz. Em 711 com as invasões muçulmanas no território, tem início a Reconquista Cristã e em 1064 dá-se a reconquista da cidade de Coimbra sob os comandos do governador Sisnando Davides, indicado para o cargo por Fernando Magno, Rei de Leão e Castela. Por morte do governador em 1092, é indicado o Abade Pedro para proteger a região (os Serracenos teriam destruído a igreja de São Julião). É regida a carta de Abade Pedro ao Cabido da Sé de Coimbra em 1096, doando a igreja matriz e territórios anexos. Posteriormente, já no reinado do rei de Portugal D. Afonso Henriques, no seu primeiro testamento datado de 1143, o monarca faz a doação ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra de uma parte da Alta da povoação sendo que a outra parte já pertencia à Sé de Coimbra.

A 1 de Maio de 1237, o Cabido doa algumas herdades e campos de cultivo locais, nas proximidades da igreja matriz, a três homens - Martim Miguéis, Domingues Joanes e Martim Gonçalves (Casção, 2009, pp. 72,78).

Os seus habitantes tinham uma vocação dotada para a exploração agrícola do povoado, havendo, no entanto, já um pequeno aglomerado de pescadores em Buarcos, na praia. Entre os séculos XI-XII, o povoado deu espaço para o desenvolvimento das atividades marítimas e comerciais. Do século XIII até ao século XVI estas povoações foram sendo assinaladas pelos diversos Reis de Portugal.

A pequena vila piscatória acabou por ser doada ao Mosteiro de Santa Cruz em 1206, pelo bispo D. Pedro Soares, ficando os frades crúzios na posse de todo o território. Buarcos teve primeiro foral em 1342, dado por D. Afonso IV. Em 1411, a vila e o seu castelo (torre de menagem reconstruída por Sisnando Davides) foram doadas a D. Pedro, Duque de Coimbra, e em 1466 D. Afonso V entrega-a ao seu filho, o Príncipe D. João II. Seguiu-se, em 1516, um foral manuelino. Também as povoações de Tavarede, Lavos, Maiorca têm importância administrativa do reino e judicial neste século, com a reforma e a atribuição de forais por El Rei D. Manuel.

A região desenvolve durante o século XVII e XVIII uma importância estratégica e económica que é visível com a introdução de uma casa alfandegária com respetivo superintendente, cujo movimento era fiscalizado pelo Santo Ofício (digitalq.arquivos.pt (anos:1694-1724)). Não será alheio a este facto a escolha do Bispo João de Melo, Inquisidor do Santo Ofício, a escolha da Casa do Paço como sua habitação secundária.

Em 1771, a Figueira da Foz vê o seu “batismo” com a elevação a vila a 12 de Março, completando-se neste ano transato, 250 anos desse mesmo acontecimento. Segundo José Fonseca, o largo onde seria colocado o pelourinho (símbolo da autonomia da vila) por ordem de El Rei D. José I em 1782, era por excelência “a sala de visitas da povoação, o local destinado a transações, o centro para onde convergiam todas as atividades e onde habitavam as pessoas mais gradadas da terra”. A Figueira da Foz acabaria por agregar todas estas povoações (os concelhos existentes são extintos em 1836). A importância económica da vila no século XVIII, prende-se com o comércio de sal (cerca de 100.000 toneladas por ano segundo Lacerda Lobo), vinho, madeira, pesca e construção naval, a ainda as minas do carvão na Serra da Boa Viagem.

A vila servia ainda, muitas vezes, de porto de abrigo e de paragem obrigatória, para quem fizesse a travessia de Lisboa ao Porto de barco, dadas as condições inóspitas do Atlântico.

Quer por barco quer por terra, começa a verificar-se a vinda de uma classe social alta/média que procura o ar do mar para se revigorar. Mais tarde serão denominados os “banhistas”.

No século XIX a Figueira da Foz tem a sua “Idade de Ouro”. O dinamismo marcado por empresários que aqui se instalam (como foi o caso do primeiro presidente do Grémio da Figueira da Foz, o portuense José Soares e mais tarde Joaquim Simões da localidade de Abrunheira), aliado a grandes nomes do poder político (como o Ministro Fernandes Coelho ou o Juiz Fernandes Tomás), e ainda a uma nova classe de académicos eruditos (Conde de Monsaraz, Ramalho Ortigão e Camilo de Castelo Branco entre muitos outros) levam a cidade a entrar realmente numa nova era.

Na segunda metade do século XIX, com a construção de um Bairro Novo, Francisco Maria Pereira da Silva funda a “Empresa do Novo Bairro de Santa Catarina”, na alta da vila constituído por terrenos arenosos, baldios, matas e vinhas, com a finalidade de criar uma zona mais exclusiva ao edificar casas para os associados, à semelhança de outras cidades balneares da Europa como Troville, Biarritz, Dieppe e Arcachon (Costa F. J., pp. 160,161).

Segue-se a conquista de terrenos à foz do rio visando um mercado coberto e a construção de um jardim municipal no aterro provocado pela dita construção.

Álvaro Biscaia afirma que “o convívio, a discussão social, política e as tertúlias, marcavam uma época” (Biscaia, 2010, p. 59).

O governo decreta a construção da Linha da Beira Alta a 21 de Fevereiro de 1874, com sucessivos avanços e recuos, até que a 3 de Agosto de 1878 é estabelecido um contrato com a Sociéte Financiere de Paris.

Constituíam-se a Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses da Beira Alta, iniciando-se o troço que ligará a Figueira da Foz à Pampilhosa da Serra (passando por Alhadadas, Casal dos Bentos, Seixido, Santo Amaro, Azenha Nova e Ferreira, Bebedouro, Arazede, Limede, Cantanhede, Orentelha, Canedo) e daqui todo o percurso até Vilar Formoso e finalmente, Espanha.

A Figueira da Foz tornar-se-ia na praia mais próxima de Madrid.

Estavam lançados os pilares para uma cidade estrategicamente voltada para o turismo.

As construções de unidades hoteleiras proliferaram em redor do casco velho da vila, como o Hotel Reis frente à Casa do Paço, ou o Hotel Hespagnol junto ao jardim (mais tarde colégio ministrado por freiras), os banhos quentes da Pensão Vila Mar situada na Avenida do Mar (hoje, avenida 25 de Abril) ou ainda o Hotel Universal junto ao Largo do Carvão localizado na antiga Praça do Comércio (Arquivo Histórico, Município da Figueira da Foz, 2020). Esta viagem pela história da cidade irá levar-nos a uma melhor compreensão do enquadramento sócio económico em que aqui surge o cinema. Para tal foi determinante a introdução da linha de caminho de ferro da Beira Alta, como a seguir se analisa.

A inauguração da linha da Beira Alta foi efetuada com pompa e circunstância, estando para tal evento presente a própria família real, relatado no Jornal Ecos da Figueira, representado na imagem 1. A imprensa local relata vários factos entre eles o seguinte “ Suas Majestades, a comitiva e Ministros, chegaram à estação desta vila às 9.30h do dia 3, sendo esperados pela Câmara Municipal, Autoridades, Associação Comercial e pela Força de Infantaria nº 18.(...) era imensa a multidão de povo que queria ver e vitoriar o Senhor Dom Luís I e a excelsa Rainha (...) A Estação oferecia um panorama esplendido. Em toda a parte bandeiras e galhardetes (...)” (1882). Salvas de tiros, alvorada pela Filarmónica Dez de Agosto que executou o hino nacional junto aos paços do Concelho situados na Praça Nova, girândolas de foguetes, para gaudio da população.

O almoço oferecido na Casa do Paço pelo Clube Progressista, deixou o monarca feliz e terá brindado com *champanhe Théophile Roederer*, ao “progresso transportado por locomotivas e carruagens viajando sobre os novos carris” (Foz, 2018). Elevaria a vila a cidade a 20 de Setembro desse mesmo ano e em Novembro de 1882, Santos Rocha ocupava o cargo de Presidente da Câmara Municipal.

Nascia a necessidade da oferta cultural à cidade jovem e revigorada, cheia de vida no período do estio. Os locais de lazer tornam-se imperativos e a oferta de atividades também. Os novos banhistas, muitos com poder económico, jogadores *habitués* no Casino Peninsular, eram um público exigente e ávido de experiências em espaço de lazer. É neste contexto histórico que começa a desenrolar-se o interesse pela sétima arte, sendo esta a época de referência para situar a importância do cinema na Figueira da Foz.

No decorrer do século XX a Figueira da Foz impõe-se como destino turístico de Sol, praia e mar, e ainda desenvolve um interessante polo industrial, a partir da década de 1960,

com a abertura ao investimento estrangeiro proporcionado pela Primavera Marcelista. Hoje, é na Região Centro um dos concelhos com maior volume industrial graças à instalação de duas fábricas papeleiras a sul do concelho, e de outras indústrias. Proporcionando ainda a manutenção do porto comercial e sua constante revigoração.

O cinema fazendo parte da vida da cidade tem uma alavanca própria com a introdução do Festival de Cinema a partir de 1972, como veremos adiante neste estudo, donde se torna necessário situar o início da inovação do processo de representação de imagem em movimento e um pouco da sua história, como se analisa seguidamente.

8 Contextualizando: Breve resumo sobre a história do cinema na Europa

8.1 A “lanterna mágica”

A lanterna mágica, ou epidascópio, é a antecessora dos aparelhos de projeção modernos. Este engenho, já tinha sido apresentado de forma mais rudimentar por Leonardo Da Vinci, mas apenas no século XVII, surge a apresentação da imagem colorida projetada numa tela, através de um foco de luz gerado por querosene.

Uma das primeiras descrições encontradas é a do sacerdote Jesuíta, Athanasius Kircher, na sua obra “Ars Magna Lucis et Umbrae”, de 1645. Contudo, o nome de lanterna mágica terá sido dado pelo dinamarquês Thomas Walgenstein.

A lanterna mágica era formada por uma câmara escura e um jogo de lentes com uma objetiva acoplada no seu frontispício, possuindo no seu interior lentes de condensação, um espelho que reflete a luz para a frente inicialmente transmitida por uma chama (vela, gás, querosene, entre outros) ou por um gasómetro (carboneto de cálcio) ou ainda pelo sol. No final do século XIX, seria emitida pela lâmpada elétrica. As placas de vidro que continham as imagens, eram colocadas numa ranhura entre a objetiva e as lentes de condensação, e projetadas numa parede branca ou tela fina. Tanto eram projetadas imagens avulsas como uma sequência duma história, muitas vezes com efeitos primários de animação com recurso a movimentos mecânicos operados por alavancas, máscaras sobre os vidros, movimentos óticos da objetiva e por pequenas marionetas. Era assim possível criar a ilusão de movimento movendo os vidros. Mais tarde, este aparelho de projeção de imagens translúcidas coloridas à mão sobre vidro, daria lugar ao projetor de diapositivos e do cinema, funcionando como

brinquedo ótico, instrumento de entretenimento para o lar ou em feiras ambulantes, teatros e por fim como recurso pedagógico nos meios académicos como a Sorbonne.

No fundo foi um conjunto de invenções que ocorrem a partir de finais do século XIX, com a junção de várias invenções de várias pessoas, com práticas de representação visual pictóricas. Começa o interesse em projetar imagens fotográficas através de instrumentos óticos, percursos do cinema, associado a um processo de inovação tecnológica, que em muito beneficiou do passado da fotografia. (<https://cultura.madeira.gov.pt>).

8.2 A apresentação cinematográfica em Portugal e na Figueira da Foz

Conhecido como o *eletricista de Budapeste*, Edwin Rousby foi o responsável por introduzir o cinema em Portugal, pela mão do empresário, António Manuel dos Santos Júnior, conhecido como o “Santos do Colyseu” de Lisboa, que ao assistir à sensacional novidade em Espanha, decidiu revelar o Animatógrapho em Portugal.

A primeira apresentação teve lugar no Real Colyseu de Lisboa, na Rua da Palma, a 18 de Junho de 1896. Convidou Edwin Rousby que veio de Madrid, e terá chegado a Lisboa a 15 de Junho. A apresentação do Theatrographo de Robert W. Paul - e não do vulgarmente anunciado Kinetoscopio de Edison - decorreu no início da tarde do dia 18, para a Imprensa, seguindo-se à noite a divulgação ao público.

Lisboa foi a oitava grande cidade europeia a alcançar tal privilégio. Segundo a imprensa lisboeta da época “todos aqueles personagens que num pequeno quadro se movem aos nossos olhos, têm vida, têm alma; aqueles movimentos são perfeitos, aquela vista da Ponte Nova de Paris é de um efeito surpreendente, e aquelas danças guerreira. Aqueles bailes parisienses, aquele bailio egípcio, aqueles serralheiros forjando na oficina, tudo aquilo tem tal carácter de verdade e de vida, que o público que quase enchia ontem a sala surpreendido e encantado, e num recolhimento silencioso enquanto à sua vista desfilavam aqueles interessantes quadros, rompeu em bravos e palmas, aclamando com todo o entusiasmo Mr. Rousby, que tão superiormente exhibe a maravilhosa invenção de Edison” (Correio da Manhã, 1896).

A 22 de Junho, Rousby concluía os cinco espetáculos para que fora contratado, logrando Santos Júnior retê-lo no Colyseu, embora já estivesse comprometido com sessões em Barcelona.

A 17 de Julho, o Animatographo Rousby exhibia-se no Theatro-Circo do Príncipe Real no Porto, em sessões a que assistiu Aurélio da Paz dos Reis, (1863-1931), republicano e a quem se chama o “pai do cinema português”.

Paz dos Reis residia no Porto e a sua atividade principal estava ligada à floricultura. São da sua autoria os primeiros filmes hoje na posse da Cinemateca Portuguesa, como “Saída do Pessoal Operário da Camisaria Confiança”, “O Vira”, “Feira do Gado da Corujeira” e “O Jardim”, todos rodados em 1896 (Costa J. B., 1991).

Seguiram-se Espinho e Figueira da Foz. (<http://cvc.instituto-camoes.pt/cinema/factos>, s.d.).

Portugal rapidamente entra na senda cinéfila e impõe-se uma breve nota sobre esta realização. O cinema disseminou-se por um processo de difusão cultural e territorial.

Em 1910 Carlos Santos realiza *Rainha depois de morta. Inês de Castro*. Mais tarde e já nos anos 30, 40 e 50 do século XX, (com grandes nomes como Leitão de Barros, António Lopes Ribeiro, Armando Miranda ou o jovem Manoel de Oliveira) em Portugal a realização e os argumentos seguem a política e a moral dos bons costumes do Estado Novo, primeiro com romances históricos passando às comédias e romances, ou mesmo filmes de propaganda acompanhados pela ambiguidade ideológica e estética do regime.

O reconhecimento do papel fundamental da propaganda nos Estados modernos, levou à criação de um Secretariado de Propaganda Nacional junto da Presidência do Conselho de Ministros, em 1933. O Secretariado dirigiu e superintendeu a propaganda nacional, centralizou os respetivos serviços e coordenou a informação de todos os Ministérios.

António Ferro, figura principal na primeira década no Estado Novo, empreendeu a concretização da política de propaganda do regime. Foram implementadas à época ações:

1. regulamentar as relações da imprensa com os poderes do Estado; editar publicações que dessem a conhecer a atividade do Estado e da Nação Portuguesa;
2. centralizar a informação relativa à atuação dos diferentes serviços públicos;
3. preparar manifestações nacionais e festas públicas, com intuito educativo ou de propaganda;
4. combater as "ideias perturbadoras e dissolventes da unidade e interesse nacional";
5. contribuir para a solução dos problemas referentes à "política do espírito", através da colaboração com artistas e escritores portugueses e do estabelecimento de prémios que estimulassem uma arte e uma literatura nacionais;
6. utilizar a radiodifusão, o cinema e o teatro como meios indispensáveis à prossecução da sua missão.

No exterior, promoveu a superintendência em todos os serviços oficiais de imprensa que atuassem fora do país; realização de conferências e incentivo ao intercâmbio com jornalistas e escritores; elucidação da opinião internacional sobre a ação exercida nas colónias portuguesas; promoção e patrocínio das manifestações de arte e literatura nacionais, nos grandes centros urbanos.

A partir de 1939, o Secretariado de Propaganda Nacional recebeu as competências do Ministério do Interior em matéria de turismo, considerado um instrumento privilegiado de promoção e propaganda do regime e em 1940 integrou o Conselho Nacional de Turismo e posteriormente tem a incumbência de registar as informações relativas à atividade desenvolvida por jornalistas estrangeiros, em Portugal.

Surge um novo organismo, a partir de 1944 designado por Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, o qual concentrou os Serviços de Turismo, os Serviços de Imprensa, a Inspeção dos Espetáculos, o exercício da censura, os Serviços de Exposições Nacionais e os Serviços de Radiodifusão. Foram criados o Fundo do Cinema Nacional e o Fundo do Teatro Nacional, em 1948 e em 1950, respetivamente (<http://digitarq.arquivos.pt/Torre do Tombo>).

Nos anos 60 e 70, com Portugal na NATO e na ONU, com o fantasma da Guerra Colonial o cinema ganha espaço educativo, aplicado à massa populacional analfabeta (Torgal, 2000, pp. 21, 33).

É neste contexto sócio político que surge o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, que mais adiante retomaremos.

Com a Revolução dos Cravos, e durante o final da primeira metade da década de setenta, o país abre-se a uma cinematografia mais lata, proveniente do leste europeu, da China e de Cuba. O fascínio por Hollywood, pelo cinema europeu e de autor continuaria pelas décadas seguintes, com uma intensificação de eventos e festivais mais tarde no país nomeadamente em Lisboa (Indie, Monstra, Queer, Doc) e no Porto (FantasPorto).

Precedemos a uma análise dos locais mais emblemáticos relacionados com o cinema na Figueira da Foz.

9 A Figueira da Foz e a sua relação com o cinema

9.1 Os locais emblemáticos da sétima arte na Figueira da Foz no final do Século XIX

O Teatro Príncipe Dom Carlos

Este teatro, cujo projeto foi da autoria do Engenheiro Adolfo Loureiro seria inaugurado a 8 de agosto de 1874 (dois anos após o início da construção). Segundo Rafael Calado, este belíssimo teatro com mais de 700 lugares, estando dispostos pela plateia com 253 lugares, os camarotes com 42 lugares e as galerias 130.

Na figura 3 observamos a sua localização frente ao hoje Café Nau, na parte central da vila, no último quarteirão do Norte do novo bairro do Cais “...rés do chão de pé direito alto, cheio de portas, o primeiro andar com 3 sacadas na fachada principal, frente à doca desassoreada, com um terraço aberto com varanda de balaústre, a cada esquina, tendo à entrada um vasto vestíbulo, por baixo do salão da frente, onde havia dois bilhares e uma sala de jogo de cada lado. O vestíbulo dava para um corredor donde se entrava para a plateia e se subia de ambos os lados, para as duas ordens de camarotes para o salão e para as varandinhas, junto ao teto. Este em estuque bem trabalhado, tinha uns medalhões em gesso moldado e pintado, feitos por uma pessoa de rara habilidade e distinto calígrafo” (Calado, 1941).



Figura 3. Teatro Príncipe.

Fonte: Arquivo Fotográfico Figueira da Foz

Com a instauração da República, em 1911 passaria a denominar-se apenas Teatro. A 10 de Abril de 1909 serão aqui projetadas sessões animatográficas, como relata a imprensa, acrescentando que “...a concorrência foi regular com êxito favorável na exibição do programa”. No dia 14 de Maio de 1909, o jornal “A Voz da Justiça” escreve que foi

deslumbrante o programa exibido no Theatro Príncipe, realçando a magnificência da fita “A Boneca Elétrica” a qual tinha já atraído inúmeros espectadores em Coimbra, perspetivando-se o mesmo sucesso na Figueira da Foz.

A ala progressista da cidade funda o Grémio Lusitano em 1882, rival da Assembleia Figueirense da ala regeneradora. Estes em 1884 construíram o Teatro-Circo Saraiva de Carvalho, tarefa a cargo do 2º Presidente do Grémio, Joaquim António Simões.

Casino Peninsular

Fundado como o Teatro Circo em 1884, será posteriormente reconvertido em Casino da Figueira da Foz em 1895. Passaria pouco tempo depois a ser conhecido como o Grande Casino Peninsular, estabelecendo-se como um marco na história da cidade e como um símbolo balnear e de veraneio. Os privilegiados banhistas de elite portuguesa e espanhola (alguns aristocráticos) viviam a Figueira da Foz intensamente ao ritmo duma instância balnear “chique”, frequentavam as salas e salões do casino, promovendo eventos diversos, entre os quais as tertúlias, jogando, assistindo a música e dança e ainda às primeiras sessões cinematográficas (Vaquinhas, 2012, p. 35).

Na Figueira da Foz, a inauguração do Animatógrafo, situado no Casino Peninsular da Figueira da Foz dá-se a 15 de Agosto de 1886, cerca de dois meses após a sua inauguração em Lisboa, pelo empreendedor Santos Júnior.

A 8 de Agosto de 1896, a “Gazeta da Figueira” anunciava o evento “Na semana que entra, teremos no Circo Saraiva de Carvalho um espetáculo atraente e inteiramente desconhecido na Figueira. É o Animatógrapho, novidade que causou sensação no Porto, d’onde vem contratado pela empreza daquele magnífico Theatro”.

O jornal “O Povo da Figueira” anunciava a 13 de Agosto, que “Por telegrama recebido hontem à noute, sabe-se que apesar das grandes dificuldades que houve a vencer, se estreará no próximo sábado no Theatro Circo Saraiva de Carvalho, o maravilhoso invento electrico, o animatógrapho – que tanto sucesso tem obtido em todas as terras onde tem sido apresentado”.

Por fim, a 15 de Agosto saía a notícia na “Gazeta da Figueira” com a seguinte informação “... está anunciada para hoje neste teatro onde se acha instalado o Casino Peninsular, a estreia do Animatógrapho, a última invenção do célebre Edison. Os calorosos elogios que a imprensa de Lisboa tem prodigalizado ao prodigioso invento, causou no

público provinciano justificada curiosidade de assistir à exibição de tal maravalha, o que é penhor bastante de extraordinária concorrência ao espetáculo. Haverá também no parque desta magnífica casa de recreio, hoje e amanhã, variados festivais: música das 6 às 8 da noite, tombola, sendo todos os bilhetes premiados, e iluminação à veneziana. Bem haja a empresa do Casino Peninsular que louvavelmente se empenha em proporcionar o maior número de diversões aos nossos estivais hospedes”.

Entre 15 e 23 de Agosto desse ano, as apresentações cinematográficas foram apresentadas no Theatro Circo Saraiva de Carvalho (atual Casino Figueira).

Foram projetadas pequenas fitas com a duração de um ou dois minutos, o que correspondia a duas partes do espetáculo do Animatógrafo. Eram seguidos de pequenos números circenses que compreendiam um grupo de acrobatas japoneses, os músicos cómicos “Brettos”, o equilibrista Mr. Lamore e uma trapezista.

Cada sessão do Animatógrafo comportava a exibição de 20 quadros, e destes, cada sequência possuía mais de 900 fotografias. Mr. Rousby acompanhava as sessões na Figueira da Foz (Poeta, 100 anos do cinema, 1997).

A 19 de Agosto, de novo a “Gazeta da Figueira” dava conta que “Com notável concorrência e geral agrado, tem-se exibido no nosso magnífico theatro circo o prodigioso invento do ilustre sábio americano Edison, que em toda a europa tem causado assombrosa admiração. O Animatographo é deveras maravilhoso e os aplausos rebentam expansos à exibição de algumas das mais deslumbrant essas movimentadas cenas reproduzidas pelo extraoódinário e admirável aparelho. Hontem, foi a estria dos quadros coloridos, em que aparecem verdadeiras maravilhas como a dança serpentina, a Loja Cabelleireiro, etc. Completa os espectáculos magnífica Troupe Japonesa com os seus arriscados e difíceis exercícios acrobáticos, os Brettos engraçados excentricos e musicaes, Mr. Berry Lamore, um artista de primeira ordem, que faz coisas prodigiosas no arame oscilante, a Bella Madrilena, a raínha do trapézio, etc, etc. Hoje é o último d’estes interessantes e admiráveis espectaculos, e então que aproveite quem não viu ainda, o maravilhoso Animatogrpho”.

A 20 de Agosto de 1896, saía a notícia no jornal “O Povo da Figueira” onde se lia: “Deu ontem o 5º espectáculo no teatro circo, a Companhia do Real Coliseu de Lisboa, ainda com uma concorrência bastante regular. Efectivamente o público, tanto figueirense como pertencente à colónia balnear, tem sabido corresponder aos esforços da empresa. Entre nós, e para a maior parte, o Animatógrafo era uma novidade, e diga-se de passagem, há muito

que não vemos nada que mais despertasse a atenção do público. Mr. Rousby tem sido bastante amável em satisfazer os espectadores ainda mesmo quando se tornam um tudo nada exigentes... Todos os trabalhos da Companhia têm sido muito apreciados e com razão. O grupo Japonês Tookto, apresenta um trabalho perfeitíssimo, como o é o também o dos excêntricos músicos Bretto e o das Margarida e Amparo. O que, no entanto, não podemos deixar de frisar são os surpreendentes exercícios no arame oscilante, executados por Mr. Lamore. É na verdade um artista que fará honra a qualquer companhia. A última hora resolveu a companhia dar mais 4 espectáculos”.

Em 1897 surgem referências a um pequeno filme com o título “Os banhistas da Figueira” (Poeta, Grupo Caras Direitas, 1997).

Alguns anos depois surge na imprensa local a inauguração dos espetáculos do cinematógrafo (uma nova máquina e com fitas novas), que fez sucesso no Porto e em Coimbra, com preços de 120 reis para cadeiras e 60 reis para geral, (entrada por sessão). Apresentava-se o filme “O filho pródigo” de 12 minutos de duração, de 25 a 29 de julho na Rua da União no Bairro Novo, ao lado do Casino Peninsular, denominado Theatro Chalet, propriedade do Sr. Francisco Ribeiro Gomes. A iluminação elétrica era novidade absoluta! (1903) .

A 29 de Setembro de 1905, pelas 21 horas, deflagrava um incêndio de enormes proporções que terá destruído o Theatro Chalé onde se apresentava o espetáculo do Cinematógrafo, onde o público assistia a uma última sessão. As pessoas saíram a tempo. Contudo o incêndio propagou-se a edificações vizinhas tais como dependências do Hotel Praia, bem como o Theatro Lisbonense situado nas traseiras, na Rua Francisco António Dinis. Ficou destruído o motor e mais mecanismos do cinematógrafo. Acudiram as corporações de Bombeiros Voluntários e Municipais, apontando-se falhas no combate ao incêndio pela imprensa (1905).

Em 1906, instala-se na Figueira da Foz o Kinimatógrafo, saído das oficinas da casa Urban Trading of New York, apresentado e dirigido por Mr. Pascot (Coliseu dos Recreios de Lisboa) com montagem elétrica da casa Gottschalek, de Lisboa (recordo que a eletrificação da cidade da Figueira da Foz se dará apenas em 1921). O final destas sessões aconteceria em Outubro e para finalizar efetuou-se uma programação de grande destaque descrita na Tabela 13.

Tabela 13

Apresentação das fitas na Figueira da Foz em 1906

Filmes Projetados 1ª Parte	Filmes Projetados 2ª Parte
Vistas de Paris	Os dois garotos
Corridas de touros em Madrid	Leitura interessante
Astúcia de noivos	Viagem a Spitzberg
Obras em casa	O filho prodígio
Os pesquisadores de ouro	O Sr. Beucaire
Toureiro amador	Fuga de presos
Pescador Burlado	Corrida de automóveis (Circuito des Ardenes)

Fonte - elaboração própria, a partir da Gazeta da Figueira, 1906

As sessões teriam uma duração de 1.30h com o preçário de 200 reis e 120 reis, respetivamente para cadeiras e geral (Kinimatographo, 1906).

Adiante veremos que as sessões desta caixa mágica continuariam a ser exibidas em outros locais emblemáticos da cidade, contribuíram para essa difusão as Associações de Figueirenses da cidade. Abaixo, na tabela 14 poderemos ver a evolução das fitas cinematográficas exibidas no Casino Peninsular.

Tabela 14

Quantidade de Projeções de fitas no Casino Peninsular

Anos	nº sessões	nº filmes	filmes/sessão
1914	9	12	1,3
1915	32	57	1,8
1916	29	60	2,1
1917	3	8	2,7
1918	0	0	-
1919	4	7	1,8
1920	10	11	1,1
1921	25	27	1,1
1922	1	1	1,0
1923	0	0	-
1924	6	7	1,2
1925	3	3	1,0
1926	5	7	1,4
1927	31	38	1,2
Totais	158	238	1,5

Fonte – Irene Vaquinhas, (Vaquinhas, 2012, p. 143)

A Figueira da Foz e o seu Bairro Novo recebiam quer a elite de banhistas quer a da sociedade local no seu Casino Peninsular, agora sob a égide do Animatógrapho Pathé, o qual proporcionava ao público bons programas. De novo recorreu-se à imprensa local para apurar a veracidade dos factos. Chegados a 1908, escrevia-se que “...as fitas eram aumentadas com quadros de vários pontos da cidade, como o Forte de Santa Catarina, rio Mondego em dia de regata, avenidas, praças e pontes. E uma fita que reproduzisse toda a margem da cidade e praia, desde a ponta até Buarcos e que colhesse também alguns pontos do Cabo Mondego, seria de um belo efeito e agradaria em qualquer localidade e muito especialmente na Figueira. As fitas panorâmicas agradam sempre, e as empresas que as fornecem aos animatógrafos do país poderiam também reproduzir trechos dos mais belos de Portugal, ..., poderá interessar-se por isso a empresa do Animatógrapho Pathé?” (Animatógrafo do Circo, 1908).

Em Abril, a empresa que gere o Animatógrafo é a Fivaller, instalada no Theatro Circo, contudo em julho voltava o Animatógrafo Pathé, com “...farta concorrência pelas bonitas fitas que apresenta...”, incluindo como parte do programa, funerais reais (1908). Na Tabela 8 contabiliza-se o número de fitas projetadas no Casino Peninsular entre 1914 e 1927.

Teatro Salão ou Teatrinho

Inaugura-se a 14 de Agosto de 1914, o Teatro Salão ou Teatrinho, no Casino Peninsular tendo sido o edifício objeto de algumas obras de melhoria, criando-se uma sala propositadamente para as fitas de cinema, apresentando ainda espetáculos de variedades. A projeção de filmes era acompanhada por trechos musicais, executados pelo Quinteto Paula Santos, dirigido por vezes pela própria pianista Sra. D. Albertina Paula Santos. Continuavam as projeções a serem intercaladas por espetáculos de variedades do género music-hall ou circenses, adaptando-se ao público frequentador. De notar que o público espanhol apreciava mais as atividades circenses (Vaquinhas, 2012, pp. 134,137).

Parque-Cine

Em 1907 abre um novo espaço cultural na cidade, também dedicado ao cinema, o Animatógrafo Parque ou Parque-Cine, como ficaria conhecido (vide figura 3). Localizava-se na antiga Rua da Boa Recordação (atual Rua Cândido dos Reis) e era propriedade privada (Francisco Ribeiro Gomes e o catalão Francisco Oller Grau). A programação era bastante

cuidada com projeções fílmicas, espetáculos, saraus, palestras e outros eventos, os quais tinham lugar o ano inteiro.

A sala de grandes proporções acondicionava mais de 1000 espectadores, proporcionando ao público grandes estreias do cinema mudo e mais tarde sonoro, quer nacional quer internacional. Será neste local que Charlie Chaplin fará uma breve aparição em 1916, sendo ainda pouco conhecido. Mantinha-se aberto durante o período do inverno e no verão tinha sessões diárias. A partir de 1910 inicia a exibição de filmes sonoros e a cores.

Já no século XX, nos anos 30, sofrerá grandes alterações ao nível da decoração interior, com o aumento da sala para 1200 lugares e a substituição das paredes exteriores de madeira por alvenaria.

Manter-se-ia em funcionamento até ao início da década de 80 do século XX, encerrando as suas portas em Setembro de 1971, vindo mesmo a ser demolido em 1987. O seu espólio está hoje à guarda do Município da Figueira da Foz, e parte dele patente na exposição a decorrer no Quartel da Imagem, sob o tema Parque-Cine, um Cinema Paraíso.

10 A Importância do Cinema na Comunidade Figueirense

10.1 As Associações da Figueira da Foz e o Cinema

Atualmente, a Figueira da Foz possui cerca de 200 Associações e Coletividades, existindo no concelho um grande sentimento bairrista por cada localidade ou freguesia.

Não podemos deixar de mencionar algumas honoráveis associações de figueirenses ilustres que muito se dedicaram à cultura neste concelho, para quem o cinema trazia algo de novo e transversal à população, mais ou menos erudita, com públicos com níveis de escolaridade muito variados, de diferentes classes sociais, uma certa democratização em que todos tinham o mesmo acesso ao mesmo espetáculo. De seguida estão mencionadas algumas dessas associações, sendo certo que muitas outras se interessaram pela Sétima Arte, com apresentações periódicas.

Ginásio Clube Figueirense (GCF)

O Ginásio Clube Figueirense, fundado em 1 de Janeiro de 1895, haveria de se interessar pelo cinema, sendo a primeira exibição cinematográfica no Theatro Principe D.

Carlos, a 10 de Abril de 1909. O Animatógrafo era publicitado no jornal a “Voz da Justiça”. O Ginásio Clube Figueirense decide em sede de direção a compra de um animatógrafo a 14 de Novembro de 1913. Contudo, cerca de 3 meses mais tarde, na noite de 24 de Fevereiro de 1914 dá-se um grande incêndio, provocado por uma vela mal apagada do baile de carnaval.

O edifício é completamente consumido pelas chamas e o projeto da compra do animatógrafo é abandonado. Dá-se um interregno cinematográfico que será interrompido em 1923. Neste ano o GCF promoveu um grandioso evento desportivo na Mata da Misericórdia da Figueira da Foz, dedicada à colónia balnear espanhola na cidade. Refere o jornal Gazeta da Figueira que “As bancadas achavam-se literalmente repletas sobressaindo as toilettes polychromas e garridas das senhoras, que punham no vasto recinto uma nota inédita de encantamento e animação. Por de sob os toldos, rostos gentis esperavam com ansiedade o começar do sensacional match de football, que colocava frente a frente um primeiro grupo do Gymnasio e uma selecção de footballers hespanhoes a banhos na nossa praia.... e por detrás a Comissão de Honra, composta pelas senhoras, todas elas lindas e insinuanes...” O dia escolhido foi o dia de Nossa Senhora da Ascensão, 15 de agosto (A.A., 1923). A festa desportiva contemplava corridas de 100, 200 e 400 metros, estafetas, luta, salto em altura e ainda um jogo de futebol arbitrado por Cândido de Oliveira, sendo vencedor o GCF contra o clube de Espanha. Alberto José dos Santos foi o realizador deste evento que viria a ser projetado a 31 de Agosto no Casino Peninsular.

A partir de 15 de Janeiro de 1924, o GCF passará a integrar a direção da exploração do cinema no Casino Peninsular, sendo o responsável nomeado pelo Clube o Sr. Carlos Cook, o qual faria parte dos órgãos diretivos do Parque Cine, anos mais tarde. As fitas eram fornecidas pela empresa Castello Lopes e eram por conta e risco do GCF, pagando o aluguer das mesmas com o comprometimento da sua salvaguarda, conforme contrato celebrado em 25 de Janeiro de 1924.

Já em 1963 mais precisamente no 66º Aniversário do CGF, realiza-se uma fita de 8mm pelo realizador António Maia Cardoso, que receberá uma menção honrosa naquele que foi o primeiro festival da cidade dedicado ao cinema, intitulado “Semana de Cinema de Amadores da Figueira da Foz”.

Também em 1977 o CGF projeta vários filmes na sua Sede e na Piscina. Em 1989, abrirá um Clube de Vídeo (videocassetes). Abaixo, na tabela 15, elencamos algumas das primeiras projeções a cargo do GCF.

Os valores dos bilhetes eram os seguintes (Poeta, 1997):

- Frisas(28\$00)
- Camarotes(18\$00)
- Plateia(5\$50)
- Cadeiras e Balcão(4\$00)
- Superior(2\$50)
- Geral(1\$50)

Tabela 15

Exibições cinematográficas do Ginásio Clube Figueirense (GCF)

Data	Local	Filme
1909	Teatro Príncipe D. Carlos	Boneca Elétrica
1923	Casino Peninsular	Festa Desportiva no Campo da Mata e filme
1924	Casino Peninsular	O Destino Charlot Boémio
1925	Parque Cine	Exibições Cinematográficas variadas
1928	Casino Peninsular	Passeio de Automóvel
1938	Casino Peninsular	Jim o Detetive Um duelo de Morte Documentário Encarceradas
1939	Casino Peninsular	Asas de Tempestade
1940	Casino Peninsular	Fernandel – Berlingot e C ^a A Força da França A França na Guerra
1942	Parque Cine	O Garoto da 10 ^a Avenida O Poder do Inimigo Invisível
1944	Parque Cine	Zona Tórrida (James Cagney) Diário de um pombo correio O Operário e a Guerra
1952	Embaixada Americana	Mendigo Milionário Olimpíadas de 1952 Desenhos Animados
1957 1963	Embaixada Americana	Várias Exibições 60º Aniversario do Clube

Fonte - elaboração própria, a partir de Poeta, 100 anos do cinema, 1997

Associação Naval 1º de Maio

Fundada em 1893 e agraciada com a Cruz de Mérito reconhecida pelo Comité Olímpico, é em 1910 que surgem as apresentações pela Associação 1º de Maio, de forma esporádica, com recurso a aluguer do equipamento necessário à projeção das fitas para as ditas apresentações. Em 1925 foi constituída a Secção do Animatógrafo, autónoma da Direção. A Associação adquiriu uma máquina de projeção nesse ano. A partir de 8 de Novembro, as sessões passaram a ser regulares com exhibições às quintas feiras pelas 21.00 horas e nas matinés de domingo, no salão da sede da coletividade, na Rua dos Combatentes.

A concorrência com o Parque Cine e com o Casino Peninsular estava lançada, e de início, as sessões eram bastante concorridas, com grande afluência no Inverno. O sucesso deste evento levou a Naval 1º de Maio a realizar um filme sobre a associação. Em 1927, avariava o dínamo da máquina de projeção o que levou à interrupção das exhibições, e mesmo depois de reparado, a afluência diminuiu. Tal facto irá espoletar a venda (decidida em assembleia geral) do equipamento cinematográfico ao Grupo Caras Direitas. Os associados tinham ainda um desconto de 50% sobre o preço do bilhete.

Na tabela 16 observamos as exhibições que tiveram lugar na sede e após esse acontecimento, tendo obtido para este estudo o registo de dois filmes exibidos.

Tabela 16

Exibições Cinematográficas na Sede da Naval 1º de Maio

	Data	Filme
1925	31 Maio	Parisette – 4 episódios Os dois Sargentos
1925	8 Novembro	O Cartaz A Duquesa Mistério

Fonte - Elaboração própria (Poeta, 100 anos do cinema, 1997)

Contudo a Naval não se divorcia do cinema continuando a promover sessões cinematográficas quer no Cine Parque quer no Casino Peninsular, com atenção especial às crianças dos seus associados, com sessões regulares adaptadas à sua idade nas matinés de domingo.

Grupo Caras Direitas

Outros espaços de relevo e mais democráticos surgiam na cidade, nomeadamente na freguesia de Buarcos, com a intervenção da comunidade local. Em 1 de Dezembro de 1907,

fundava-se o Grupo Caras Direitas, que visava promover o recreio e a cultura compreendendo as vertentes do teatro, rancho folclórico e cinema. No entanto, só a partir de 1925 começaram a dinamizar sessões cinematográficas, mais precisamente a 13 de junho, no teatro da trindade em Buarcos. Os filmes exibidos foram Casamento de Pigaro e Pencudo. Chefe de Criados (Poeta, Grupo Caras Direitas, 1997), como poderemos ver no início do Quadro 10.

A construção da sede do grupo termina e o GCD adquire uma máquina de projeção à associação Naval 1ª de Maio. As projeções com carácter regular têm início no salão da sede a partir de 4 de Dezembro de 1927. A película apresentada nesse dia foi “O Príncipe com Sorte”, com música de orquestra pela direção de José Gasper. Os preços eram distintos consoante a assistência, sendo os camarotes e frisas a 10\$00, os fauteils a 2\$50, as cadeiras a 2\$00 e o geral a 1\$50 (Poeta, Grupo Caras Direitas, 1997). Neste ano começa a ser emitido o Jornal de Cinema da Figueira da Foz, com as referências às fitas a projetar.

Com o aparecimento do cinema sonoro, a coletividade compra uma nova máquina, e a primeira estreia dá-se a 3 de Setembro de 1932, com a apresentação do filme “A Severa”. Em 1939 a mesma máquina de som é alterada e modernizada, mantendo-se em atividade até 1952.

Buarcos impunha-se como freguesia figueirense na vanguarda do cinema, como se observa na tabela 11. A sua comunidade piscatória com forte adesão à pesca do Bacalhau na Newfoundland e na Greenlandbanks, ficariam ao rubro ao assistirem à fita O Lobo do Mar, estando a sala a abarrotar, com muitos dos pescadores a reviverem momentos marcantes da sua actividade longe no atlântico gelado. O Grupo Caras Direitas homenageou nesta sessão os actores americanos Spencer Tracy (o qual interpretava um pescador português) e Leone Barrymore e ainda o realizador da película. A resposta chegou do lado de lá do atlântico, com o envio de fotografias de grandes dimensões com dedicatórias dos actores americanos (1939).

A 2 de Agosto desse ano, o GCD instala uma nova máquina “...com alta intensidade de som e permitindo excelente qualidade de imagem”.

Em 1957 inaugura-se o Cinemascope em Buarcos (ver tabela 17), com a apresentação do filme “O Príncipe Estudante”, tendo-se procedido à remodelação do salão, o qual perdeu 6 camarotes e 6 frisas. No entanto, o êxito obtido foi enorme, sendo considerado um dos melhores do país. Voltará o salão a sofrer obras de melhoramento em 1969 e em 1971, devido

ao encerramento definitivo do Parque Cine e a obras de melhoramento no Casino Peninsular, o Caras Direitas terá a única sala de cinema na Figueira da Foz (1971). Os preços eram distintos consoante o assento, assim, os camarotes custavam 10\$00, as cadeira 2\$00, o balcão 1\$50 e as galerias 1\$00 por pessoa.

Tabela 17

Exibições cinematográficas no GCD

	Data	Local	Filme
1925	13 Junho	Teatro da Trindade	Casamento de Pigarro Pencudo – Chefe de Criados
1927	4 Dezembro	Sede GCD	O Príncipe com sorte (7 partes)
1928	22 Janeiro	Cine Teatro GCD	Figueira, Rainha das Praias
1932	7, 8 Setembro	Cine Teatro GCD	A Severa (sonoro)
1938	22 de Setembro	Cine Teatro GCD	Maria Papoila A traição do Árabe
1938	11 de Dezembro	Cine Teatro GCD	Da Sardinha Caçador de Autógrafos Bocage
1939	3 de Setembro	Cine Teatro GCD	Lobos do Mar
1939	15 de Outubro	Cine Teatro GCD	Cidade do Oiro A Nau dos Piratas

Fonte – elaboração própria (Poeta, 100 anos do cinema, 1997)

10.2 A Imprensa especializada na Figueira da Foz no despontar da 7ªArte

Jornal de Cinema

Este foi um quinzenário de cinéfilos e para cinéfilos. Tinha como Diretor e Redator Miguel da Mota Veiga Gaspar, e como Editor e Administrador, Eduardo Paulo de Macedo. A sede era na Rua da República nº 37 e a triagem estava a cargo da Tipografia Peninsular na Praça Velha, nºs 17 e 19, na Figueira da Foz.

A sua primeira edição (Figura 4) ocorreu em 15 de Novembro de 1929, cada número custava \$50 (cinquenta centavos). A sua máxima era referida na capa do jornal onde se lia “O Cinema é a Música da Luz” por Paulo de Brito Aranha. Neste número exaltava-se Rodolfo Valentino.

Este jornal surge pela necessidade de existir um jornal ou revista onde todos os apaixonados do cinema pudessem colaborar, expondo ideias, manifestando reclamações e apontando irregularidades. O Jornal de Cinema era de Cinéfilos para Cinéfilos, fazendo eco de protestos e queixas dos amantes do Cinema.

Ano I-Série I Figueira da Foz, 15 de Novembro de 1929 N.º 1

ASSINATURAS

Figueira-3 meses... 2\$80

Fóra da Figueira... 3\$00

Numero avulso \$50

Jornal de Cinema

QUINZENÁRIO
DE CINÉFILOS E PARA CINÉFILOS

**O Cinema é a
musica da luz**

Paulo de Brito Aranha

Redacção e Administração: Rua da Republica, 37 FIGUEIRA DA FOZ	Editor e Administrador EDUARDO PAULO DE MACEDO Director e Redactor Principal MIGUEL DA MOTA VEIGA GASPAR	PROPRIEDADE DA EMPRESA Composição e Impressão: TIPOGRAFIA PENINSULAR-Praga Velha, 17 a 19 Figueira da Foz
--	---	--

Distribuidores Geraes: **CASA RÁDIO**

FIAT LUX

Há poucos anos ainda que a Arte Muda, com as suas inúmeras e incomparáveis belezas, era quasi desconhecida da maioria do povo português. Ia-se ao Cinema para passar um bocadinho da noite e sem o intuito de procurar estudar, tudo quanto de maravilhoso encerra a fotografia animada. Tal estado de coisas não podia continuar e, por isso, tornava-se preciso que, por todas as formas, se fôsse incutindo no espirito da nossa gente, o amor pela Cinematografia.

E, qual o melhor meio de crear o entusiasmo em volta dos films? Quem se encarregaria de ensinar o publico a differenciar Charlot de Tom Mix, Pola Negri de Pearl White? Decididamente só a Imprensa poderia tomar sobre si este difficil encargo.

Então, pessoas conhecedoras da Arte da Tela, pondo de parte ideias comerciais, lançaram-se na empresa, nada fácil, de chamar a atenção dos portugueses para o Cinema, que tão facilmente havia conquistado os povos cultos da Alemanha, Estados Unidos, França e Inglaterra, etc.

Quer criando secções de critica Cinematográfica nos grandes jornais, quer fundando revistas de especialidade, essas pessoas conseguiram, a pouco e pouco, eleva-lo a já consideravel numero pe «fans» da Sétima Arte.

Dentre esses trabalhadores incansáveis justo é salientar os nomes de Avelino de Almeida, José da Natividade Gaspar e António Lourenço que, á campanha em que estão empenhados, têm emprestado todo o brilho do seu talento, vincando bem o grande carinho que nutrem pela Arte Muda. Esta Ilustre Trindade, por intermédio de «Cinefilo», sem duvida a melhor e a mais lida revista Cinematográfica do nosso País, levanta a todos os cantos de Portugal, em criticas e artigos brilhantissimos, a doutrina que convinha, no momento em que era preciso acordar o entusiasmo na mocidade portuguesa que, de principio, se mostrou tão pouco interessada.

Os resultados dessa campanha

(Continua na 2.ª página)

Rodolfo Valentino

Requiescat in pace!

Cinefilos, quedai silenciosos! Aliai-vos por momentos ao «Jornal de Cinema», que neste numero presta á sua homenagem á memoria daquello que a Morte não venceu!



SAUDAÇÃO

Ao vêr a luz da publicidade, JORNAL DE CINEMA sauda a Imprensa Portuguesa, e em especial CINEFILO, CINE e CINEGRAFIA, e os seus colegas locais FIGUEIRENSE, VOZ DA JUSTIÇA e O DEVER, a todos protestando sinceros votos de longevidade.

Greta Garbo

Greta Garbo estrela da minha vida!

O meu pensamento volta constantemente em torno do teu corpo de serpente!

Seduz-me o teu olhar sereno e frio, como as «serpens» da tua gelida Escandinavia!

Não te amo porque é impossível, julgo eu, amar-se á imagem. Se te visse, se te tocasse com os dedos, mulher divina, se pudesse verte a todo o instante, não te amaria, adorar-te-ia! Loura filha do Norte, tens a teus pés um moreno filho do Sul! Á tua aparição todos se curvam, rainha dos seus corações!

Não foi na «Lenda de Gôsta, Berlín», nem na «Rus sem Sol» que aprendi a admirar-te. Foi no «Demônio e a Carne», foi na «Dama Misteriosa»!

E ainda houve quem te tocasse, ôh «vamp» querida! Á tua biografia e a tua imagem é escusado repetir-la e apontá-la. São demais conhecidas de todos os cinefilos. Elas vivem continuamente em nossa imaginação.

José Licínio

no seio da admiração dos teus semelhantes! Deixa que á volta do sagrado ninho que embala a Morte, cresça rápida e grada a erva das sepulturas! Que o orvalho das manhãs, as lágrimas das flores cujas vidas, mãos cindidas te oferecem em holocausto, te vão levar, rasgado e entranhando-se na terra, os votos saudosos que em torno da tua imagem se vão acumulando! Mas deixa que a tua alma de magno artista de apaixonado amante, de sábio do amor, vá vivendo, em cada coração, e relembro do que foste quando por cá passaste!

Descansa em paz no seio étereo do Além, enquanto na Terra, onde enraizaste, se vai tornando sequiosa e insaciável, a voz da Saudade!

Allo de Roma

Figura 4 Jornal de Cinema, primeira página edição n.º 1
 Fonte: (AHMFF- <http://catalogos.cm-figfoz.pt/>)

SportCine



Em 1935 começa a edição periódica do Jornal SportCine, com triagem trimestral e com alusão a factos desportivos e cinéfilos. A direção estaria a cargo de M. da Costa Luz, com a primeira edição a 20 de Junho de 1935, impresso pela Tipografia O Figueirense, (figura 5).

Figura 5 Jornal SportCine nº12, 20 junho 1935
Fonte: (AHMFF- <http://catalogos.cm-figfoz.pt/>)



Em 1936 a triagem era já mensal. Em 5 de Setembro de 1940 era já visível no jornal a passagem pela Comissão de Censura do Estado Novo (figura 6), que se irá manter em toda a imprensa até à revolução de 1974.

Figura 6 Jornal SportCine nº65, pp 6 setembro 1937
Fonte: (AHMFF- <http://catalogos.cm-figfoz.pt/>)

10.3 Os primeiros Clubes Cinéfilos

De 1952 a 1968 existia um Cineclube na cidade. Estava sob escrutínio do Secretariado Nacional de Informação, o qual se manteve no ativo de 1929 a 1974, durante o regime ditatorial de António Oliveira Salazar.

O Círculo Juvenil de Cinema da Figueira da Foz, surge em meados de 1974, e instala o medo no certame. Receava-se a perda da isenção ao nível político seguido da perda de adesão por parte de alguns cineastas internacionais. Seriam afastados do festival através duma moção proferida por elementos do público em 12 de Setembro (encabeçada por Vieira Marques), acusando este movimento jovem de vanguardismo falso e demagogo.

No entanto, este grupo de jovens acabará por estar na génese de um novo Cineclubes na Figueira da Foz.

10.4 Figueirenses no Cinema

Desde as primeiras projecções de fitas no Animatógrafo do Casino Peninsular, que a Figueira da Foz tem tido uma forte ligação ao Cinema.

Desta feita este subcapítulo visa fazer uma breve homenagem a alguns dos mais destacados figueirenses na sétima arte.

António Leitão

António Leitão foi jornalista dos jornais “Cinéfilo” e do “Século”, realizou alguns filmes na década de 30 do século XX. Inicia-se com fitas de curta metragem e chega a procurar atores na Figueira da Foz para os seus filmes. Foi ainda assistente de realização de Leitão de Barros no filme “A Severa”. António Lopes Ribeiro refere António Leitão num artigo do Diário de Lisboa, na secção “O claro-escuro animado” da seguinte forma “...um rapaz inteligente, honesto, consciente das suas responsabilidades e conhecedor das suas possibilidades”. Será com António Leitão que se farão as primeiras filmagens aéreas retratadas em “A Castelã das Berlengas”, trilhando deste modo novos caminhos no cinema nacional.

Maria Cipriano Lobato Olguim

Não sendo figueirense (nasce em Castelo Branco a 26 de Abril de 1894, filha de pais espanhóis) viveu na Figueira da Foz, cidade onde cresceu e estudou. Faleceu na Figueira da Foz, a 1 janeiro de 1984. Iniciou a sua vida artística, como amadora, na Associação 1º de Maio. Com o início da Primeira Grande Guerra torna-se Enfermeira de Guerra, com o objetivo de ir para o local onde o seu noivo se encontrava a combater. Porém, nunca chegaria a partir.

Começou a atuar nos palcos das coletividades de amadores, na Figueira da Foz, tendo-se estreado como profissional em 1928 no Porto, no teatro musicado (Tiro ao Alvo), então ainda costureira.

Trabalhou para o cinema durante quase 40 anos, tendo participado em cerca de 40 filmes (ver tabela 18). Em 1952, obteve o Prémio da Crítica pela interpretação que teve em «Saltimbancos», de Manuel Guimarães. Em 12-01-1973, foi homenageada pela Câmara Municipal de Lisboa (<https://ruascomhistoria.wordpress.com>, s.d.)

A homenagem por parte do Município da Figueira da Foz, acontece em 1982 com a atribuição da Medalha de Mérito. Morre nesta cidade a 1 de Janeiro de 1984.

Tabela 18

Filmografia de Maria Olguim

Tinoco em Bolandas, (1924)	Frei Luís de Sousa, (1950)
Ala Arriba, (1942)	O Grande Elias, (1950)
O Costa do Castelo, (1943)	Sonhar é Fácil, (1951)
A Menina da Rádio, (1944)	O Grande Circo (Saltimbancos), (1951)
Um Homem do Ribatejo, (1946)	Madragoa, (1952)
O Hóspede do Quarto nº 13, (1947)	Nazaré, (1952)
Rua Sem Sol, (1947)	Parabéns, Senhor Vicente, (1955)
Viela, (1947)	Vidas Sem Rumo, (1956)
O Leão da estrela, (1947)	O Noivo das Caldas, (1956)
Não Há Rapazes Maus, (1948)	Realidade da Fantasia, (1957)
Uma Vida Para Dois, (1949)	O Tarzan do 5º Esquerdo, (1958)
Sol e Toiros, (1949)	A Costureirinha da Sé, (1959)
Heróis do Mar, (1949)	Lisboa em Camisa, (1960)
Frei Luís de Sousa, (1950)	Retalhos da Vida de Um Médico, (1962)
O Grande Elias, (1950)	
Sonhar é Fácil, (1951)	A Sentença, (1963)
O Grande Circo (Saltimbancos), (1951)	O Crime da Aldeia Velha, (1964)
Madragoa, (1952)	O Trigo e o Joio, (1965)
Nazaré, (1952)	Zé Bravo, O Bandoleiro, (1967)
Parabéns, Senhor Vicente, (1955)	A Sapateira Prodigiosa, (1968)
Vidas Sem Rumo, (1956)	Lotação Esgotada, (1972)
O Noivo das Caldas, (1956)	Recompensa, (1977)
Realizada da Fantasia, (1957)	Manhã Submersa, (1980).
O Tarzan do 5º Esquerdo, (1958)	O Trigo e o Joio, (1965)
A Costureirinha da Sé, (1959)	Zé Bravo, O Bandoleiro, (1967)
Lisboa em Camisa, (1960)	A Sapateira Prodigiosa, (1968)
Retalhos da Vida de Um Médico, (1962)	Lotação Esgotada, (1972)
A Sentença, (1963)	Recompensa, (1977)
O Crime da Aldeia Velha, (1964)	Manhã Submersa, (1980).

Fonte – Elaboração própria a partir de <https://ruascomhistoria.wordpress.com>

Manuel dos Santos

Manuel dos Santos nasce na Figueira da Foz na freguesia de São Julião, na Rua dos Cravos a 5 de Junho de 1893 e aqui veio a falecer em 1976.

Descendente de uma família de ourives, foi um aficionado da fotografia e da 7ª Arte, tornando-se num dos maiores promotores turísticos da cidade. Deixa um imenso legado levando, quer para a fotografia quer para o grande ecrã, imagens da vivência dos figueirenses e dos seus visitantes únicas, eternizando-as para sempre. Um dos seus primeiros trabalhos e dos mais emblemáticos foi a realização do documentário “Figueira da Foz – Rainha das Praias Portuguesas”. O documentário seria apresentado a 22 de janeiro de 1930 no Teatro Casino Peninsular a uma audiência privada e mais tarde em Agosto desse ano seria apresentado publicamente no Parque Cine. Para o seu trabalho de excelência continha máquinas de filmar e de fotografar, projetores, enroladeiras, e demais material de estúdio, deixando um legado de meia centena de filmes, na sua maioria sobre a Figueira da Foz. Muitas das bobines estão classificadas e retratam cenas do quotidiano da cidade nos anos 20 e 30 do século XX. Também executou películas para a “Invicta Filmes”. Na coleção a cargo da Cinemateca Portuguesa, existem cerca de 20.000 negativos, muitos ainda em vidro, e um vasto espólio. Algum desse espólio pertence hoje ao Município da Figueira da Foz, estando patente no Quartel da Imagem uma exposição intitulada “Manuel Santos, o fotógrafo amador”.

J. Oliveira Santos

Bancário de profissão e jornalista, J. Oliveira Santos assina a sua primeira crónica cinematográfica em 1936. Um ano depois publica uma biografia de António Lopes Ribeiro, denominada “Revolução de Maio”. Neste mesmo ano assume o cargo de Chefe de Redação no Jornal quinzenário da Figueira da Foz intitulado Sport Cine, onde publica em fascículos (mais tarde o livro) “O Cinema Nacional. Apontamentos para a sua história”.

De seguida listamos algumas das suas contribuições literárias e cinematográficas na tabela 19. Acabará por mais tarde residir na cidade do Porto onde morre.

Tabela 19

Algumas Obras de Oliveira Santos

	Filmografia	Crónicas
1938	Realização do trailer de homenagem a Manuel dos Santos	
	“Dois corações...um destino” ¹	
1939		11 números no Jornal “O Figueirense” Jornal “Reclamo” Suplemento “Filmagem”
1940		Jornal “Notícias da Figueira” – 49 números
1941		Publicação a vulso Jornal “Notícias da Figueira” “Cine de toda a parte” Secção Cinematográfica
1945		“Uma Cidade Canção”
1950		“Cine – do Teatro, Rádio e Cinema”
1950-1953		“Boletim Informativo do Cinema Mundial” (Publicação gratuita nacional)
1954-1959		Revista de Promoção Turística: “Figueira da Foz, Noiva do Mar”

Fonte – Elaboração própria, a partir de Poeta, 1997

Madalena Sotto

Maria Madalena Otão, filha do pintor Otão Luís, nasce em Carvalhais de Lavos, concelho da Figueira da Foz, em 21 de Julho de 1917, filha do pintor Otão Luís e da mestra de costura, bordados e tapeçaria Aida Augusta Pereira. Madalena Sotto concluiu o curso de tapeçaria, na Escola de Artes e Ofícios de Oliveira de Azeméis, onde o seu pai era diretor, e onde chegou a lecionar como auxiliar de oficina. Foi primeira figura da cena teatral portuguesa, tendo feito parte, entre outras, da companhia de Rey-Colaço/Robles Monteiro, e da de Vasco Morgado. A sua primeira participação na arte cinematográfica acontece pela mão de J. Oliveira Santos, no filme “Dois corações...um destino”, onde se relata “a história simples duma humilde vendedeira de violetas, na Figueira da Foz. Amor, sentimento, luxo. Um poema de beleza vivido pela alma duma mulher, até que encontra o amor dum "sportsman". “Duas almas amantes, que só a morte separará...” (Cruz, 1999, p. 58). Nesse mesmo ano, é apresentada a Leitão de Barros pelo jornalista Arthur Inês, que a vira na curta-metragem de promoção turística da Figueira da Foz, “Dois corações... um destino”.

¹ Este era um documentário turístico, de revelação das belezas da Figueira da Foz, tendo por fundo um sortilégio romântico”, com fotografia de Manuel dos Santos e música de Luís Cajão (Cruz, 1999, p. 56)

Elencamos na tabela 20 as representações mais relevantes da sua extensa carreira quer no cinema quer no teatro.

Tabela 20

Algumas atuações de Madalena Sotto

Ano	Representação	Obra
1940	Teatro	Os velhos, de D. João da Câmara com Alves da Cunha
1940	Cinema	Feitiço do império; A Varanda dos Rouxinóis
1945	Cinema	A vizinha do Lado de António Lopes Ribeiro - Prémio de Melhor Atriz, pelo Secretariado Nacional de Informação
1947	Cinema	Três espelhos, de Ladislao Vajda
1950	Teatro	Othelo; O Leque de Lady Windermere A Severa de Júlio Dantas, contracena com Amália Rodrigues, Assis Pacheco e Paulo Renato
1956	Cinema	Vidas sem rumo, de Manuel Guimarães
1960	Teatro	Núcleo fundador do Teatro da Estufa Fria
1972	Cinema	Sinal vermelho, de Rafael Romero Marchent
1978	Teatro	Casa de Pais de Herlander Peyroteo
1993	Telefilme	Oito mulheres, de Hélder Duarte

Fonte: Elaboração própria a partir de www.cinemaportuguesmemoriale.pt

Maria Valdez

Natural de Buarcos, filha de Vital Caldez Paulo, faroleiro do Cabo Mondego e de Maria Augusta Nobre Coelho. Destaca-se na 7ª Arte através da participação no filme “O Bocage” de 1936, no papel da Marquesa de Alorna. Na edição de 15 de Fevereiro de 1936, do jornal figueirense “A Voz da Justiça”, publicava “... uma figueirense que escolhida entre muitas concorrentes, vai ser vedeta do Filme português *O Bocage*”. O Jornal República que organizou o concurso (a que hoje chamaríamos casting), publicava a seguinte entrevista de que aqui se apresenta um trecho “Nasci no Cabo Mondego, olhando o mar, brincando com ele, habituando-me a ser forte, a descobrir ensinamentos na luta áspera que o Homem trava constantemente com a sua grandeza sem fim”. O filme seria considerado no Brasil uma obra prima do cinema português. Infelizmente a prestação de Maria Valdez no cinema terminaria por aqui.

Andrade e Silva

José Alberto Esteves de Andrade e Silva, nasceu em Buarcos, no concelho da Figueira da Foz a 6 de Maio 1929. Jovem mudou-se para Lisboa e granjeou notoriedade como ator de teatro, televisão e cinema, vindo mesmo a integrar o elenco do Teatro Nacional D. Maria. Viveu e veio a falecer em Lisboa a 9 de Abril de 1997.

Foi ator da companhia de Teatro Popular de Lisboa, na Estufa Fria e também escreveu poesia. Colaborou com vários jornais e fez traduções e adaptações de algumas peças de teatro para a RTP e para a Emissora Nacional. Destacou-se sobretudo nos discos infantis com temas para os mais novos, alguns deles com orquestrações de Siegfried Sugg. Raul Solnado e Rita Ribeiro foram alguns dos que interpretaram músicas suas, sendo o primeiro disco da cantora e atriz em 1977 só com temas seus. Participou no Festival da Canção 1970 como autor e compositor do tema Velho Sonho, interpretado por Artur Rodrigues, que se classificou em 5º lugar. Voltou a concorrer desta vez no Festival da Canção 1974 onde foi novamente autor e compositor desta vez do tema Temos de Cantar, que entregou a Xico Jorge, onde ficou em 7º lugar com apenas 1 ponto. O design era também uma paixão para este figueirense e desenvolve capas de vários discos, maquetas de cenários e figurinos para apresentações teatrais. (<https://festivaiscancao.wordpress.com>, s.d.).

O Casino do Estoril apresentou em Fevereiro de 1994, na sua Galeria de Arte, alguns dos seus trabalhos numa homenagem aos figueirenses, na mostra de “Artistas da Figueira da Foz”.

Na sua atividade cinematográfica destaca-se o filme “Os 3 da vida airada”, de Perdigão Queiroga. O seu personagem “Renato” contracena com nomes importante da sétima arte como António Silva, Vasco Morgado, Milu e Eugénio Salvador. Fará cerca de meia dúzia de filmes, tendo o último sido em 1971, “Nem amantes nem amigos”, realizado por Orlando Vitorino. Desempenha “Carlos”, junto a Lia Gama, Delfina Cruz e Carlos Duarte. No final do seu percurso ainda será membro dos corpos sociais da Casa do Concelho da Figueira da Foz, em Lisboa. (Poeta, 1997, pp. 21,22).

João Mário Grilo

Nasce na Figueira da Foz em 1958 e é Professor Catedrático na Universidade NOVA FCSH, onde fez o seu mestrado e doutoramento (Ciências da Comunicação/Cinema). Dá aulas de Realização de Cinema (seminário) e é coordenador dos Doutoramentos em Estudos Artísticos e em Digital Media e do Mestrado em Cinema/Televisão.

Publicou inúmeros artigos sobre cinema e arte contemporânea em Portugal e no estrangeiro (em particular, na revista *Traffic*). É autor de vários livros (vide tabela 20), enquanto realizador, tem uma vasta obra exposta na tabela 21.

Tabela 21

Livros de autoria de João Mário Grilo

1997	A ordem no cinema: vozes e palavras de ordem no estabelecimento do cinema em Hollywood
2006	As Lições do Cinema. Manual de Filmologia
2006	O Cinema da Não-Ilusão
2006	O Homem Imaginado
2007	O Livro das Imagens
2007	Film & Philosophy: Mapping an Encounter
2009 – 2012	Compêndio coletivo sobre o tema, coorganizado com Irene Aparício, que resultou de um projeto de investigação, no qual foi Investigador Responsável.

Fonte – Elaboração própria a partir de www.joãomariogrilo.wook.pt

Também como realizador, representou Portugal em vários festivais de cinema, em Cannes; Veneza; Berlim; Locarno; Rio de Janeiro; Toronto; Vancouver; S. Francisco; Houston; Roterdão; Biarritz; Hong Kong e Estocolmo. Em 1982 recebeu o prémio Georges Sadoul, em 1999 o prémio Especial do Júri no Rio de Janeiro, o prémio do público e do júri em Biarritz, o prémio PROCIREP em Cannes, o prémio de melhor documentário no festival Indie Lisboa (2012) e, no Porto, em 2012, o prémio Paz dos Reis pela sua carreira. Em 1990, um dos seus filmes esteve nomeado para o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Abaixo, temos as suas obras mais emblemáticas na tabela 22.

Foram apresentadas retrospectivas do seu trabalho cinematográfico no Festival de Cinema de La Rochelle, no Festival da Figueira da Foz e uma retrospectiva integral no LEFFEST.

Tabela 22

Obras Cinematográficas de Realização de João Mário Grilo

Ano	Obra	Ano	Obra
1978	Maria	2000	Forte
1982	A Estrangeira	2002	A Falha
1989	O Processo do Rei	2004	Prova de Contacto
1993	O Fim do Mundo	2008	O Tapete Voador
1994	Saramago	2010	Duas Mulheres
1996	Os Olhos da Ásia	2012	A Vossa Casa
1998	Longe da Vista	2016	A Vossa Terra

Fonte: Elaboração própria a partir de www.cinept.ubi.pt

João César Monteiro

O realizador João César Monteiro, nasceu na Figueira da Foz a 2 de fevereiro de 1939, vindo a falecer em Lisboa a 3 de fevereiro de 2003. É filho único de pai jornalista e de mãe analfabeta proveniente da classe baixa. O pai era o dono de um jornal de oposição ao regime intitulado “A voz da Justiça”; fascinado pela literatura de Camilo Castelo. É através da mãe que cedo assiste às fitas projetadas nas salas de cinema da Figueira da Foz, onde os menores não podiam entrar sozinhos. Da infância diz-nos “...tive infância caprichosa e bem nutrida, no seio de uma família fortemente dominada pelo espírito, chamemos-lhe assim, da 1ª República. Escusado será dizer que abundavam os dichotes anticlericais, muito embora o meu pai desejasse que eu viesse a seguir a carreira eclesiástica. Em suma: não se percebia nada... diziam que tinha comprimidos atómicos dentro do corpo, que era muito endiabrado. E dizia-se pior ainda: que eu era o terror da cidade. Fazia, em suma, as piores patifarias, coisas mesmo atrozes. Uma vez pus uma cana na porta de saída do 9autocarro para as peixeiras caírem...” (Muga, 2015, pp. 157, 158).

Foi poeta, escritor, crítico cinematográfico, com um início de vida atribulado fruto da morte precoce do pai e dificuldades financeiras. Trabalha como assistente de realização de Perdigão Queiroga no filme “O Milionário” (1962). Em 1963, torna-se bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, para frequentar a London School of Film Technique. De regresso a Lisboa, escreve em revistas especializadas, como o Tempo e o Modo (1965-1969), e no jornal o Diário de Lisboa (1969-1972), fazendo resenhas dos filmes distribuídos pela Castello Lopes Filmes (1966-1967). O ano de 1969 ficará marcado pelo conhecimento, num ciclo dedicado a Murnau na Cinemateca de Lisboa, de Margarida Gil com quem casa e que será sua cúmplice em vários filmes.

Foi distinguido 2 vezes pelo Festival de Veneza, a primeira, em 1989, com o Leão de Prata de melhor realizador, por “Recordações da Casa Amarela” — filme inaugural da trilogia João de Deus, poeta e louco interpretado pelo próprio cineasta e seu alter-ego — e, em 1995, com o Grande Prémio do Júri, por “A Comédia de Deus”, que deu continuidade a este ciclo, fechado com “As Bodas de Deus”, em 1999. Competição do Festival de Cannes (onde a crítica o considerou “a obra prima de um dos maiores cineastas mundiais”). César Monteiro dirigiu ainda 22 curtas e longas metragens, abaixo descritas na tabela 18.

Henrique Muga afirmou que a obra cinematográfica de César Monteiro, “é simultaneamente catártica, porque nos faz rir, e ao mesmo tempo reflexiva, porque nos faz

pensar”. João César Monteiro desejava fazer um filme sobre a infância passada na Figueira da Foz, o que não viria a acontecer (observador.pt, 2020). Abaixo pode observar-se na tabela 23, uma resenha de alguns dos seus filmes mais emblemáticos.

Tabela 23

Obra cinematográfica de João César Monteiro

Ano	Duração	Obra
1969	Documentário	Sophia de Mello Breyner Andresen
1971	Curta Metragem	Quem Espera por Sapatos de Defunto Morre Descalço
1972	Longa Metragem	Fragmentos de um filme Esmola: A Sagrada Família
1975	Longa Metragem	Que Farei com Esta Espada?
1978	Curta Metragem	Os Dois Soldados
	Longa Metragem	Veredas
1979	Curta Metragem	O Amor das Três Romãs
	Curta Metragem	O Rico e o Pobre
1982	Longa Metragem	Silvestre
1986	Longa Metragem	À Flor do Mar
1989	Longa Metragem	Recordações da Casa Amarela
1992	Longa Metragem	O Último Mergulho
	Curta Metragem	Passeio com Johnny Guitar
	Curta Metragem	Lettera Amorosa
1995	Curta Metragem	O Bestiário ou o Cortejo de Orpheu
	Longa Metragem	A Comédia de Deus
1997	Longa Metragem	Le Bassin de J.W
1999	Longa Metragem	As Bodas de Deus
2000	Longa Metragem	Branca de Neve
2003	Longa Metragem	Vai e Vem

Fonte: Elaboração própria a partir de <https://observador.pt/2020/02/02/joao-cesar-monteiro-o-realizador-que-gostava-mais-de-pessoas-do-que-de-atores-homenageado-na-figueira-da-foz/>

José Poeta

Nasce na Figueira da Foz em 1960, economista de profissão, teve pelo cinema uma das suas grandes paixões. Acompanhou e fez parte do *back office* do Festival Internacional de Cinema, sob o comando de Vieira Marques durante vários anos.

O espólio de José Poeta conta com mais de 150 máquinas de filmar e projetar de vários formatos. Detentor de uma coleção de cerca de 600 livros e 500 revistas sobre a Sétima Arte, uma centena de catálogos de festivais portugueses e um infindável número de programas, desdobráveis, cartazes e panfletos desde o início das projeções em locais emblemáticos da

Figueira da Foz, alguns dos quais já não existem, seria digno de qualquer museu dedicado a esta temática.

Defendia, numa entrevista ao jornalista António Flórido, que “a cidade já merecia ter um museu dedicado ao cinema” (Flórido, 2010). Esta sua paixão custou-lhe mais de 30 mil euros de investimento na sua coleção. Ao jornal *Correio da Manhã* viria a confessar que “... há 12 anos que não troco de carro e férias... nem as vês”. Acrescentou ao seu espólio peças provenientes de intercâmbios com instituições nacionais e internacionais como por exemplo o Museu de Girona (<https://www.cmjornal.pt/cultura>, 2006).

Deixou um legado escrito incontornável, em fascículos publicados aquando da celebração dos 100 Anos de Cinema na Figueira da Foz, hoje pertencentes à Biblioteca Municipal.

Jorge Pelicano

O realizador Jorge Pelicano nasceu na Figueira da Foz em 1977. É licenciado em Comunicação e Relações Públicas e pós-graduado em Comunicação e Jornalismo na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foi repórter de imagem da SIC Televisão de 2001 até 2012. Estreou-se no documentário com “Ainda há pastores?” (2006) com o qual ganhou mais de uma dezena de prémios nacionais e internacionais. “Pare, Escute, Olhe” (2009), sobre a desativação da linha ferroviária do Tua, foi outro documentário igualmente premiado. Em 2012 Jorge Pelicano foi um dos criadores e realizador da série de documentários “Momentos de Mudança”, um programa que quebrou o formato tradicional do jornalismo televisivo através da introdução do conceito de jornalismo cinematográfico. É igualmente um dos autores do livro “Câmara de reflexão – Uma imagem, mil palavras”, publicado pela Plátano Editora em 2010. Desde Fevereiro de 2013 que desenvolve o seu trabalho como realizador de documentários na produtora Até ao Fim do Mundo. (<https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo>), as suas obras estão elencadas na tabela 24.

Tabela 24
Obras realizadas e premiadas por Jorge Pelicano

Data	Obras	Prémios
2006	AINDA HÁ PASTORES? Documentário, 73 min.	<p>Prémio “Lusofonia”, CineEco 2006, Seia, Portugal Menção Honrosa do Júri da Juventude, CineEco 2006, Seia, Portugal Prémio 2007 - “Atlântico”, Play-Doc, Tui, Espanha Prémio Imprensa, Caminhos do Cinema Português 2007, Coimbra, Portugal Prémio “Cora Coralina” (Melhor filme), FICA 2007, Brasil Prémio Zumballe Melhor documentário, MIVICO 2007, Ponteareas, Galiza Prémio Green Award, EFFN – Environmental Film Festival Network 2007, Torino, Itália Menção Especial no 2º Festival Internacional de Cine Documental de la Ciudad de México, México Prémio Secção Transfronteiriça “Melhor documentário”, Extrema Doc 2007, Cáceres, Espanha Prémio Melhor Documentário, Kathmandu International Mountain Film Festival 2007, Katmandhu, Nepal Prémio Televisão da Eslováquia, Etnofilm Festival 2008, Bratislava, Eslováquia Prémio do Público, Canada's Portuguese Film Festival 2008, Toronto, Canada Prémio 2º Classificado Categoria Documentário, Ecologico International Film Festival 2008, Lecce, Itália</p>
2009	PARE, ESCUTE, OLHE Documentário, 102 min	<p>Prémio do Melhor Documentário Português, DocLisboa 2009, Portugal Prémio Melhor Montagem, DocLisboa 2009, Portugal Prémio Especial da Juventude, CineEco 2009, Seia, Portugal Prémio "Cittá di Bolzano", Trento Mountain Film Festival 2011, Itália Grande Prémio “Cervinio Cine Mountain”, Cervino Cine 2011, Itália</p>
2014	Para-me de repente o pensamento	
2018	Até que o porno nos separe	Distinguido no Festival Roze Filmdagen (um dos mais importantes festivais de cinema LGBTQ), em Amesterdão

Fonte: (<https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo>)

Miguel Babo

Miguel Babo nasceu na Figueira da Foz, em 1965. Licenciado em Engenharia Química, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, possui uma pós-graduação em Marketing e Gestão Económica, pela Universidade de Vassá, na Finlândia.

Tem feito trabalhos como produtor de moda e ator e participado em espetáculos musicais, de teatro e de cinema, bem como em diversos eventos culturais, nomeadamente como exímio jogador de Xadrez.

É também autor de várias publicações, das quais se destacam “Da Universidade de Coimbra e dos TS que por lá andam” (manifesto), *Quando As Almas Se Despem* (romance), *O Rei Não Tomba* (contos) e a edição bilingue *Xadrez: criatividade em papel: faça você*.

Na área infantil e juvenil, Miguel Babo publicou dois títulos: *Pivete, o Pequeno Corsário* e *A história do Rei Elias* (<http://jornal-sinal.blogspot.com/>, s.d.).

Trabalhou com as maiores produtoras portuguesas de audiovisuais como a Macman, e a Still. Participou em dezenas de filmes comerciais e já em 2004 assume a atividade artística profissionalmente. Foi agenciado pela GAP, pela Quick Models e mais tarde pela central Models. Contracenou e trabalhou com muitos atores e artistas de prestígio nacional e internacional, como Actor, modelo e produtor. (cm-figfoz.pt, s.d.). Encenou ainda “As Muralhas de Elsinor” de Hugo Barreiros e Cabaret, peça musical da sua autoria. Foi ainda distinguido pela Figueira TV, em 2013, “Prémio Carreira” e em 2015, e foi considerado “Actor do Ano”.

Realiza o documentário “O Assalto ao Quartel de Beja” e “Dess Nha Terra” filmado em Cabo Verde. Como autor/cineasta português, é convidado pela Universidade de Lille, nas jornadas internacionais culturais daquela Universidade em 2012, com a curta metragem “O Condenado”.

Dirige o filme, em que também participa como ator, “A Teia”, da autoria do Maestro António Vitorino de Almeida.

Miguel Babo apresenta “Para além da memória”, a sua primeira longa-metragem de ficção, no 20 de julho, no Centro de Artes e Espetáculos (CAE) da Figueira da Foz, em 2019, onde se apresenta como realizador, ator e argumentista, com um elenco de renome com especial destaque para Lúcia Franco, a brasileira Gabriela Moryera (atriz da Globo), Teresa Côrte-Real, Ângelo Torres e Álvaro Faria. A rodagem de “Para além da memória” passou por cidades como Coimbra, Alvaiázere, Miranda do Corvo, Lousã e Lisboa (<https://www.asbeiras.pt>, 2019).

Miguel Borges

Miguel Borges nasce na Figueira da Foz e concluiu o Curso de Formação de Atores, na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Irreverente com algo que lembrava um jovem James Dean, era um estudante apaixonado quer pela representação quer pela sétima arte.

Iniciou-se em teatro nos Netos do Metropolitano e nas Marionetas de Lisboa. Posteriormente, trabalhou com o Teatro da Cornucópia (sob a direção de Miguel Guilherme, Stephan Stroux e Luís Miguel Cintra), no projeto "Olho" (com João Garcia Miguel), Depois da Uma – Teatro? Sensurround (direção de Lúcia Sigalho) e Artistas Unidos (com Jorge Silva Melo, Joana Bárcia, Américo Silva, Cláudio da Silva, João Fiadeiro e António Simão). Já interpretou peças de Bertolt Brecht, Harold Pinter, Antonio Onetti, Samuel Beckett, William Shakespeare, Jon Fosse, José Maria Vieira Mendes e Miguel Castro Caldas. Co-encenou *Café*, a partir de Spiro Scimone, nos Artistas Unidos (<https://artistasunidos.pt/miguel-borges>, s.d.).

A sua vasta filmografia encontra-se descrita na tabela 25. Recebeu o Prémio de Melhor Actor Principal nos Prémios Sophia de 2017, pela atuação no filme *Cinzento e Negro* do realizador Luís Filipe Rocha.

Tabela 25

Filmografia do ator Miguel Borges

Três Irmãos (1994), realizador- Teresa Villaverde	Manual de Evasão (1994), realizador- Edgar Pêra	Dans la Cour des Grands (1995), realizador- Florence Strauss
A Konspiração dos Mil Tímpanos (1996), realizador- Edgar Pêra	Casting de Virgens, Operários e Prostitutas (1996), realizador- João Pinto	A Janela Não É a Paisagem (1997), realizador- Edgar Pêra
Quando Troveja (1999), realizador- Manuel Mozos	António, Um Rapaz de Lisboa (1999), realizador- Jorge Silva Melo	O Ralo (1999), realizador- Tiago Guedes e Frederico
Esquinas Agudas (1999), realizador- Edgar Pêra	Branca de Neve (2000), realizador- João César Monteiro	A Janela (Maryalva Mix) (2001), realizador- Edgar Pêra
Água e Sal (2001) realizador- Teresa Villaverde	Devolução (2002) realizador- Castro Sousa	A Máquina (2002), realizador- Manuela Pureza
Voragem (2003), realizador- Rui Cardoso	Um Caso Bicudo (2003), realizador- Rui Sousa	O Desalmado (2003), realizador- Afonso Cruz-
Vai e Vem (2003), realizador- João César Monteiro	Sudwestern (2004), realizado por Edgar Pêra	Dies Irae (2004), realizador- João Morais Ribeiro
Maria E as Outras (2004), realizado por José de Sá Caetano	Um Tiro no Escuro (2005), realizador- Leonel Vieira	Coisa Ruim (2006), realizador- Tiago Guedes e Frederico Serra
27 Ounces (2007), realizador- Nuno Baptista e Paula González	Dias Escuros (2007), realizador- Ricardo Simões	Veneno Cura (2008), realizador- Raquel Freire
1.ª Vez 16 mm (2008), realizador- Rui Goulart	Velocidade de Sedimentação (2008), realizador- António Escudeiro	Alive (2008), realizador- Rui Duarte, Susana Gomes e Simão Pamplona
Arte de Roubar (2008), realizador- Leonel Vieira	O Lago (2008), realizador- André Marques	A Felicidade (2009), realizador- Jorge Silva Melo
Bandidas (2010), realizador- Antunez	Casa c/ Piscina (2011), realizador- Pedro Mendonça e Vasco Monteiro	O Teu Sapato (2011), realizador- João Seiça

O Dia Mais Feliz da Tua Vida (2012), realizador- Adriano Luz	Linhas de Wellington (2012), realizador- Valeria Sarmiento	Herculano (2013 realizador- Sérgio Graciano
O Mundo Cai aos Bocados (e Ainda Assim as Pessoas Apaixonam-se) (2014), realizador- Henrique Pina	Virados do Avesso (2014), realizador- Edgar Pêra	Encontradouro (2014), realizador- Afonso Pimentel
São Miguel Arcanjo nº 5 (2014), realizador- Rosa Coutinho Cabral	O Retrato (2015), realizador- Cláudia Clemente	Capitão Falcão (2015), realizador- João Leitão
A Caverna (2015), realizador- Edgar Pêra	Yulya (2015), realizador- André Marques	Cinzento e Negro (2015), realizador- Luís Filipe Rocha - Prémio Sophia de Melhor Ator Principal.
I'd Rather Not Say (2015), realizador- Pedro Augusto Almeida	Jeunesse (2016), realizador- Julien Samani	Uma Vida à Espera (2016), realizador- Sérgio Graciano
Delírio em Las Vedras (2016), realizador- Edgar Pêra	Coup de Grâce (2017), realizador- Salomé Lamas	Nascido em Angola (2017), realizador- Rui Goulart
Coração Negro (2017), realizador- Rosa Coutinho Cabral	Ferro Sangue (2017), realizador- Fábio Penela	Soldado Milhões (2018), realizador- Gonçalo Galvão Teles e Jorge Paixão da Costa
Ruth (2018) realizador- António Pinhão Botelho	Parque Mayer (2018), realizador- António-Pedro Vasconcelos	Pedro e Inês (2018), realizador- António Ferreira
Carga (2018), realizador- Bruno Gascon	Mosquito (2020), realizador- João Nuno Pinto	Terra Nova (2020), realizador- Artur Ribeiro

Fonte – (<https://cinemaportuguesmemoriale.pt>, s.d.)

Luis Albuquerque

Depois de grande parte da sua vida dedicada ao desporto de alta competição, contando no seu curriculum com 66 internacionalizações ao serviço da Seleção Nacional de Basquetebol, vencedor de todas as competições em Portugal dessa modalidade, destacando-se 4 campeonatos nacionais ao serviço do Benfica, Ginásio Figueirense e Naval 1º Maio, começa o seu círculo de composição artística no que diz respeito à música nos seus mais variados géneros. Com 84 obras musicais registadas na Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), pretende, acima de tudo ser considerado compositor. Em 2010, através do filme/musical “Fugiu Peter Pan”, o qual produziu e realizou juntamente com a Timelapse-Media, desenfreado-lhe o atrevimento e a temeridade de se querer ser também realizador. Foi responsável pelas bandas sonoras dos filmes por si realizados, mencionados.

Possui 84 composições musicais registadas na Sociedade Portuguesa de Autores, foi produtor e compositor do álbum La Donna, do álbum Bside US, do álbum We FIGGA e finalmente compositor/autor/músico no álbum BAFO, à tona d’água.

Na Figueira Film Art, ocupa o cargo de diretor geral. A título de curiosidade, a edição de 2016 contou com a inscrição de 4804 filmes a concurso, oriundos de 124 países diferentes!

O ano de 2017, foi o ano da consagração nacional, realizando o filme “Por onde escapam as palavras”, que entra no circuito comercial. O filme encontra-se na 17º posição nos filmes mais vistos em 2017 (dados ICA).

Em 2019, celebra contrato de parceria com a maior distribuidora portuguesa, NOS Audiovisuais, para a realização do filme VIRIATO, sobre a vida do líder lusitano, uma grande produção cinematográfica.

Sem apoio financeiro do ICA (Instituto do Cinema e do Audiovisual) (<https://interiordoavesso.pt/cinema-setima-arte>, 2019). a estreia foi a 10 de Outubro de 2019 em todos os cinemas nacionais. O filme atingiu um honroso 14º posto nos filmes nacionais mais vistos em Portugal (dados ICA), por entre 52 longas-metragens, encontrando-se no videoclube das plataformas de TV da NOS, MEO e Vodafone, no PayTv da TvCine e na plataforma mundial da Amazon Prime Vídeo.

O realizador Luís Albuquerque tem na sua senda cinematográfica o exemplo de arte e do engenho, com um apoio sem precedentes da comunidade local em participações fílmicas, ver tabela 26.

Abuquerque afirmou que “Há milhares de anos houve um português que lutou e deu a sua vida pelo território que, mais tarde, se tornou a Lusitânia. Contra os avanços do império romano, possuidor de uma garra imensa, escolheu dedicar a vida à proteção das suas gentes e das suas terras, contra tudo e contra todos. O seu nome era... Viriato.” Disse ainda que “De especial interesse para o público escolar secundário e superior, o filme reflete um esforço de relação com essa área, oferecendo inúmeras possibilidades de interpretação, conhecimento e reflexão da nossa história. A importância e pertinência desta obra no panorama cinematográfico nacional representa uma oportunidade única de dar a conhecer um dos grandes heróis portugueses a nível nacional e de singular interesse e potencial no mercado ibérico e europeu.” Este filme contou com cerca de 250 pessoas (entre figurantes e elenco) sendo a banda sonora da autoria de ouro figueirense, Luís Sousa.

Tabela 26

Filmografia de Luís Albuquerque

Data	Filme	Duração
2022	GEME... LA VIE!	Longa-metragem
2019	VIRIATO	Longa-metragem
2017	Por onde escapam as palavras	Longa-metragem
2012	A dança dos Flamingos	Curta-metragem
2011	ROVISCO	Longa-metragem
2010	Fugiu Peter Pan	Longa-metragem

Fonte - (<https://interiordoavesso.pt/cinema-setima-arte>, 2019)

Rui Major

Rui Major nasce na Figueira da Foz em 1986 e pertence a uma nova geração de realizadores que transferem os seus conhecimentos para uma área mais comercial do cinema, nomeadamente a publicidade e videoclips entre outros, o que justifica a sua referência neste trabalho.

Estuda em Lisboa onde conclui o curso de Arte Multimédia em 2009 na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Começa pela fotografia em 2005 e entra na produção de vídeos em 2008. Em 2010 e 2011 recebe 4 prémios em 3 festivais internacionais de publicidade, *Las Vegas CES*, *Sydney Tropfest* e *Pepsi Films Rio*. Corealiza o documentário *Fio Terra* com Miguel Rocha, apresentado em Guimarães, Capital Europeia da Cultura em 2012. Viaja para a Áustria onde durante um ano trabalha com escolas de dança contemporânea e experimental, onde realiza, coreografa e filma vídeos de dança (<https://ruimajor.com/portfolio/shortdoc-shaping-sounds-teaser>).

De novo em Lisboa, a partir de 2013, utiliza uma variedade de técnicas cinematográficas na realização de filmes de publicidade, videoclips de música, vídeo experimental, e curtas (<https://ruimajor.com/portfolio/shortdoc-shaping-sounds-teaser>).

Realizou vários trabalhos, entre os quais uma minissérie de 5 episódios, na forma de documentário sobre 5 artistas portugueses, nomeados para *Best Portuguese Act MTV EMA 2020* (<https://www.mtvema.com/articles/x9otr3/ready-set-vote-the-mtv-ema-2020-nominees-are-here>).

Algumas menções honrosas

Não podemos deixar de elencar alguns ilustres figueirenses ligados ao cinema, como Camilo de Oliveira (TV); Mário Bertô; Rosa Amélia; António Albuquerque; João Paiva. Ana Carolina Pascoal; João Damasceno; Mário da Costa; Vânia Fernandes; Yuri Ribeiro; João Oliveira; Pedro Rodrigues; Paula Queirós; Ana Bárbara Queirós e Tiago Santos.

11 Referências Históricas do cinema na Figueira da Foz

O cinema é uma arte da expressão cultural que por seu lado é parte integrante do turismo, acrescentando na Figueira da Foz atrações turísticas fornecendo experiências ao turista, através de roteiros, filmagens e cenários, entre outros. Abaixo na figura 7 encontramos a localização espacial dos edifícios onde eram projetadas as fitas, e nas figuras 8, 9, 10 e 11, estão registos fotográficos de alguns dos locais mais emblemáticos da cidade, onde tudo começou.

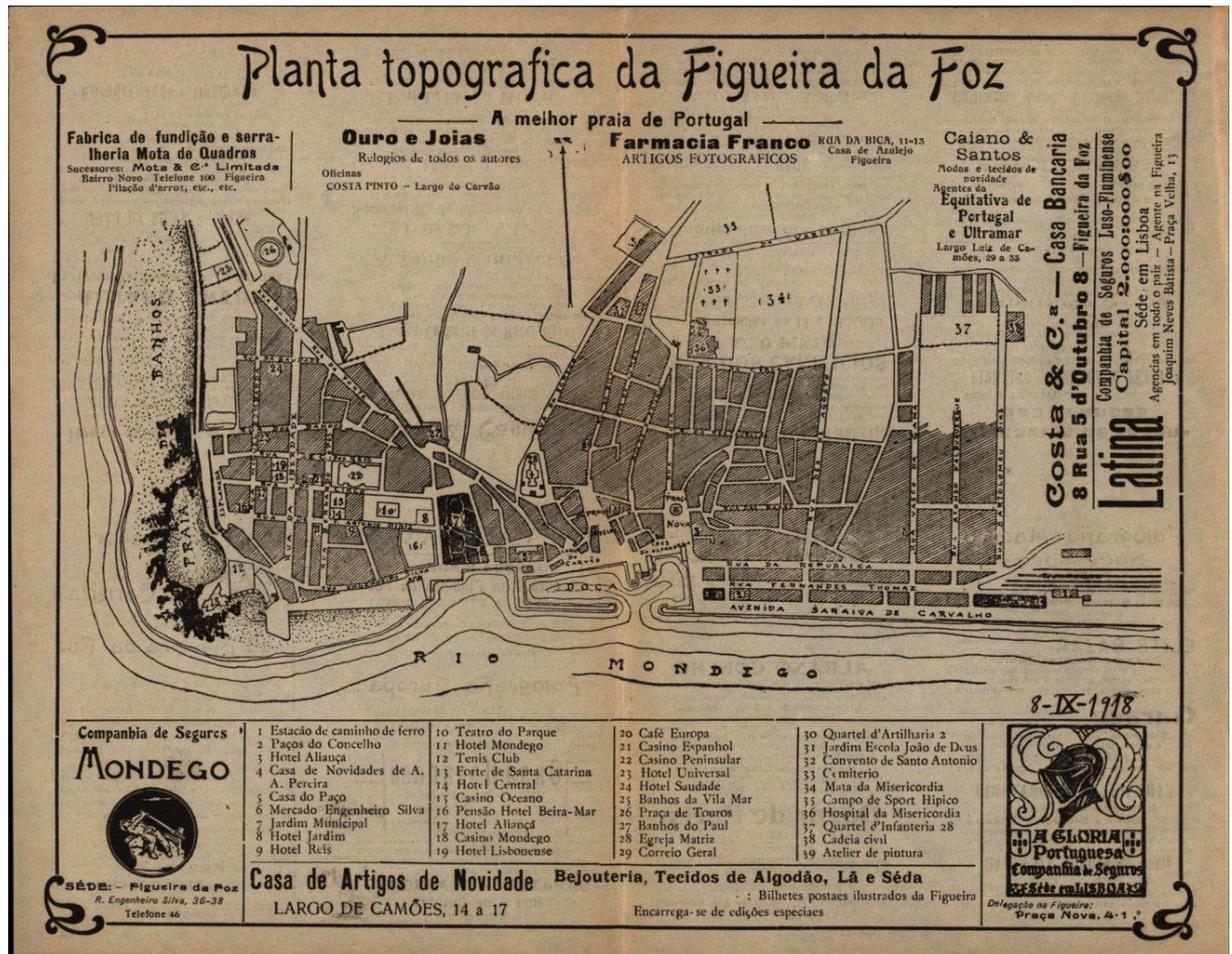


Figura 7- Mapa da Figueira da Foz, final do século XIX e respetiva legenda.

Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz <https://catalogos.cm-figfoz.pt/periodicos/Proj/AnuarioFigueirense -1918>

O Parque Cine já não existe, a sua localização, na Rua Cândido dos Reis, pode ser vista na figura 8-A. As figuras 8-B e 8-C mostram o exterior do edifício numa fase avançada de degradação e a imagem 8-D o interior da sala de exibições.



Figura 8A Vista Aérea da Rua Cândido dos Reis

Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz



Figura 8B Vista do Antigo Parque Cine
Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz



Figura 8C Ruínas do Parque Cine
Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz



Figura 8D Interior do Parque Cine
Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

O antigo Casino Peninsular está retratado nas figuras 9A – 9D:



Figura 9A O Casino Peninsular finais século XIX
Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz



Figura 9B O Casino Peninsular nos anos 50 do século XX
Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz



Figura 9C Entrada do Casino Peninsular nos anos 50 do século XX

Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz



Figura 9D Interior d Casino Peninsular finais século XIX

Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

Os extintos Teatro-Circo Saraiva de Carvalho (figura 10) e Teatro Príncipe (figura 11A e 11 B) estão representados em baixo.



Figura 10 Teatro-Circo Saraiva de Carvalho finais século XIX

Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz



Figura 11A Teatro Príncipe início século XX
Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

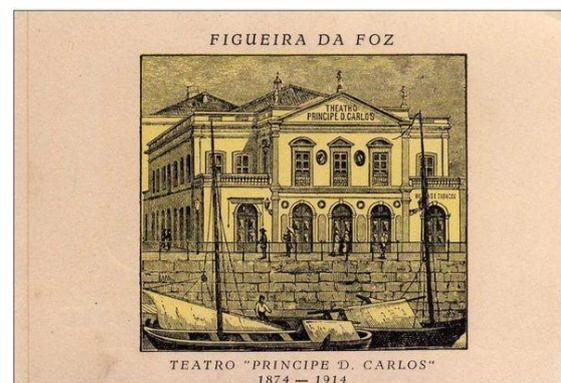


Figura 11 B Teatro Príncipe início século XX
Fonte: Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

O Teatro Grupo Caras Direitas está representado nas figuras 12A a 12D.



Figura 12 A. Exterior do Grupo Caras Direitas
Fonte: Arquivo Fotográfico do Município da Figueira da Foz



Figura 12 B. Placa comemorativa da inauguração do Grupo Caras Direitas.
Fonte: Arquivo Fotográfico do Município da Figueira da Foz



Figura 12 C. Vista do edifício do Grupo Caras Direitas em Buarcos
Fonte: Arquivo Fotográfico do Município da Figueira da Foz



Figura 12 D. Vista do interior do Grupo Caras Direitas
Fonte: Arquivo Fotográfico do Município da Figueira da Foz

12 Referências modernas do Cinema na Figueira da Foz

Os locais e eventos relacionados com o cinema na Figueira da Foz, têm existido ao longo de mais de um século, com um interregno acentuado durante os anos da pandemia provocada pelo Covid-19.

No ano transato, o Município da Figueira da Foz promoveu às quartas-feiras um ciclo de cinema encabeçado por alguns cineastas figueirenses, e que decorreu de julho a agosto, no Pequeno Auditório do Centro de Artes e Espetáculos da Figueira da Foz

O propósito foi efetuar uma homenagem a realizadores Figueirenses (figura 13), tendo sido esta apresentação integrada no âmbito das Comemorações da Elevação da Figueira da Foz à categoria de Vila (1771) e da Elevação a Cidade (1882).



Figura 13 Programa “Ciclo de Cinema” incorporado nas comemorações do Município da Figueira da Foz, da elevação a cidade, 2022

Fonte: <https://www.facebook.com/municipio.figueiradafoz>

Estas sessões foram de entrada gratuita e decorreram de 29 de junho a 31 de agosto, às quartas-feiras, pelas 21h30, no Auditório João César Monteiro, contando com a presença dos realizadores, produtores e atores dos filmes, para uma conversa com o público presente.

Iniciando uma abordagem pragmática, a cidade da Figueira da Foz tem cerca de 3.300 lugares sentados para assistir a um certame internacional, num cenário idílico para uma mostra desta natureza, uma vez que todos os locais se encontram próximos e de fácil acesso. Começamos por enumerar os locais onde diariamente pode assistir à exibição de um filme, estando devidamente acauteladas todas as questões de segurança e acessibilidade.

- Centro Comercial Foz Plaza, localizado nos Condados de Tavarede, com abertura em Outubro de 2001, possui 5 salas de cinema com capacidade para 636 pessoas, tendo em exibição normalmente 9 filmes, com a primeira sessão a ter início às 13,30h, terminando a última sessão pelas 23,00h.
- CAE – Centro de Artes e Espetáculos da Figueira da Foz, inaugurado em 2002 e localizado junto ao Parque das Abadias, tem semanalmente à sexta feira um ciclo

de cinema em parceria com a Medeia Filmes, onde são selecionadas obras que se afastam do *mainstream* comercial, apostando-se em cinema europeu e de autor. Estas apresentações decorrem no Pequeno Auditório “César Monteiro”, o qual tem uma capacidade para 200 pessoas.

- Grande Auditório do CAE, sala de espetáculos com 832 lugares, já foi utilizado como sala de cinema nomeadamente a partir de 2014 no decurso do Festival de Cinema Film Arte. Para cinema ao ar livre temos o anfiteatro exterior com capacidade para 300 pessoas e ainda duas salas polivalentes para 100 pessoas.
- Grupo Caras Direitas tem capacidade para 335 lugares sentados e para além de eventos, espetáculos de teatro e variedades continua a promover algumas sessões de cinema esporádicas.
- Museu Municipal utiliza o seu Auditório Municipal para algumas sessões cinematográficas esporádicas. Possui 226 lugares sentados.
- Casino Peninsular com uma capacidade de 500 lugares sentados em plateia, tem sido desde a sua génese, utilizado na cinematografia, mesmo que nos últimos anos tal não tenha acontecido.
- Teatro da Trindade, um espaço pouco divulgado, construído no início do século XX em Buarcos, tem apresentado alguma cinematografia, possuindo cerca de 130 lugares.
- De forma esporádica com maior incidência no Verão, existem os espaços associativos, muitos localizados nas freguesias do concelho, são também locais onde a cinematografia também tem o seu palco.

A patrimonialização do cinema, criando locais e itinerários turísticos, através de filmagens distribuídas pelo concelho da Figueira da Foz, deverá cada vez mais afirmar-se. Na verdade, esta é já uma realidade. Tomemos o caso do cineasta Luís Albuquerque, o qual nos tem oferecido na sua trilogia de “J’aime la Vie” vários cenários figueirenses imediatamente reconhecidos pelos espectadores. Por outro lado, existem roteiros literários que foram já adaptados ao cinema, como o filme “Sinais de Fogo” baseado na obra literária de Jorge de Sena, situado temporalmente no despertar da Segunda Grande Guerra e com destaque para vários locais emblemáticos da cidade, como o Casino Peninsular entre outros.

O filme torna-se uma referência geográfica, disponível ao turista que queira fazer uma visita guiada pelo percurso pedestre implementado pela Autarquia.

A Figueira da Foz inaugurou há cerca de um ano um equipamento cultural, O Quartel da Imagem, o qual alberga todo o arquivo fotográfico. Neste espaço encontramos referências a todo o património material e imaterial do cinema na Figueira da Foz, referente ao

património cinematográfico associado à Figueira da Foz, referenciando o passado, as memórias e a redescoberta do que foi feito nesta área.

Está patente uma exposição sobre cinema e fotografia. Na exposição sobre o cinema, podemos observar uma máquina de projeções do início do século XX, bem como as bobines enormes onde as fitas eram enroladas. Vários cartazes e referências ao cinema encontram-se em exibição. Ainda é possível observar um pequeno filme de 1927, já editado, onde se observa a cidade e as diversões dignas de registo na época. O turismo espanhol estava no seu apogeu e a dinâmica impressa por estes banhistas era de facto muito moderna e viva, para a época.

13 A Importância do Evento/Festival alicerçado no Cinema

A continuidade do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, será neste caso específico, um cluster do audiovisual relativo ao momento do consumo no sentido restrito do cinema em si. O cinema apresenta-se em duas vertentes distintas: massificação de fácil acesso enquanto área criativa, elevado número de nichos alternativos.

Deste modo está criada uma dualidade entre o consumo de standardização e o de diferenciação (Vale, 2013).

O cinema de diferenciação aposta maioritariamente em circuitos e projetos alternativos, com vista a divulgar arte, em trabalhos menos mainstream. Em Portugal assistimos, por enquanto, a um franco desequilíbrio.

Enquanto o cinema comercial vagueia entre o lucro e a ausência de serviços educativos ou de conteúdos reflexivos e educacionais, o cinema (exibido no âmbito dos festivais) apresenta uma vasta oferta de cinema alternativo e diferenciado, capaz de suscitar ciclos de comunicação pedagógica. A exibição, característica dos festivais de cinema, passa por ser um núcleo, diga-se, mais específico e alternativo, fazendo destes um suporte de perfusão artística distanciado de circuitos mainstream.

Com um franco e contínuo crescimento de audiências, o tipo de exibição cinematográfica promovida pelos festivais, tem vindo a ser entendida como fundamental para qualquer núcleo urbano contemporâneo, ao representar um forte motor para criação de valor nas cidades. Esta forma de exibição cinematográfica, que dá preferência à educação de

públicos e ao que é artisticamente mais valorizado, ganha cada vez mais território na otimização do consumo cultural.

14 O Festival de Cinema da Figueira da Foz

José Vieira Marques foi o grande impulsionador deste certame, tendo começado por se designar Semana Internacional de Cinema da Figueira da Foz, no final da década de sessenta. Nasceu em Vila Franca de Xira a 28 de Fevereiro de 1934 e comandou os destinos do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz de 1972 até 2002, data da 31ª e última edição do certame. Desde 2003 que Vieira Marques vivia em Setúbal, estando jubilado do cargo de professor do Curso de Tecnologia da Comunicação Audiovisual no Instituto Politécnico do Porto, onde lecionou História Crítica do Cinema e do Vídeo e Análise de Filmes. Morre em 2006, estando a escrever um livro sobre a História do Cinema. (Lusa, 2006).

Durante os primeiros dois anos (1972/73), o festival afirmava-se como um local privilegiado de promoção cultural, divulgando um cinema de qualidade por forma a chamar um público consciente. (António, 1982). No novo contexto político, o Círculo Juvenil de Cinema da Figueira da Foz, seria afastado deste certame por se considerar parcial em termos políticos, parcialidade que Vieira Marques não desejava. Na imagem 6 podemos observar a notícia sobre este facto.

Como curiosidades, Luís Ferraz, Secretário Geral do Festival Internacional de Cinema (FIC) nos anos 90 do século XX (adiante entrevistado nesta dissertação), conta que Vieira Marques chegou a ir a Nova York (EUA) com dez contos no bolso (o equivalente hoje a cinquenta euros), insuficiente para uma estada nesta cidade, para trazer filmes específicos em bobine com o objetivo de estrearem no certame. No final acabava sempre tudo bem e encontrava sempre um “patrocinador”. Também Rosa Maria Antonen, fundadora e primeira presidente da Associação dos Amigos do Convento de Santa Maria de Seça, esteve envolvida no certame sendo responsável pelo lanche que se oferecia diariamente aos intervenientes no festival.

14.1 Representação cinematográfica no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz

Lauro António publica “Figueira da Foz – Dez anos de Cinema em Festival” em 1982, deixando um trabalho histórico de toda a dinâmica do certame, com referência aos filmes exibidos, as nacionalidades, os realizadores como Bernardo Bertolucci e Milos Forman ainda pouco conhecidos do grande público, produtores, bem como os atores intervenientes. Foi mais uma vez, uma época dourada do cinema para a Figueira da Foz e para o País, alterando mais uma vez a paisagem cultural da cidade e divulgando-a como uma referência cinematográfica internacional. O Cinema de Autor e o Cinema Europeu tinham aqui um grande destaque, logo em 1972.

A organização contava com o apoio da Sociedade Figueira Praia, detentora do Casino, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal da Figueira da Foz. Havia ainda lugar às Jornadas Culturais, com projeções e debates dando lugar à reflexão no âmbito dos colóquios apresentados durante a semana do festival.

Num país com escolaridade obrigatória até ao 6º ano, assistia-se a sessões lotadas e esgotadas no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz (salas com 600 lugares), o que “demonstrava cabalmente o interesse do público (...) o qual refletia uma autêntica e profunda necessidade cultural” (António, 1982, p. 43).

As regras estavam bem definidas através de regulamento e o júri era escolhido mediante critérios, a votação tinha vários parâmetros. Finalmente e de grande importância social à distância de 50 anos, este era um festival pluripartidário, com intervenientes de todos os quadrantes políticos. Durante o festival tinham lugar colóquios abertos, encontros com realizadores e outros especialistas de cinema e ainda debates sobre os filmes programados durante todo o dia, e verificava-se uma elevada participação do cinema estrangeiro, com a presença de destacadas personalidades ligadas ao mundo cinéfilo: cineastas, críticos da especialidade, atores e ainda havia a ênfase na apresentação de novas obras (15ª Edição do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, 1987). Em meados dos anos 70, os apoios estendiam-se à Secretaria de Estado da Cultura, do Ministério dos Negócios Estrangeiros e à Câmara de Comércio e Turismo, e claro com o apoio da Autarquia e do próprio Casino.

Em 1981 consagra-se no plano internacional o “Cinema para Crianças”, integrando o Centro Internacional do Cinema para a Infância e para a Juventude sob a égide da UNESCO.

14.2 A representatividade gráfica evolutiva do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz

Nas figuras abaixo (14-19), estão representados os países e o número de filmes participantes no evento em quatro anos específicos (1972, 1981, 1991 e 2001). Podemos observar o crescente interesse e respetivo aumento do cinema português nestes quatro anos analisados.

Outro facto importante foi a adesão dos países participantes no período da Revolução de Abril em Portugal, o que afetou consideravelmente algumas participações, devido quer à instabilidade política do país na altura quer pela corrente política dominante. Por este motivo, a participação de países com os Estados Unidos é insignificante a seguir à revolução, retomando de forma significativa a partir de 1977. Também, países do outro lado da Cortina de Ferro, e muito especificamente a Alemanha Democrática, tinham um peso cada vez mais elevado até à queda do muro de Berlim (1987), sendo depois a participação da Alemanha unificada a constar do certame.

Na primeira década do certame, este totaliza a exibição de 424 filmes a concurso. Países como a Bélgica, o Brasil, Hungria e o Canadá, participaram com 10 filmes cada, e a URSS com 13. A Espanha e a França tiveram uma participação de respetivamente de 28 e 49 filmes, a Itália com 18, a Polónia com 16 e a Suíça com 29 filmes seguidos dos EUA e a RFA com 44 filmes. Finalmente Portugal concorreu nesta década com 67 filmes, o que foi um feito importante para um país que não só saía dum regime ditatorial, passando por uma revolução, mas que dava os primeiros passos na democracia. Abaixo seguem os gráficos exemplificativos referentes à década de 70 (figura 17) e década de 80 (figura 18). Estes dados foram recolhidos das publicações anuais elaboradas por Vieira Marques em cooperação com o Casino e com o Município da Figueira da Foz.

Na década seguinte, de 1980 a 1990, assiste-se a um enorme aumento na apresentação de filmes no certame, 1335 filmes a concurso no total. Houve um tremendo acréscimo do cinema português (190 filmes no total), bem como um elevado incremento na participação do cinema francês (137 filmes) e no cinema dos Estados Unidos da América e do Canadá (123 filmes). Verifica-se também a introdução no festival do cinema da América do Sul, representado de forma significativa através dos países Argentina, Bolívia, Chile e Cuba. O cinema europeu mantém o crescimento na participação do certame, com a Alemanha unificada durante esta década (79 filmes), Áustria (44 Filmes), Bélgica (54 filmes), Bulgária (51 filmes), Finlândia (33 filmes), Países Baixos (41 filmes), Polónia (26 filmes), Suíça (50

filmes) e Grã-Bretanha com 44 filmes durante a década de oitenta, a concurso neste festival. A estabilização das políticas nacionais bem como a entrada na União Europeia, ajudam a abrir portas à internacionalização cada vez maior do festival.

Por fim, nesta análise temos espelhados os dados da década de 1990 a 2001, com a apresentação de pelo menos 872 filmes a concurso (dispondo neste estudo apenas de dados relativos aos anos 1991,92,94,95, 99 e 2001), tendo sido o festival interrompido em 2002.

Após a interrupção, seria mais tarde recuperado como Filmart em 2014, sendo de novo interrompido, agora por motivos relacionados com a pandemia Covid-19, em 2020, 2021 e 2022.

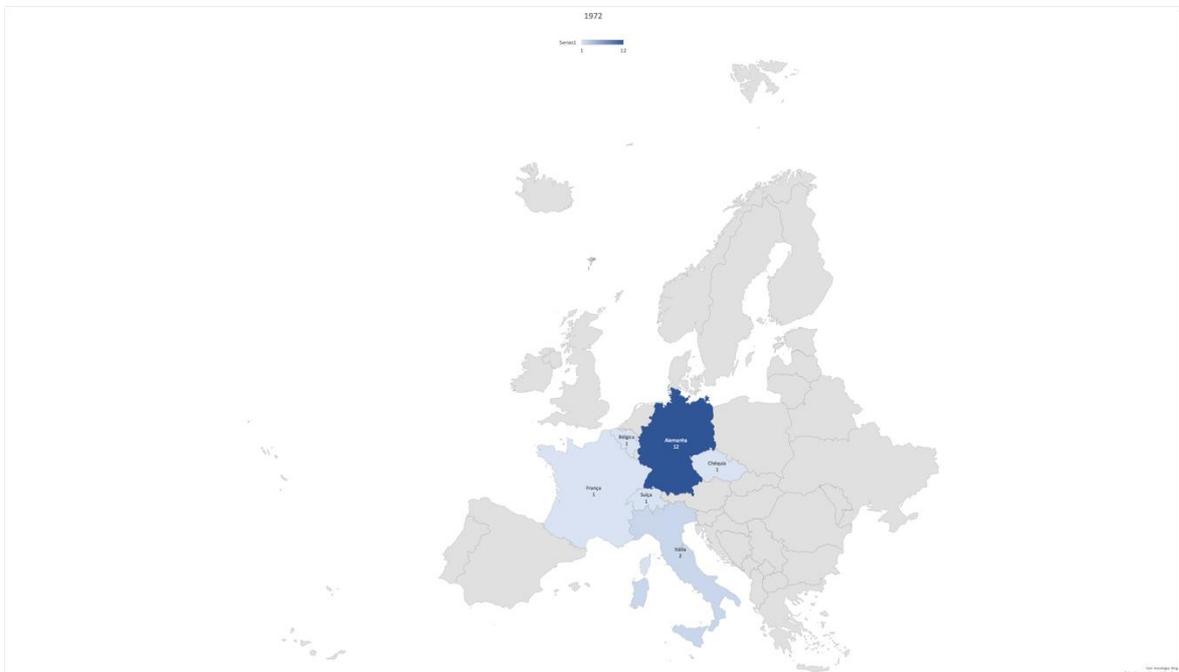


Figura 14. Mapa ilustrativo dos países participantes no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz em 1972

Fonte: Elaboração própria após consulta da Coleção dos livros editados pelo FICFF no Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

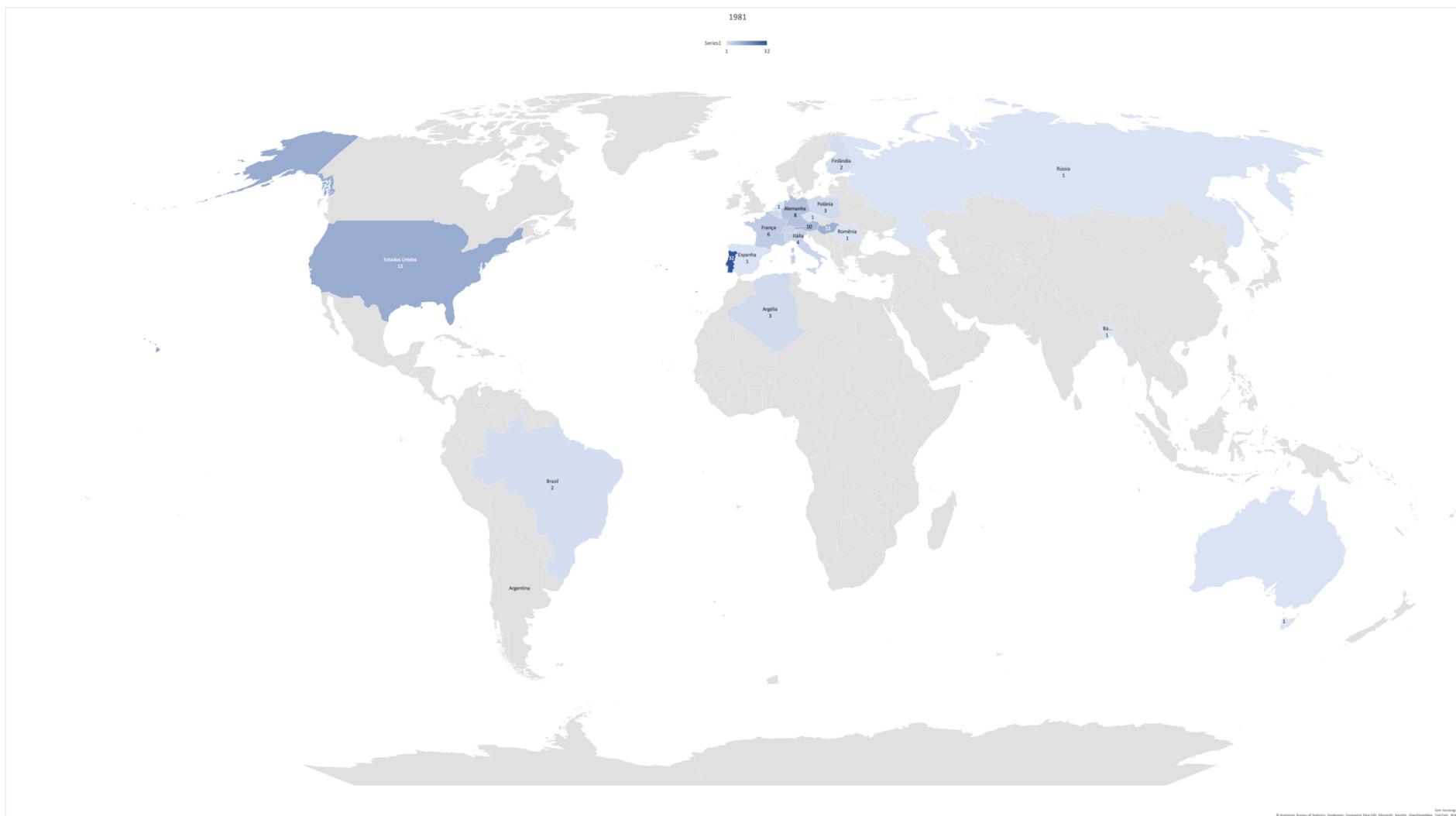


Figura 15. Mapa ilustrativo dos países participantes no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz em 1981

Fonte: Elaboração própria após consulta da Coleção dos livros editados pelo FICFF no Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

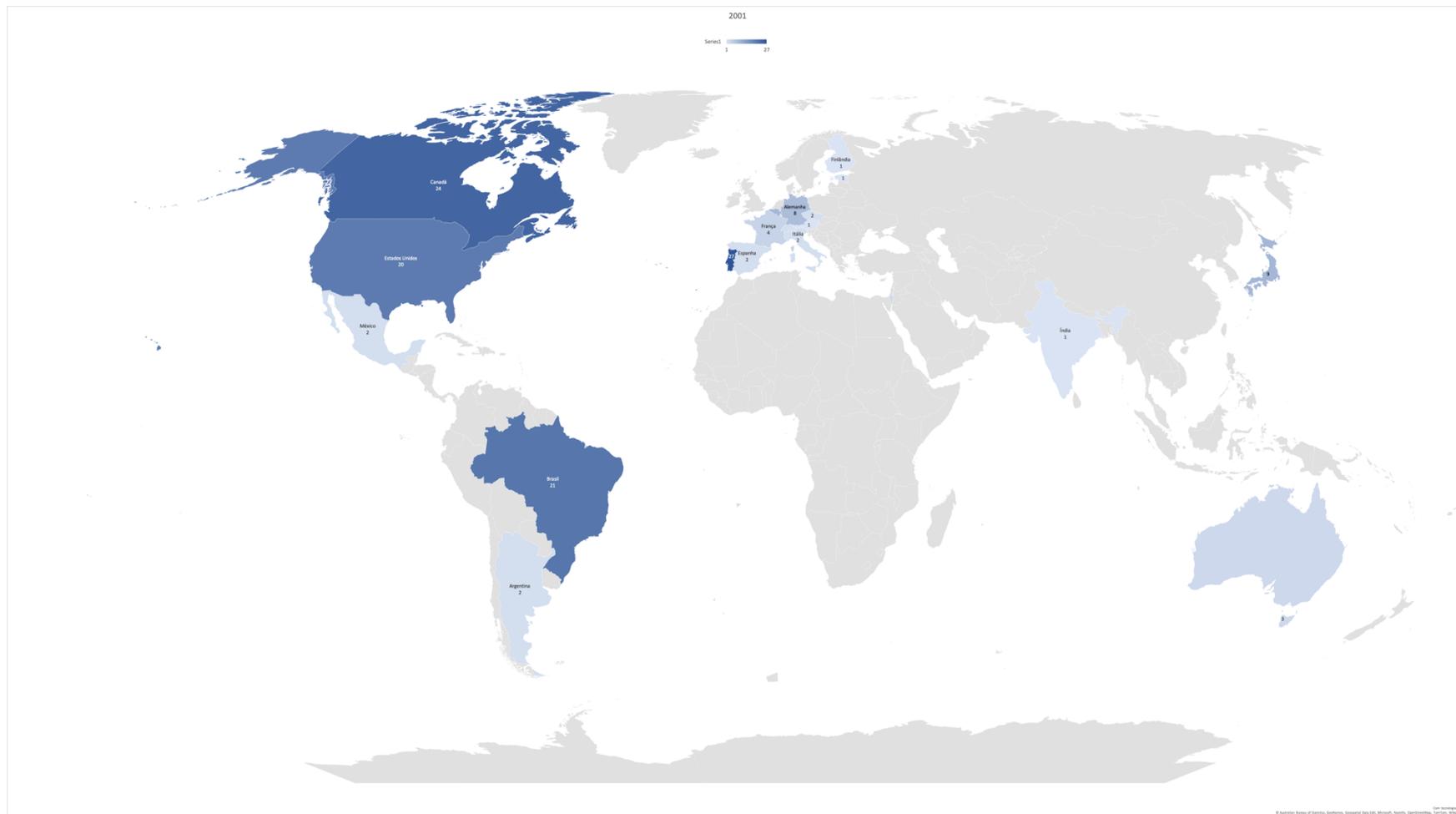


Figura 17. Mapa ilustrativo dos países participantes no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz em 2001

Fonte: Elaboração própria após consulta da Coleção dos livros editados pelo FICFF no Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

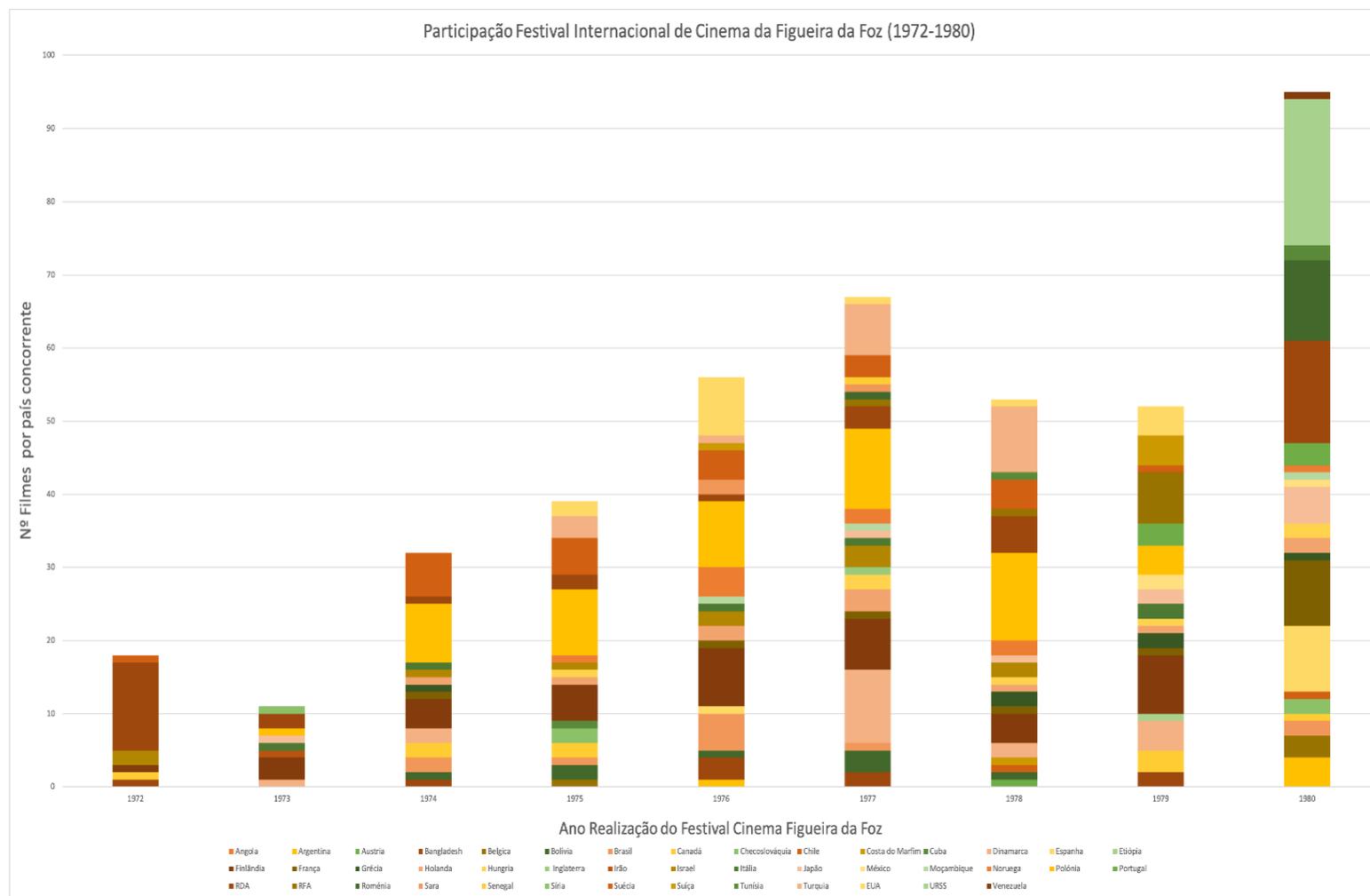


Figura 18. Gráfico ilustrativo dos países participantes no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz durante a década de 70

Fonte: Elaboração própria após consulta da Coleção dos livros editados pelo FICFF no Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

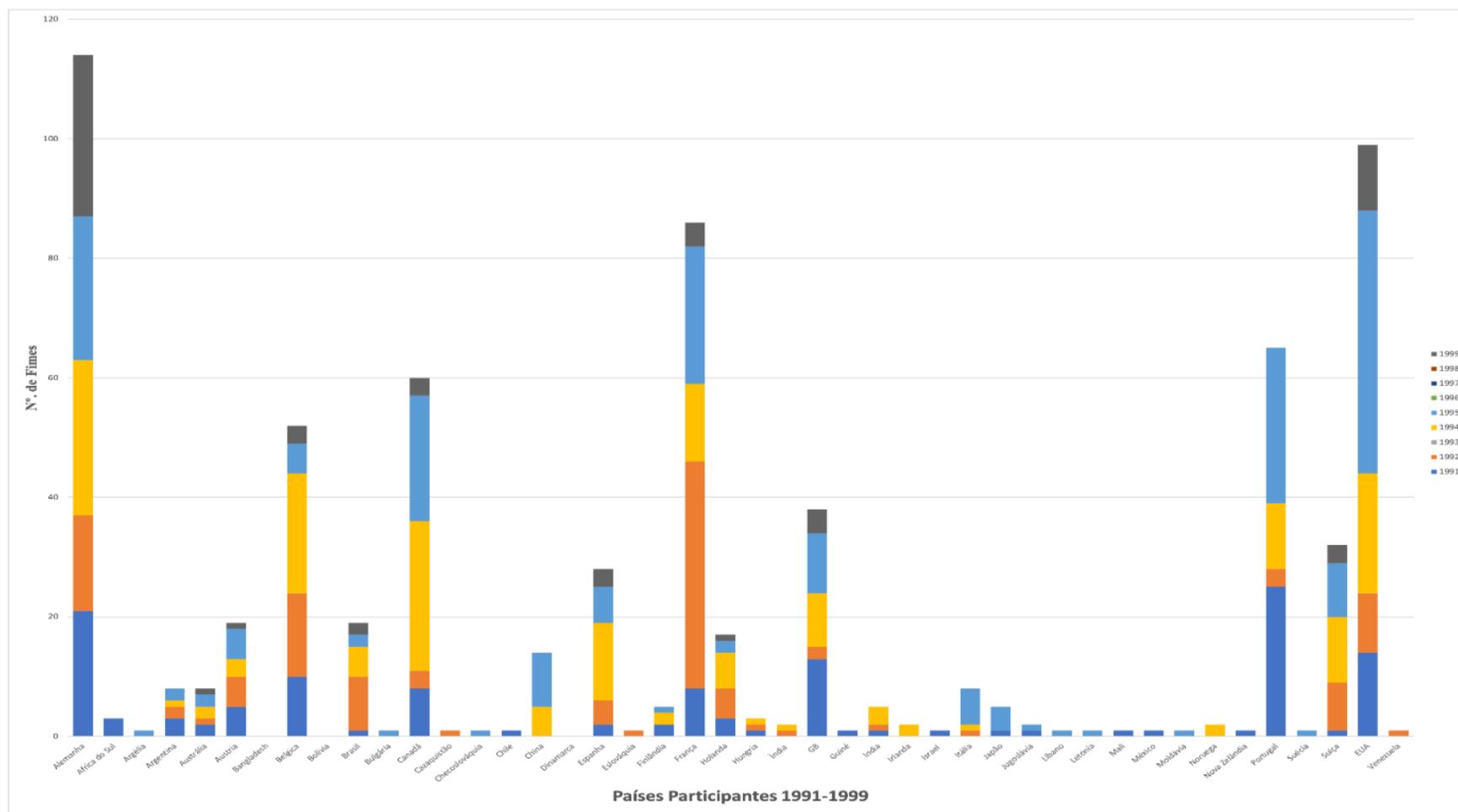


Figura 19. Gráfico ilustrativo dos países participantes no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz durante a década de 1981-1990

Fonte: Elaboração própria após consulta da Coleção dos livros editados pelo FICFF no Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

15 Análise do Painel Delphi

O painel escolhido para fazer parte deste estudo encontra-se abaixo indicado. Foram contactados outros intervenientes que não conseguiram dar resposta atempadamente, uma vez que de início foram contactadas 20 pessoas, em que várias não deram resposta ou não se mostraram disponíveis.

Assim, o painel Delphi ficou fechado com os seguintes intervenientes:

1. António Tavares (licenciado em Direito, professor do ensino secundário, antigo Vereador da Cultura do Município da Figueira da Foz, encenador e escritor detentor do prémio Leya)
2. Isa Silva (Designer, Presidente dos Urban Sketchers)
3. Ana Sofia Duque (Professora Doutora no Politécnico de Viseu em Turismo)
4. Jorge Pelicano (Realizador premiado de documentários)
5. Rui Cardoso Martins (Colaborador do programa de televisão Contra Informação)
6. Bruno Manique (Film Commissioner)
7. Miguel Babo (Realizador e ator de cinema e teatro, encenador e escritor)
8. João Mário Grilo (Realizador de Cinema)
9. André Graça (Professor Doutor na Universidade de Coimbra, Realizador)
10. Sérgio Branco (Professor Doutor na Universidade de Coimbra, Realizador)
11. Fátima Lázaro (Licenciada em Turismo, Diretora do Lazza Hotel)
12. Mário Augusto (Crítico de Cinema, Janela Indiscreta, RTP)

Outras entidades foram contactadas, mas não responderam. Foram enviadas 7 respostas com sucesso de entrega, pelo que aqui se reproduzem na íntegra.

15.1 Painel Delphi 1ª Ronda de questões

1. Em poucas palavras, qual é o papel do cinema na sociedade atual?
2. Para si, qual a relação entre turismo e cinema?
3. Quando pensa em cinema, que cidade portuguesa lhe vem à memória?
4. Conhece alguma cidade criativa do cinema a nível internacional?
5. Existem sete tipos diferentes de cidades criativas. Na sua opinião e sucintamente consegue elencar três pontos a favor e três pontos contra para a implementação da Cidade Criativa do Cinema na Figueira da Foz?
6. A Figueira da Foz foi e ainda é a praia da Claridade, do sol e mar (possui a maior praia da Europa), das salinas e dos arrozais. É uma das cidades mais seguras de Portugal. Consegue ver a Figueira da Foz estrategicamente como uma cidade comprometida com a Missão da UNESCO, a Agenda 2030 e a Nova Agenda Urbana?
7. Em que medida a cultura e a criatividade poderão servir de alicerce ao panorama turístico do futuro da cidade, servindo os seus interesses?

Os resultados da primeira ronda de perguntas encontram-se explanados de seguida.

O cinema tem um papel de entretenimento, mas também de alerta da sociedade, dos problemas da humanidade, com relevância a vários níveis, como convívio e cultura. Um dos papéis mais importantes poderá ser colocar culturas em contacto, aproximar as pessoas nas suas diferenças. É um meio artístico de massas, com uma forte relação com as realidades e um potencial de universalidade. Permite abordar temas pertinentes, do passado e do presente, fazendo chegar a mensagem a uma grande parte da população. É um importante meio de difusão de ideias, factos e pensamentos. O papel do cinema, tal como a cultura em geral, continua a ter a mesma função desde a sua criação. Através da imagem e do som, dá à sociedade uma interpretação artística e conceptual da realidade humana.

Tem ainda a enorme potencial de criar mediante a sua capacidade de afetar, de criar ilusões, sonhos, enfim, de produzir subjetividade, o que o torna mais do que uma ilusão e o torna numa produção do real. O papel do cinema é assim valorizado no sentido epistemológico e social. Os conteúdos semânticos dos filmes são a cada momento recuperados de um pretérito passado para um futuro do presente que se constitui conhecimento com valor social e cultural. O cinema mexe com as emoções e sensações das pessoas na abordagem de vários temas.

A relação entre cinema e turismo é uma relação de divulgação, de complementaridade, desde logo, na capacidade de dar a conhecer lugares e culturas a quem viaja e visita, não só ao nível da representação através de filmes, mas também da criação de eventos culturais. É de salientar a importância do turismo cinematográfico, com a visita de turistas a locais onde foram gravados filmes e/ou que estão associados a atores e personagens.

Esta cumplicidade não só pode existir, como existe, quer através de rotação de filmes em cidades, quer através dos festivais de cinema. Woody Allen é exemplo de um realizador que colocou nos seus últimos filmes, cidades europeias como importantes palcos narrativos. Esses filmes ao serem vistos por uma vasta audiência, conseguem trazer turismo para essas cidades/região.

Convém primeiro definir o que é o objeto turístico. Se pensarmos que uma pequena parte de um esqueleto pode ser conteúdo turístico mediante uma narrativa que a torna objeto de curiosidade, de necessidade, então facilmente concebemos o cinema enquanto produção de real e de narrativas não só como uma possibilidade turística, mas como um meio privilegiado para essa relação com o turismo.

Esta relação entre cinema e turismo é cada vez maior. Se pensarmos que por detrás de cada filme/cenário está o local onde o mesmo foi rodado, facilmente entendemos como este fator é importante para a indústria do turismo.

Exemplos desta realidade são a descoberta de gentes, tradições e lugares. Um filme rodado na cidade pode gerar interesse, quer pelas paisagens ou pela arte, pelos eventos culturais e tradicionais, entre outros. Vejamos o que aconteceu na cidade do Porto aquando do Porto Capital Europeia da Cultura 2001.

Outros exemplos flagrantes foram *O Senhor dos Anéis*, na Nova Zelândia; *Harry Potter* no Reino Unido; vários filmes sobre o Conde Drácula, na Roménia; vários filmes de Woody Allen e as cidades onde ele os grava e se inspira para lhes dar nome, *Meia noite em Paris*; *De Roma com Amor*; *Vicky Christine* - Barcelona; *Braveheart* - Escócia. Encontramos milhares de exemplos. Os cenários onde foram gravadas algumas cenas da *Guerra dos Tronos* são hoje lugares com mais visitantes do que as mais emblemáticas catedrais do mundo. Os locais do filme *Lost in Translation* são o roteiro mais popular entre os japoneses.

Em relação à associação do cinema à cidade da Figueira da Foz, as opiniões diferem, de forma escalonada, desde o inexistente no momento presente ao absolutamente com o maior festival de cinema do País. Dentro do painel há quem refira que “é do tempo” do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz e da importância que tinha para a cidade. Nasceram na Figueira da Foz dois importantes cineastas portugueses: João César Monteiro e João Mário Grilo. A cidade tem também potencial como local para a rodagem de documentários e a criação de ficções, para além de já terem sido gravados alguns filmes e séries na Figueira da Foz. O Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, nos anos 70 teve uma enorme popularidade em todo o meio cinéfilo e popular. Os sucessos dos primeiros anos do festival ligaram a cidade ao cinema sendo mesmo essa uma das poucas ligações verdadeiramente fortes entre a cidade e o cinema.

Claro que João César Monteiro, muito mais agora depois de morto do que em vida, e mesmo sem que quase ninguém tenha visto os seus filmes, marca alguma relação entre a Figueira da Foz e o cinema. Como na generalidade, é uma relação muito ténue porque João César Monteiro não rondava aqui os seus filmes e na verdade a ligação da sua carreira a Lisboa é muito maior.

Para além do FICFF, a Figueira da Foz tem também vários realizadores e atores reconhecidos a nível nacional e começa a ter uma maior procura por produtores audiovisuais.

A cultura e a criatividade estão de mãos dadas tanto para a inovação como para o despertar de mentes e sinergias, sendo a alma de qualquer cidade, na medida em que pode e deve desenvolver projetos distintivos e apoiar o trabalho contínuo e fixado, com recursos, na área da cultura, nas vertentes da criação e da divulgação.

A criatividade é uma excelente forma de os destinos se diferenciarem da concorrência. Através da criatividade, aliada à tradição, mas também à inovação será possível criar uma estratégia turística e cultural diferenciadora para o território da Figueira da Foz, podendo contribuir de forma decisiva para a economia do concelho, promovendo a marca “Figueira”.

Quando associada à cultura - tem uma capacidade de contágio e de estímulo junto de uma comunidade, e mais ao detalhe, no pensamento crítico do cidadão. No limite, pode originar uma maior participação cívica, muito em falta nas democracias modernas.

Há mais de dois mil anos que, na sociedade clássica grega, os académicos tentam perceber e dar resposta às questões culturais e à criatividade artística, que nem pouco mais ou menos esgota o conceito de cultura. Esta é por definição a produção do verdadeiramente novo, é sempre um aroma de residência ao tradicional ao estabelecido e assim produção do futuro renovado transmutado, única forma de caminhar para autoria, se quisermos pôr o "Quinto Império" de Pessoa.

O cinema é agregador e divulgador. Recuperar o Festival Internacional será uma possibilidade, tal como criar um novo ou, ainda, associar-se a um evento com os mesmos moldes. Além disso, promover a realização de filmes na própria cidade levaria a um reconhecimento nacional e internacional, com a possibilidade de integrar um programa mais vasto na área cultural segundo as linhas anteriores.

Para além de reativado e dinamizado o Festival Internacional de Cinema, poder-se-iam pensar novas formas de fazer chegar o cinema a outros públicos, em vez de se focarem apenas nas freguesias mais urbanas do concelho. A criação de semanas temáticas em que os filmes seriam importantes veículos de divulgação de informação (ex: semana da promoção da saúde mental, seriam passados filmes cujas temáticas estivessem associadas a este tipo de problemas de saúde).

O cinema e a arte no seu geral, não é evolutiva, pelo contrário, são imagens que perduram inalteradas. Existe para estar ao serviço das comunidades. São estas - em particular os decisores políticos - que têm a missão do apoio à criação, fomento e acesso ao cinema.

No fundo, a pergunta que se impõe é: como olham decisores políticos para o futuro do cinema? Impõe-se a reformulação da pergunta:

- Será que haverá Cinema na Figueira da Foz no futuro próximo?

Falamos do tal cinema do que nos fala Deleuze que seja mais do que produção do mero senso comum? Em termos gerais a resposta é sim. Já fez parte da construção da nossa história através das produções que nos chegam principalmente dos Estados Unidos. Esse cinema americano tem moldado as nossas consciências, ajuda a construir a história, transformado o mundo na nossa consciência em bons e maus, polícias e ladrões, uma das maiores máquinas de propaganda ocidental em que algumas crianças do mundo são bombistas assassinos, outros são seres exóticos, outros são encantadores louros e inocentes.

Quanto à questão da Figueira da Foz se colocar estrategicamente como uma cidade comprometida com a missão da UNESCO, tem condições para tal. A missão da UNESCO é contribuir para construir a paz, reduzir a pobreza, promovendo o desenvolvimento sustentável e a justiça social, com um foco no diálogo intercultural, na educação, nas ciências, na cultura, na comunicação e na informação.

A Figueira tem uma história de tolerância de pessoas e de paz, mas, para que o possa fazer mais consecutivamente, será necessário que saiba refletir culturalmente, aproximar-se da tal cultura que lhe parece escapar, que reflita utilizando modelos teóricos fundamentais das práticas humanas sobre a cultura. É necessário que se afaste do provincianismo que tem vindo nas últimas épocas a intensificar-se e saiba reconhecer isso mesmo.

A cultura e a criatividade poderão servir de alicerce ao panorama turístico do futuro da Figueira da Foz, servindo os seus interesses, dão visibilidade à cidade, projetando-a para fora e trazendo visitantes. promovendo e/ou apoiando iniciativas, projetos e fornecendo infraestruturas para o desenvolvimento cultural, criativo e tecnológico. Um maior fluxo de pessoas, mesmo que sejam interessados em cinema, gera um maior fluxo turístico.

Havendo já uma tradição da cidade associada ao cinema, seria uma questão de reativar algumas ações e desenvolver novas ideias. Há também que ter em conta que em 2021 foi criada a Centro Portugal “Film Commission”, uma estrutura que visa divulgar a Região Centro como um local *film friendly* e promover todo o território nesse sentido. Uma vez que a Figueira da Foz se insere no território da Região Centro, deveria unir esforços e apresentar-se enquanto uma cidade *film-friendly* e alinhada com os objetivos da organização.

Quanto mais artistas existirem dentro uma comunidade - no espectro das mais variadas áreas culturais - maior serão os trabalhos artísticos produzidos (exposições, peças de teatro, ateliers de pintura), maior a oferta cultural, que atrai nova procura. Contudo, a comunidade artística não deve ficar restrita aos profissionais da cultura. Existem muito artistas amadores em muitas coletividades e associações do concelho da Figueira da Foz. De certa maneira, o CAE (Centro de Artes e Espetáculos) já tem vindo a dar espaço a muitas coletividades na sua programação.

Primeiro, é preciso perceber o que entendemos por política cultural e até por criatividade. Manifestações culturais ligados ao turismo, já existem. Só sabendo primeiro o que significa política cultural podemos pensar numa política cultural autárquica que sirva os interesses do concelho e do turismo em particular. Fica esta sugestão para uma pergunta no próximo inquérito. o que se entende por política cultural?

O cinema, em particular, e o audiovisual em geral são, hoje em dia, uma das melhores formas de promoção do património paisagístico, cultural, arquitetónico e histórico de uma região. Em todo o mundo um em cada cinco turistas, é motivado pelo o que viu num filme, documentário, série de TV, entre outros.

15.2 Painel Delphi 2ª Ronda de questões

1. A Figueira da Foz é a cidade com o festival internacional de cinema mais antigo de Portugal (1972), onde a cultura e a arte (cinema, música, literatura, teatro, dança...), sempre estiveram na vanguarda de movimentos culturais. O que acha que faltou para manter o Festival como uma referência em Portugal? E no estrangeiro?
2. Está sensivelmente equidistante de Lisboa e Porto (e de 2 aeroportos internacionais), e muito próxima das cidades de Coimbra (património da UNESCO), Leiria (Capital Criativa da Música) e a 1,5h de Óbidos, Cidade Criativa da Literatura. Como vê um trabalho em rede com outras cidades criativas nacionais, e em que medida essa parceria poderia beneficiar a Figueira da Foz?
3. Que outra ação local veria com bom grado ligadas à Missão Unesco?
4. Com o objetivo de preservar o centro histórico e desenvolver áreas vulneráveis através da economia criativa, o que na sua opinião seria mais pertinente?
5. Com a pandemia provocada pelo Covid-19, muitas áreas da cultura sofreram graves consequências tendo de se ajustar a esta nova realidade, com grande recurso a tecnologias digitais. Neste sentido como vê o cinema no futuro?

Faltou investimento financeiro e investimento em recursos humanos, para manter o FICFF como uma referência. Faltou divulgação do festival, dentro e fora das fronteiras

portuguesas. Talvez tivesse falhado a captação de nomes mais sonantes do mundo do cinema, atraindo-os para a cidade.

O festival tem que ser trabalhado e divulgado ao longo do ano, e não um mês antes do período do festival. Nunca se montou uma verdadeira "maquina" profissional deste festival. O publico que visita atividades criativas em cidades próximas tende a fazer roteiros culturais próximos. E se articulassem as atividades criativas em rede, por exemplo ter em certa altura do ano um tema que ligasse as 3 cidades criativas (literatura - filmes baseados na literatura e música dos filmes)?

O objetivo do trabalho em rede deve ser sempre benéfico para os vários envolvidos. Assim como a Turismo do Centro criou um roteiro dedicado ao património da UNESCO, no Centro, também poderia ser criada a rota das cidades criativas, no Centro de Portugal, incluindo as que já o são e as que têm potencial para virem a ser. Seria muito benéfico para a Figueira da Foz.

Urge uma sensibilização da população para a ligação histórica da Figueira com o cinema. Os residentes no concelho deveriam tornar-se os primeiros embaixadores desta causa, mostrando as potencialidades do território e incentivando esta associação da Figueira à 7ª Arte.

Para além da organização de vários eventos fílmicos na cidade, poderia ser promovida a realização de workshops fotográficos e fílmicos, realização de exposições sobre o tema, realização de visitas guiadas (*press trips*) para jornalistas e outras pessoas que trabalhem no setor, mostrando os vários cenários indoor e outdoor disponíveis para filmagens.

A fibra veio revolucionar a utilização da internet, principalmente para visualizar cinema e TV em casa ou no telemóvel, em qualquer lugar. O cinema terá que se ajustar a estes novos hábitos de consumo via internet e as salas de cinema terão que oferecer uma experiência única, i.e., que não é replicável através da experiência da internet para assim cativar expectadores às salas de cinema.

O cinema nunca deixará de existir e de ter relevância na sociedade. Contudo, tal como outros setores, também o cinema terá de se reinventar. A associação de grandes atores e realizadores a plataformas de *streaming*, como a Netflix e a HBO, são algumas das opções que podem equacionadas.

16 As Entrevistas

16.1 Entrevista direta gravada a Jorge Lé

A presente entrevista incidiu na temática “Figueira da Foz, Cidade Criativa do Cinema”, foi realizada ao Doutor Jorge Lé, Diretor Artístico do Casino Figueira. Mediante a disponibilidade do entrevistado e seguindo um guião livre, a mesma foi realizada no Casino Figueira.

O objetivo desta entrevista foi que o Dr. Jorge Lé partilhasse algumas memórias e conhecimento sobre o que representou e representa o cinema para a população da Figueira da Foz, através da sua longa experiência laboral ao serviço do Casino Figueira. A avaliação da sua opinião em relação ao futuro do cinema na comunidade e a sua perceção foi também algo que foi focado na entrevista.

Diretor Artístico do Casino da Figueira da Foz, António Jorge Rocha Lé possui o Curso de Conservatório de Música, é licenciado em Direito, mestre em Letras (variante da Comunicação) pela Universidade de Coimbra, e doutorado em Estudos Artísticos/História Contemporânea. Desenvolveu várias atividades desde a jornalística, trabalhando para diversos jornais regionais e nacionais. Foi mais de 20 anos jornalista/correspondente da Rádio Renascença. Autor de várias publicações, é coautor do livro *O Jogo em Portugal*. <https://www.noticiasdecoimbra.pt/> em 5/10/2016 .

A Entrevista ao Sr. Dr. Jorge Lé foi efetuada no dia 26 de Março pelas 18.00 h na antiga sala de cinema do Casino Peninsular hoje convertida em sala multifunções, com “posters” de grandes lendas do Cinema de Hollywood, mas não só, Amália Rodrigues também lá se encontra. Pedi autorização para que a mesma fosse gravada ao que o Dr. Jorge Lé anuiu de imediato. Foi extremamente prestável e amável, tirando algum do seu tempo para poder explicar sobre a sua experiência e conhecimento relativamente ao Cinema na Figueira da Foz e ao Festival Internacional de Cinema.

Começámos por falar um pouco sobre o enquadramento do cinema no início do século XX na Figueira da Foz. Sensível à música, recorda o facto de no período do cinema mudo se fazer o acompanhamento da fita ao piano, para preencher o silêncio. A cidade nesta época acolhe muitos artistas, que com o fim do cinema mudo veem a sua carreira terminada. Um dos poucos que passou com êxito foi Charlie Chaplin, que chegou a passar pela Figueira da Foz. Havia troupes que vinham de comboio fazer apresentações. Com o aparecimento do

cinema sonoro em 1927, a Figueira da Foz a par de Lisboa, Porto e Espinho vê alterar-se para sempre a Sétima Arte, bem como os destinos das suas constelações. Este é um processo de difusão espacial de uma inovação (o cinema é uma área inovadora, ainda hoje).

O teatro Parque Cine (onde está hoje o Edifício do Trabalho) foi inaugurado em 1907. As máquinas iniciais eram movidas a carvão o que originava muitos incêndios. A lei portuguesa obriga desde cedo a que qualquer casa de projeções dispusesse de um corpo de bombeiros. No caso da Figueira, eram os bombeiros municipais que estavam de piquete. O carvão a alta temperatura no interior da cabine e o ruído gerado, estavam isolados da sala. Lembramos o filme icónico “Cinema Paraíso”, em que o personagem Alfredo, projecionista, morre num incêndio dentro da cabine.

Regularmente ao longo do tempo e até aos anos setenta o casino estava encerrado de inverno. O jogo em Portugal foi legalizado em 1927, e a lei atribui concessões do estado a outrem, por determinado período de tempo. Assim, a partir de 1937 só funcionava sazonalmente incrementando o turismo e a oferta noturna. Até 1974 o casino só abria seis meses por ano.

O Cinema, esse “trabalhava” todo o ano! Havia projeções no Casino Peninsular e no Parque Cine. Com as alterações políticas nacionais, a população no novo regime tinha de estar entretida e o cinema era importante por isso mesmo!

Na primeira metade do século XX havia um transporte de mão, uma carroça com um carroceiro que ia buscar as bobines à estação do Caminho de Ferro. Mais uma vez, também no cinema (o progresso vindo com a inauguração do Caminho de Ferro), com vinhos em pipa, banhistas, mercadorias diversas, correio e bobines!

Existia a carruagem postal que fazia o carregamento de tudo. A CP (Caminhos de Ferro Portugueses) é que fazia a distribuição dos filmes e esta era muito divulgada. Mesmo durante o período do Festival Internacional de Cinema, a publicidade à CP era incluída nas brochuras realizadas por Vieira Marques.

O cinema funcionava com matiné e soiré, sendo esta garantida o ano todo, às 21.30h. Houve anos em que não se realizavam as sessões à segunda-feira.

Nos anos 80 e 90 do século XX havia duas matinés, a das 15h para as crianças, e a das 17h com a antestreia do filme da noite. Depois da revolução de 1974, e com a abertura a uma liberdade até então desconhecida e disponível, começam a ser exibidos filmes eróticos e pornográficos na sessão da meia noite. Era um atrevimento cinematográfico! A interdição

etária começa também a ter expressão desde filmes para maiores de 18 e de 21 anos (hoje a classificação está a cargo do IGAC). A parte legislativa da determinação superior dos organismos que regiam o filme, que nunca era comprado e andava em torné. Saíam várias cópias da Lusomundo e Castello Lopes. Estes eram os principais fornecedores. Também na Televisão Pública eram anunciados os filmes em exibição nas maiores cidades, logo após o Telejornal (nesta época existiam apenas dois canais, o 1 e o 2).

Jorge Lé relembra também o cinema fora desta lógica, o cinema nas aldeias e nos parques. A rádio local tinha programas vocacionados para o cinema, recorda ainda que a Figueira foi das primeiras cidades a ter um cineclubes e um jornal só de cinema, único no país.

Vários filmes usaram a Figueira da Foz como cenário, por exemplo o Casino Oceano com Maria do Céu Guerra e João Perry como protagonistas. Outros filmes foram aqui rodados, como um estrangeiro com Alain Delon, o Jogador, nos anos setenta, filmado no Casino e ainda no Palácio Sotto Mayor.

O celuloide veio alterar a projeção, o que levou à remodelação das salas, do Casino Peninsular e do Cine Estúdio. Lembra que os bilhetes no final dos anos 70 eram a partir de 12\$00 (algo como 6 cêntimos, hoje em dia sem correção monetária). A feitura dos bilhetes era importante. Eram numerados sequencialmente. Era uma logística escondida que sustentava tudo até à folha, que era entregue na contabilidade, juntamente com o valor em dinheiro.

Também era diferente a composição do quadro de funcionários, composto pelo projecionista, pelo porteiro, pela bilheteira e pelos arrumadores. O porteiro rasgava meio bilhete e o arrumador fardado tinha uma lanterna, acompanhando as pessoas ao lugar. O cinema tinha intervalo, saía-se para comer um bolo no café Nicola, ou para fumar um cigarro mais tarde nos anos noventa havia a sala de fumo, anexa à sala de projeção. Era um ritual, muito importante para o cinema enquanto experiência, muito mais que apenas um filme.

Jorge Lé recorda esta vivência com muita saudade e precisão.

Depois desta passagem pelo tempo dá-se a queda dos cinemas com o aparecimento do vídeo e dos videoclubes. Refere que foram as pessoas ou os espectadores que acabaram com o cinema no Casino. Jorge Lé em parceria com Maria de Lurdes Abrantes da Lusomundo, faziam a triagem dos filmes e já no final dos anos 90, ao passarem o filme não havia ninguém na assistência... Por vezes antes de passarem o filme, o porteiro Sr. Aires perguntava aos

clientes do Casino se queriam assistir... acabou por ser inviável a passagem da fita para uma ou duas pessoas...o estar em grupo a assistir a uma sessão foi sendo alterado. Falamos de uma época muito diferente. A quebra acontece fruto do desaparego do público. Com os videoclubes, o cinema em casa torna o público menos disponível para a experiência em grupo.

Contudo, o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz quebrava esta tendência, pelo menos durante os dez dias ou uma semana em que decorria. Por vezes dizia-se que se tinha de ir ao cinema antes do Festival, pois durante o certame os ciclos eram mais direcionados para o chamado cinema de autor. Este estava sob a égide de Vieira Marques que trazia os intelectuais como Prado Coelho, António José de Almeida, Pedro Bandeira Freire, Teresa Vilaverde, Lauro António e ainda outros realizadores e produtores... havia lugar a uma cerimónia oficial, com as boas vindas na Câmara Municipal no Salão Nobre, acompanhado de um pequeno buffet.

O Festival de Cinema nos anos 80, usava as instalações do Palácio Sotto Mayor, da Casa do Paço, no Auditório Municipal, do Grupo Caras Direitas, e claro do Casino. Tinha um período preparatório em que Vieira Marques pedia por carta um subsídio ao Casino e à Câmara. Hasteavam-se as bandeiras dos países participantes no Festival na fachada do Casino (ver arquivo municipal). Também os cartazes eram expostos. Jorge Lé era correspondente da Rádio Renascença no Despertar (programa radiofónico com António Sala (a mãe morava no Luso e ele vinha muito à Figueira da Foz), onde participava com uma crónica no mês de Setembro.

No quotidiano da cidade, os cartazes eram fundamentais para a divulgação. Vinham embrulhados em papel pardo com cordas e eram expostos consoante o filme a exhibir, fora do festival.

Estes cartazes faziam ainda a publicidade, na esquina no edifício das Freirinhas, na Casa Salgueiro e no início da Rua da República. Mais tarde, eram afixados junto ao Aparthotel da Sociedade Figueira Praia, hoje Sweethotel.

Os folhetos de mão eram também usuais, eram os “programas de mão”. Vinham de Lisboa, num pedaço de madeira com uma área metalizada, a qual uma vez pressionada em papel fazia a imagem. Jorge Lé fazia o texto à mão com lápis e depois colocava a Ico gravura, mencionando o realizador, o ator, sessões e idades. Ligava ao tipografo e vinham da tipografia buscar a Ico gravura que era posteriormente impressa em remas de papel. A

distribuição era feita à mão e colocada muitas vezes nos para-brisas dos carros. Este feito era fundamental para garantir o público dentro da sala. Era a única comunicação possível e era eficaz!

Os cinemas do Casino desaparecem com as obras de 2001, quando também é inaugurado o Centro Comercial Foz Plaza (ver imprensa local).

Na atualidade, a Figueira possui estruturas de dimensão como não tinha na época, nomeadamente o CAE (Centro de Artes e Espetáculos) com uma sala para 800 espectadores e uma menor para 200. As salas de cinema do Foz Plaza ou estúdios, possuem atualmente uma cabine única, donde se projetam as várias fitas para as várias salas. Estamos na era digital, na qual os filmes vêm com password pela internet e durante tempo estipulado. O “élan” do cinema hoje é diferente...

Os tempos são outros e não podemos ficar presos no passado. Os filmes passam online no mesmo momento. No entanto para Jorge Lé, o Cinema continua com êxito, continuamos a ver os Óscares...

Concluindo, falta um espírito cinéfilo, com debate, que interligue as pessoas ao conceito de filme no contexto atual. Deveria existir a possibilidade de uma explicação profunda de pormenores que passam muitas vezes ao lado, desde a exigência auditiva a outros aspetos como a imagem, o que custa o filme, em quanto tempo é rodado, entre outras questões. O formato anterior já não fará muito sentido. No entanto, há filmes com muita publicidade que acabam por ser êxitos de bilheteira, como o caso dos filmes portugueses em formato “remake”.

16.2 Entrevista estruturada escrita a Luís Ferraz

Luís Ferraz é um nome incontornável do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, tendo acompanhado grande parte do percurso do seu mentor, José Vieira Marques, na qualidade de secretário geral do certame. Empresário da Hotelaria, é desde 2019 o Presidente da Filmarte (Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz).

O primeiro contacto foi efetuado por telefone e marcámos um dia para nos encontrarmos. Nessa reunião, e feitas as devidas apresentações, conversámos um pouco sobre a temática da Figueira da Foz, Cidade Criativa do Cinema. A pandemia Covid-19 veio desacelerar um processo que estava em expansão e mesmo com programação alargada para além do Festival em Setembro, icónico para a cidade, com mais acontecimentos

cinematográficos espalhados ao longo do ano. O apoio para estas intervenções parou com a pandemia, mas prevê uma retoma em breve. A entrevista foi neste caso estruturada e entregue por email.

Segundo Ferraz, existem, pelo menos, dois mercados turísticos vocacionados para o cinema: a “rota dos festivais” – pessoas que fazem turismo onde existem festivais de cinema, procuram temáticas do seu agrado e visitam as cidades onde ocorrem, e a rota “onde foi filmado” – depois de ver um filme procuram os locais de filmagem, existem vários sites onde a pesquisa pode ser efetuada, com por exemplo <http://movie-locations.com>.

A memória grata que guarda do cinema na Figueira da Foz é a das salas do Parque-Cine e do Grande Casino Peninsular, com todo um mundo visto no grande ecrã. O cinema era um ponto de encontro com amigos. Luís Ferraz lembrou os tempos em que Vieira Marques inicia o Festival Internacional de Cinema.

Sendo a cidade portuguesa com o Festival Internacional de Cinema mais antigo de Portugal (1972), promoveu durante anos a cultura e a arte (cinema, música, literatura, teatro, dança...), estando na vanguarda de movimentos culturais.

Lembra que, embora com menor regularidade do que a que teve o FICFF, já existia um Festival de Cinema em Portimão. O que faltou para manter o FICFF como uma referência em Portugal e no estrangeiro foram vários fatores. O principal foram problemas de (des)organização interna, o que não aprofunda para esta entrevista. Os novos canais de televisão que trouxeram uma maior oferta de cinema no pequeno ecrã também contribuíram para o afastamento das pessoas, não só do FICFF, mas das salas de cinema em geral.

Relativamente à questão de ver a Figueira da Foz estrategicamente como uma cidade comprometida com a Missão da UNESCO, a Agenda 2030 e a Nova Agenda Urbana, esta é sobretudo, na sua opinião, uma questão de política cultural. Sendo certo que a sociedade civil tem um papel muito importante, mas sem a alavanca e o empenho dos governos locais, juntas de freguesia e camara municipal fica tudo mais difícil.

A cultura e a criatividade poderiam servir de alicerce ao panorama turístico do futuro da cidade, mas, mais uma vez, a vontade política se sobrepõe. Embora existam várias organizações com “obra feita”, a divulgação não tem sido a suficiente.

Dada a localização geográfica da Figueira da Foz, sensivelmente equidistante de Lisboa e Porto (e de 2 aeroportos internacionais), e muito próxima das cidades de Coimbra (Património da UNESCO), Leiria (Capital Criativa da Música) e a 1,5h de Óbidos (Cidade

Criativa da Literatura), considera que o cinema é o elemento agregador de todas as artes. Dada a existência de Cidades Criativas em Portugal e nomeadamente de proximidade como Óbidos (da Literatura) e Leiria (da Música), faz todo o sentido trabalhar com estas e todas as outras cidades criativas. Sucintamente, enumera alguns pontos a favor da implementação da Cidade Criativa do Cinema na Figueira da Foz:

1. A criação de um movimento conducente a criação da Cidade Criativa é por só um ponto positivo.
2. A formação em áudio visual;
A captação de investimentos diferenciados;
3. A divulgação do Concelho, da sua grande diversidade, para palco de filmagens...são alguns dos aspetos positivos.

Vê com bom grado iniciativas ligadas à Missão Unesco, entre elas, ações de formação e sensibilização nas escolas, em todos os graus de ensino, e ainda nas associações do Concelho. Com os atrativos certos e eliminando rivalidades existentes através da distribuição uniforme de ações, acredita que a comunidade local se sinta disponível para um envolvimento.

Com a pandemia provocada pela Covid-19, muitas áreas da cultura sofreram graves consequências tendo de se ajustar a esta nova realidade, com grande recurso a tecnologias digitais. Neste sentido, o futuro do cinema depende da “educação para o cinema”. Nos últimos anos houve um aumento de produção para a televisão e as pessoas foram perdendo o gosto pela partilha de experiências nas salas de cinema.

Relativamente à dinamização e preservação do centro histórico, sendo que este conceito possa ter várias interpretações, crê que a nível geral, e falando só da cidade, a criação de ateliers para as diversas artes nos espaços comerciais disponíveis seria uma maneira de revitalizar os espaços.

Por fim, em resposta à captação de financiamento para os projetos através dos programas nacionais (DGARTES, ICA, Fundação Calouste Gulbenkian, outros), programas europeus (Europa Criativa, EEA Grants, outros), programas mundiais (Rede UNESCO, outros) com recurso a mecenas e através de parcerias, por parte do município da Figueira da Foz, a viabilização do projeto é possível se for um trabalho feito quase em exclusivo e por quem tenha o perfil certo para a função. Recorda que esta área já foi trabalhada em tempos nomeadamente aquando do FICFF, desconhecendo a realidade atual.

16.3 Entrevista a António Carlos Albuquerque

Mestre em Engenharia Civil com especialização em Urbanismo, Transportes e Vias de Comunicação, António Albuquerque, é um apaixonado pelo teatro e pelo cinema, onde já teve participação como ator quer em peças de teatro amador quer em filmes como “Viriato”. Não sendo figueirense, radicou-se na Figueira da Foz há alguns anos quando exerceu funções como Diretor do Departamento Municipal de Obras e Ambiente no município desta cidade. Atualmente exerce funções como Diretor do Departamento de Desenvolvimento Económico e Social na Câmara Municipal de Cantanhede.

Em 18 de Março de 2022 foi enviado um conjunto de questões, tendo sido feito um contacto prévio por telefone, a partir do qual António Carlos Albuquerque se colocou de imediato à disposição para participar neste trabalho.

Segundo o entrevistado, o papel que é atribuído ao cinema hoje em dia, reflete a decadência e nalgumas situações a falência das instituições no apoio à cultura e aos seus agentes. No entanto, por incrível que pareça, a indústria do cinema continua a garantir um papel principal na arte de contar histórias, de forma única, entre as quais a própria história do cinema. É um papel único e insubstituível!

Existe uma relação profícua entre o turismo e o cinema. Nalgumas regiões do mundo é mesmo direta, como Hollywood, Cannes, Veneza, entre outras... Mas a relação só é benéfica para ambos se for potenciada e articulada, senão torna-se pouco influente na vida de cada um.

A relação da Figueira da Foz com o cinema é de amor/ódio. Temos extraordinárias condições naturais, recursos humanos qualificados, vontade criativa e não apoiamos a arte de criar por incompetência política. Muitas vezes diz-se que é falta de recursos financeiros, o que é uma enorme falácia, face a apoios prestados a outras atividades de muito menor impacto.

Guarda a memória do Festival de Cinema no Casino, como o expoente da cidade em termos cinematográficos.

Para manter a cidade com renome nacional e internacional em cinema, segundo Albuquerque, faltou inteligência política de destrinçar o que verdadeiramente faz a diferença na arte e na cultura. Não se deve comparar o cinema com outras virtudes, configurando o apoio ao cinema com um investimento e não um custo/despesa.

Vê a cidade comprometida com a Missão da UNESCO, a Agenda 2030 e a Nova Agenda Urbana, e acrescenta que a cultura e a criatividade poderão servir não só de alicerce ao panorama turístico do futuro da cidade como serão determinantes para fazer a diferença para outros territórios que têm outras virtudes semelhantes à Figueira da Foz. A diferença que a Figueira da Foz pode e deve fazer é em apostas como o cinema, como já referido.

Acredita que juntos seremos sempre mais fortes. A soma e articulação da mesma contribuirá fortemente para a afirmação destas e de outras cidades e sobretudo ditará uma estratégia de alcance vasto que promoverá a capacidade de atrair pela diversidade e qualidade em detrimento da unicidade, que sendo interessante não resolve.

É absolutamente otimista no sucesso de semelhante iniciativa, vendo a comunidade local envolvida de bom grado, não descurando outras iniciativas conexas à Missão UNESCO na Figueira da Foz, dando como exemplo a mais importante de todas, na sua opinião, a preservação e proteção do património natural, com especial destaque do Cabo Mondego.

No atual contexto pandémico provocado pelo vírus Covid-19, não vislumbra grandes alterações no panorama cinematográfico. O cinema ocupa o seu espaço intocável. Não existe situação semelhante a uma ida ao Cinema. Agora, as derivações, como séries, novelas, reportagens, entre outros, poderão ter sofrido um impulso decisivo na sua emancipação e afirmação.

No que concerne à preservação do centro histórico, para Albuquerque é fundamental estimular, apoiar e financiar com capital público e privado, o empreendedorismo nas indústrias criativas, em particular o cinema e a fotografia, com todas as artes conexas (som, luz, imagem, caracterização, entre outros).

Para finalizar esta entrevista refere que todos os financiamentos disponíveis a que o Município concorresse seriam de uma importância absolutamente inquestionável, possível e desejável.

17 A Cidade Criativa do Cinema como constelação de uma cadeia de serviços

As oportunidades são imensas, e estão apenas à distância de três fatores: empenho, trabalho e vontade.

Será importante uma decisão política, o estabelecimento de redes, a participação de atores que identifiquem este património e, questão importante, como se pode envolver a

comunidade local (muito diversa e heterogénea), mas que deve estar presente. Caso contrário, o epíteto ‘cidade criativa’ será mais uma moda com escassos efeitos práticos.

Será que a Figueira da Foz estará preparada e mesmo interessada nesta classificação?

A valorização cultural da cidade tendo como fio condutor o cinema, torna-a numa mais valia turística, tendo em vista não só a valorização de determinados eventos existentes por exemplo o Festival Internacional do Cinema, ou o Ciclo de Cinema Figueirense como muitas outras ações que aliadas a uma estratégia turística concertada numa primeira fase e consolidada no futuro próximo, serão o ponto de partida para o combate à sazonalidade, tão temida em cidades de pequena dimensão.

A estratégia turística aliada aos objetivos de desenvolvimento sustentável, tendo por base o conhecimento do comportamento dos turistas, será sem dúvida uma ferramenta essencial a todo este trabalho. É nesse sentido que se apontam alguns caminhos possíveis para esta nova dinamização.

A alavanca económica alicerçada no cinema é também muito interessante e um facto relevante é procura crescente por parte de produções internacionais de cinema as começaram recentemente a olhar para Portugal, tendo aumentado o interesse de produtoras de cinema estrangeiras. Consequentemente, tem aumentado o investimento global nos últimos cinco anos e “soma já 314 milhões de euros, no âmbito do Fundo de Apoio ao Turismo e ao Cinema (FATC), de acordo com os dados avançados pelo Turismo de Portugal (TdP) ao Dinheiro Vivo. Portugal pagou 39,3 milhões de euros para receber estas produções o que significa que foram deixados 274,7 milhões de euros no país” (www.dinheirovivo.pt/economia/cinema-portuga, 2022).

São valores a que se juntam um conjunto de dinâmicas que de seguida serão enunciadas.

17.1 Novos festivais com a temática do cinema em pano de fundo

Relembro o que Luís Ferraz mencionou aquando da sua entrevista, que tinha em mente 10 festivais distribuídos no decurso de um ano, os quais seriam reiterados e aprimorados com as edições posteriores. A verdade é que neste momento poderemos beneficiar de algo ainda inédito no nosso país, mas certamente irão aparecer muito em breve outras cidades candidatas. É o momento exato para fazer essa diferença. Também neste contexto poderemos apostar na aplicação de objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), com o cinema

incluso, com o cinema no feminino, o apelo à não violência, trabalhando no sentido da irradicação da pobreza, entre muitos outros.

A proximidade dos jovens ao cinema de forma mais abrangente, interativa e participante é outra grande aposta. A promoção de curtas metragens com um telemóvel, com posterior apresentação em concurso em sala de cinema, levando a manter o interesse e a ter voz ativa no processo, com destaque para o documentário e o pequeno filme, são apenas um dos exemplos a implementar.

Aqui as possibilidades são imensas, desde documentários sobre percursos em natureza (salinas, arrozais, moinhos, serra, pesca de rio, pesca de mar) aos documentários feitos na cidade e na praia, numa vertente mais cosmopolita.

Estras mostras de cinema jovem seriam dinamizadas logo a seguir às férias do carnaval, permitindo um pequeno interlúdio aos participantes.

17.2 Licenciatura em estudos cinematográficos na Figueira da Foz

Este projeto já foi objeto de um protocolo entre a entidade “Film Commissioner” e o executivo camarário em 2018, contudo será uma nova aposta junto dos ciclos de cursos superiores ou técnicos no qual se deverá continuar a apostar.

A criação de master classes, de estágios de realização, produção e imagem, permitiriam a congregação de esforços para conseguir o apoio de mecenas à semelhança do que acontece noutros países europeus, é de extrema relevância. Neste contexto deveria ser pensada e executada uma residência de artistas, recorrendo ao mecenato para apoio logístico podendo a autarquia disponibilizar um dos seus equipamentos, por exemplo o Palácio Conselheiro Branco em Maiorca, freguesia da Figueira da Foz. Este espaço tem já um projeto de reutilização elaborado pela CMFF, para a respetiva adaptação do edifício a Casa de Artistas (<http://www.monumentos.gov.pt>, s.d.).

O projeto de autoria do Arquiteto Pedro Taborda, compreende uma construção de raiz, no logradouro. Visaria a fomentação e a elaboração de estágios de curta duração (10 dias) vocacionados, para jovens cineastas, atores, músicos, designers, entre muitos outros. Esta programação poderia ser semestral, criando uma cadência não só na criatividade artística no próprio desenvolvimento turístico da cidade, englobando neste caso uma freguesia. A participação da comunidade local passa também pelo envolvimento do mecenato,

aproveitando determinadas épocas para quebrar a sazonalidade, mas tendo em atenção a disponibilidade do público jovem.

17.3 Dinâmicas Educativas

O trabalho em rede com outras cidades criativas é importantíssimo, nomeadamente com cidades criativas da música, quer portuguesa quer exteriores, mas sempre da rede UNESCO. De novo, a possibilidade de estabelecer parcerias com conservatórios locais e não só, com lugar a discussão e debate sobre a temática acarinhando as sinergias daí decorrentes, elevarão a atenção musical e a criatividade das populações.

Mais uma vez a parceria de espaços públicos seria uma enorme mais valia. O município possuiu um local de extrema importância e dignidade histórica, com uma acústica impar, a Casa do Paço da Figueira da Foz, junto ao Conservatório de Musica David Sousa (oficialmente integrado no ensino articulado oficial do 5º ano até ao 12º ano, com a respetiva atribuição de grau académico), donde poderiam surgir apresentações em modo de concurso para pequenas metragens, a realizar pelo alunos do secundário (do 6º ao 8º graus), divulgando não só a musica como a sua importância no Cinema.

Estas masterclasses seriam ainda apresentadas nas várias freguesias que compõe o concelho, acompanhadas por bandas filarmónicas existentes.

A Figueira da Foz possui uma dinâmica muito aguerrida no que concerne às mais variadas filarmónicas do concelho e poderia deste modo e através da música envolver as várias freguesias, quer a norte quer a sul do concelho. As 10 filarmónicas do concelho encontram-se elencadas abaixo indicadas (musorbis.com, s.d.):

Filarmónicas do Concelho da Figueira da Foz:

Associação Musical União Filarmónica Maiorquense

Sociedade Artística Música Carvalhense

Sociedade Boa União Alhadense

Sociedade Filarmónica 10 de Agosto

Sociedade Filarmónica Figueirense

Sociedade Filarmónica Paionense

Sociedade Filarmónica Quiaaense

Sociedade Instrução e Recreio de Lares

Sociedade Musical Recreativa de Alqueidão

Sociedade Musical Recreativa Instrutiva e Beneficente Santanense

A introdução de um clube de cinema nas escolas a partir do terceiro ciclo, é outra questão a desenvolver. À semelhança de outros clubes já existentes, como o desportivo ou o de jornalismo, e trabalhando em rede com a organização da cidade criativa do cinema, surgiria um trabalho sistemático, feito em grupo, com apresentação final sob a forma de pequeno filme, visando uma ação proactiva a qual envolveria os estudantes numa forma ainda pouco usual no ensino básico e secundário, local e regional. O final da atividade culminaria com uma mostra de trabalhos e um prémio. A sua implementação e continuidade poderiam criar sinergias à escala nacional à semelhança de outros eventos escolares.

17.4 A dinamização do cinema no concelho

Figueira Parque

A dinamização tem aqui lugar numa perspectiva de rede local, com a integração de freguesias e bairros de forma constante e sistemática. A ideia em pano de fundo é a de entusiasmar desde tenra idade as crianças para esta ideia global da cidade criativa e da sua própria energia inclusiva e abrangente. A apresentação de filmes clássicos, com bandas sonoras a cargo de filarmónicas locais, em parques e jardins, ao final do dia e mesmo à noite. A utilização da praia da Figueira à semelhança do que acontece com grandes eventos musicais é também uma possibilidade.

Figueira Inclusive

Noutro contexto, mas com a mesma temática, torna-se meritória a inclusão de residentes estrangeiros, quer trabalhadores quer reformados, permitindo deste modo alcançar uma identidade igualitária e equitativa, transversal a todo o concelho Figueira da Foz.

Neste âmbito, propõe-se o Figueira Inclusive, com festivais de filmes temáticos e dirigidos a comunidades variadas residentes (por exemplo o caso da população do Bangladesh residente na Marinha das Ondas que ascende a 400 pessoas, à comunidade de refugiados da Ucrânia a qual ascende a mais de 200 pessoas, entre muitos outros como Belgas, Holandeses, Ingleses, Franceses e Norte Americanos), se possível sempre com algumas apresentações do local donde provêm.

O Figueira Inclusive seria ainda o ponto de partida para novas sinergias entre cidades criativas nacionais de Design, Gastronomia, Literatura e Música. Deste modo estende-se a todos os que vivem no concelho, nacionais e estrangeiros, permitindo fazer uma mostra das suas tradições adaptadas à cinematografia, permitindo que comunidades mais restritas e isoladas pudessem conviver com outras de regiões diferentes, sempre sob o “chapéu” da CC da Figueira da Foz.

17.5 O turista da Cidade Criativa do Cinema na Figueira da Foz

O que procura e o que a cidade pode oferecer

O turista em geral e o turista cultural em particular, vem não só à procura de experiências novas e interativas, como também das memórias da sua infância, ou mesmo de memórias de outros tempos (mesmo de factos históricos ocorridos há centenas de anos) que deste modo chama até si. A oferta deve ser direccionada para vários targets, sendo certo que no caso do cinema a cidade da Figueira da Foz é bastante fértil, pelos motivos já explanados anteriormente.

A possibilidade de procurar um local onde essas memórias estejam de imediato presente, existem hoje no Quartel da Imagem com a sua exposição do Cine Parque. A interação na rodagem de um filme, onde com alguns dias de antecedência, poderá inscrever-se como figurante (veja-se o caso do filme *Velocidade furiosa* a ser rodado em Vila Real e na A” \$), permitindo conhecer as “estrelas” do firmamento da 7ª Arte, é um exemplo que poderá coadjuvar a divulgação da cidade para o exterior, pela *word of mouth*, deixando uma memória indelével e única que permanecerá profundamente enraizada no amago do turista.

Contudo uma aposta na divulgação na imprensa e redes sociais, certames internacionais e televisão, são hoje essenciais ao sucesso no desenvolvimento deste tema. Uma cidade cheia de vida, é uma cidade apelativa atraindo não só investimento como vontade política na criação de sinergias entre cidades nacionais e estrangeiras e de ir mais além.

17.6 A equipa em unísono com a UNESCO

A criação de uma equipa para liderar o processo é fundamental. Abaixo, na tabela 27, encontramos alguns exemplos de procedimentos necessários ao expediente:

Tabela 27 –

Preparação da logística necessária à criação da Cidade Criativa do Cinema com base no Relatório de Santos Film City

Investimento em computadores, impressoras, conexão de internet e material de escritório e material audiovisual
Assessores em inglês e francês fluente de apoio à equipa da Unesco durante o encontro
Área de imprensa com wi-fi
Área para divulgação e informação da Unesco e das cidades-membro
Conexão wi-fi em todos os locais do evento
Tradução simultânea em inglês, francês e português, com headsets para todos os participantes
Serviços de conferência e credenciais, set de informações, crachás, placas, papelaria, canetas e bolsas para todos os participantes, qr codes e aplicações informáticas que se criem para o tema
Equipa designada para preparar o evento
Organização da missão prévia da UNESCO, assegurando o transporte internacional e local, hospedagem, alimentação e acompanhamento pela organização do evento
Almoço, jantar e coffee breaks, bem como transporte local para todos os participantes durante o evento
Acomodação para o staff da UNESCO durante o evento, bem como tarifas pré-negociadas e pré-reservas para todos os participantes em hotéis locais próximos aos locais de evento
Website em inglês, francês e português
Preparação e reprodução de documentos técnicos para o encontro, disponibilizados on-line
Assistência para emissão de vistos (apoio formal à candidatura em anexo)
Segurança nos locais do evento de acordo com as diretrizes e protocolos da UNESCO e ONU, com a designação de um ponto focal para o tema
Entrega do relatório do evento com todas as transcrições.

Fonte: (<https://www.santos.sp.gov.br>, 2015).

Finalmente, no Orçamento Anual do Município da Figueira da Foz, seria aconselhável alocar uma verba para a Cidade Criativa do Cinema. A equipa executiva procuraria financiamento para os projetos através dos programas nacionais (DGARTES, ICA, Fundação Calouste Gulbenkian, outros), programas europeus (Europa Criativa, EEA Grants, entre outros), programas mundiais (Rede UNESCO, entre outros) e ainda através de parcerias e de mecenas, nomeadamente junto de um parceiro centenário, o Casino da Figueira da Foz.

De novo poderemos apontar para o apoio ao nível governamental, o qual se tem implementado e valorizado o Turismo, e foi nesse sentido que o Governo definiu um Plano de Ação “Reativar Turismo Construir Futuro”, a curto e médio prazo, para a reativação da indústria turística, prevendo um investimento de seis mil milhões de euros num conjunto de medidas direcionadas às empresas, aos turistas e aos residentes, por forma a gerar criação de valor, aumentar a reputação da Marca Portugal e a competitividade do destino, sendo a

aposta na diversificação de mercados e segmentos a mais valia da Estratégia Turismo 2027 (<https://www.portugal.gov.pt/pt>).

Quanto ao documento da candidatura, à semelhança de outros, vem com campos específicos a serem preenchidos, estando a informação geral espelhada ao longo deste estudo. Por esse motivo não foi incluído nesta parte do estudo.

18 Considerações finais

Vimos que quer pela história e memória do cinema na Figueira da Foz quer pelas entrevistas dadas, a Figueira da Foz Cidade Criativa do Cinema poderá vir a ser uma realidade se houver empenho e vontade para que tal aconteça. Existem alguns problemas por resolver essencialmente no plano da acessibilidade (o concelho tem uma linha férrea pouco atrativa e falta de transportes públicos) que são colmatados pela oferta hoteleira e de restauração já considerável. Também verificamos que cada vez mais as pessoas se deslocam para assistirem a eventos relevantes, atraídas pelos seus ídolos ou mentores.

Como se viu neste estudo, os locais para apresentação de filmes ou eventos são já uma realidade, já que só a cidade em si ultrapassa a capacidade de 3000 pessoas sentadas. Aliado ao elemento âncora que é o atual festival Filmart, a possibilidade de trabalhar em rede e de espalhar os eventos e acontecimentos pelas várias freguesias, com a possibilidade de levar a cidade para fora, mas dentro do concelho.

No fundo o combate não é só à sazonalidade, mas também à interioridade e afastamento das freguesias que estão em redor da cidade. É premente não só explorá-las melhor, mas dota-las de equipamentos e infraestruturas para que a população possa confortavelmente assistir a eventos nestes locais.

A diversidade de propostas culturais e turísticas na Figueira da Foz é enorme. Temos rotas determinadas e homologadas como a das Salinas, dos Arrozaís, da Serra da Boa Viagem, os percursos pedestres na cidade, desde o percurso de Jorge de Sena, a Vila de Buarcos e a Arte Deco, que conferem uma possibilidade de temas muito variados a trabalhar em cinematografia.

A cidade está ainda dotada de edifícios e marcos históricos muito interessantes para a realização e produção desde filmes a séries. É o caso da Casa do Paço desde 1690, com o interior enaltecido por azulejos de Delft e um jardim inalterado, ou do Palácio Sotto Mayor,

construído no início do século XX por um rico emigrante brasileiro, o Casino com os seus interiores das salas de jogo quase intocáveis, e ainda das muralhas e pelourinhos ou aos conventos de São Francisco e de Santa Maria de Seíça.

Verificamos pelos dados referidos no ponto 10, que a cidade tem recebido um aumento interessante de dormidas, o que prova que o número de turistas tem vindo a aumentar sucessivamente. A análise dos próximos anos deverá mostrar-nos isso mesmo. A população tem diminuído, mas por outro lado, o nível de formação académica tem evoluído o que se poderá vir a refletir numa maior exigência em termos culturais.

É interessante verificar que no período estival, com a segunda habitação e com o turismo de sol e mar, a aposta da cidade tem sido no sentido da cultura virada para as massas, o que é sem dúvida uma estratégia legítima, tendo apostado por exemplo desde 2013 num dos maiores eventos musicais do país, RFM SOMNI, chegando a trazer 130.000 pessoas à Figueira da Foz em 3 dias... Contudo, não reflete certamente toda a população que visita a Figueira da Foz, faltando um elemento diferenciador e que o cinema pode e deve colmatar.

Seguem-se as sinergias criadas entre as cidades criativas nacionais e estrangeiras, o que criaria um motivo para a visita dos turistas e conseqüentemente um acréscimo da economia local. Poder-se-iam criar eventos em torno de outras cidades criativas. Como um pequeno exemplo, a parceria com Leiria cidade criativa da música, numa sinergia com a Figueira da Foz durante um mês, em que se procederiam à elaboração de master classes e workshops variados em torno da música. Com apresentações finais abertas ao público. Este facto por si só, traria familiares, amigos e curiosos à Figueira da Foz, permitindo o tão desejado combate à sazonalidade.

O mesmo se aplicaria à Vila de Óbidos com a literatura, com a presença de escritores e poetas, ou Santa Maria da Feira com a gastronomia, com apresentações de chefes e *cook offs*.

No entanto, o que aparentemente se mostra como uma iniciativa cheia de possibilidades, nem sempre no decurso da minha investigação, foi fácil ou imediato envolver as várias partes contactadas, e que acreditassem na valorização da cidade para além do Festival. O meio encontra-se um pouco acomodado, quer no sector público quer no sector privado, e como tal há algum ceticismo em ir mais além.

Uma das maiores dificuldades que senti ocorreu em ambas as rondas da investigação de Delphi. Notei alguma desconfiança da parte das pessoas contactadas, especialmente na

segunda ronda do painel Delphi, em que foi difícil obter as respostas, grande parte dos membros do painel já não quiseram participar, alguns porque anteciparam as respostas na primeira ronda, outros por outros motivos não esclarecidos. A descrença no projeto da candidatura parece-me uma realidade implantada, contrariada apenas pelos entrevistados, esses sim crentes no projeto, mas descrentes no seu desenvolvimento e implementação.

Senti uma falta de envolvimento por parte de alguns players, por desgaste ou desencantamento, ou ainda por medo da partilha de conhecimentos. O que deveria ser natural e objeto de brio, torna-se difícil e de pouca coragem para a continuidade e implementação do projeto, o qual deverá ser trabalhado e apresentado no mínimo a 4 anos. É sem dúvida necessário o apoio das entidades autárquicas para levar o projeto a bom porto!

Confunde-se ainda a promoção esporádica de eventos cinematográficos, com a essência de cidade criativa e toda a sua abrangência a médio e longo prazo ao nível nacional e internacional.

Outra questão que leva a um esquecimento do quanto o cinema foi e é importante para a cidade, foi a não concretização do festival este ano de 2022, ano em que celebraria 50 anos, as Bodas de Ouro do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz. Os efeitos da pandemia e por fim o espoletar da guerra da Ucrânia e da ofensiva Russa, poderão ter contribuído para a não execução, bem como o atraso na atribuição da verba pedida pela FilmArt, por parte do município.

A cidade habituou-se a viver intensamente o Verão, com 1,5 meses de grande afluência, quer por parte de portugueses ou luso descendentes com segunda habitação de veraneio, quer por estrangeiros que nos visitam, com forte incidência ainda do turista espanhol. Apostou em grandes eventos como o SOMNI RFM, festival de música com DJ's e em alguns eventos desportivos como o Rugby ou a Motonáutica. Relativamente ao SOMNI, foi encomendado um estudo pelos promotores (Memories of Tomorrow) à Universidade do Minho, e apurou-se que que houve pela parte dos visitantes um gasto médio diário de 115,68 euros fora do recinto, em hotelaria, restauração, entre outros. As entradas registadas em 2019 ultrapassaram as 90 mil pessoas, ao longo dos três dias, originando um impacto direto de mais de 10 milhões de euros na economia da Figueira da Foz (<https://www.rtp.pt/noticias/economia/rfm-somni-da-figueira-da-foz->, 2022).

Por estas e outras razões, o Verão é intenso e muito bem trabalhado (termo utilizado pelos hoteleiros), gerador de riqueza para o concelho. É de realçar ainda a formação

adequada existente de grande parte dos recursos humanos na iniciativa privada, vocacionada para o turismo.

Assistimos nos dois últimos anos a um aumento de estrangeiros a procurar a Figueira da Foz, quer para trabalhar quer para passar a sua reforma, e neste ano de 2022 a partir de Abril, houve um aumento da comunidade ucraniana devido à invasão da Ucrânia pela Rússia.

No entanto, a partir de meados de Setembro e com o regresso às aulas, a cidade adormece, tendo algum pico de movimento no Fim de Ano, Carnaval e Páscoa.

São, todavia, poucos os dias de dinamismo para colmatar a sazonalidade em que se mergulha até ao verão seguinte.

A candidatura a Cidade Criativa do Cinema pode e deve ser uma aposta do turismo da Figueira da Foz, intimamente ligado hoje à cultura, mas no decurso desta investigação percebi que certos *players* tem alguma dificuldade em perceber o conceito e a própria materialização da cidade criativa. Existem alguns atos isolados de valor, mas não são o suficiente para alavancar a ideia.

A cidade reúne as condições ideais para albergar uma cidade criativa, uma vez que possui uma capacidade hoteleira interessante onde se inclui o alojamento local, inúmeros restaurantes e espaços lúdicos, essencialmente em contexto de natureza como as salinas, os arrozais, a praia, o rio, a serra e os parques verdes. Todas estas valências se poderão traduzir em rendimento económico gerado e que se fixará na Figueira da Foz enquanto concelho, ao apostar numa programação quinzenal de relevância.

As sinergias possíveis com as restantes cidades criativas, só em Portugal, já permitiriam uma animação constante e reiterada durante o ano. As possibilidades que se abrem perante as dinâmicas em rede com cidades criativas do resto do mundo são imensas, e poderiam finalmente catapultar a cidade para a frente turística.

O maior handicap serão mesmo as acessibilidades no que concerne à rede de transportes públicos locais e ainda ferroviários, com elevados intervalos de espera e tempos demasiado longos no percurso. Quem procura o transporte público não consegue perceber o horário nem os percursos, dentro da cidade, e esta situação ainda se agrava quando se pretende deslocar para sul ou norte do concelho, onde temos das melhores praias atualmente. A atual geração preocupada com a sustentabilidade tem aqui logo uma enorme barreira a transpor. Quanto à linha férrea, para fazer 42 Km desde a Figueira da Foz até Coimbra, o

tempo de viagem chega a ser de uma hora e meia. Contudo, temos, no entanto, na cidade alternativas interessantes como as bicicletas de aluguer (projeto participativo municipal).

Nestas considerações finais, não posso deixar de referir que o município se deverá preocupar cada vez mais com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis na senda da criatividade e da candidatura à UNESCO, ter a certeza da sua implementação, uma vez que “ a sustentabilidade no turismo é um caminho incontornável e assumido com crescente consciência pelos agentes do setor, à escala mundial, significa que tem em conta as necessidades dos visitantes, do setor e das comunidades e os seus impactes ambientais, económicos e sociais no presente e no futuro”. (<http://business.turismodeportugal.pt/>).

A envolvência de todas as partes é fundamental para o sucesso deste projeto, é essencial o comprometimento das equipas constituídas, dando protagonismo ao concelho num todo, ao invés de pequenos protagonistas isolados e inconsequentes.

A vinda de terceiros, poderá vir a ser colmatada através da existência de uma fundação ou de um apoio através de mecenato, e aqui de novo, menciono o casino pela história que possui ligada ao cinema. As associações já ligadas ao cinema bem como a organização da Filmart, pelo seu know-how no desenvolvimento e concretização do festival e de outros eventos, são seguramente uma mais valia para o sucesso. O envolvimento do Município, com técnicos, com o apoio da logística aplicada ao projeto, seria o caminho ideal de levar este projeto por diante na criação da Figueira da Foz - Cidade Criativa do Cinema.

O esquecimento da memória futura poderá vir a ser uma realidade caso nada se faça pela arte cinematográfica na Figueira da Foz, onde esteve profundamente enraizada durante mais de um século.

A memória do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz é algo que já se torna geracional e os mais jovens já não são detentores dessa memória. As interrupções ou descontinuidade dos eventos, são muitas vezes um pronúncio do fim. O que com o tempo, acabará por levar ao total esquecimento de um dos eventos culturais mais emblemáticos desta cidade.

Em termos turísticos são também este tipo de eventos que têm continuidade na geração que o consome, pois quem vê cinema aos 15 anos, vê-o aos 40 e aos 80 anos. Os tempos mudam, mas o cinema adapta-se ao seu público fiel, que cresce, diverte-se, trabalha, ama e envelhece com a arte cinematográfica e com as memórias por si deixadas na cidade.

Tal como os ventos sopraram em tempos idos nas Caravelas da Figueira da Foz, que soprem agora nas velas da mudança, rumo à Cidade Criativa do Cinema!

19 Referências Bibliográficas

Bibliografia

- António, L. (1982). *Figueira da Foz, Dez anos de Cinema em Festival*.
- Báez-Montenegro, A. D.-F. (2017). *Motivation, satisfaction and loyalty in the case of a film festival: differences between local and non-local participants*. pp. 173,195.
- Barnasque, C. M. (2015). *A cidade como uma marca: um estudo de caso da cidade de Sevilha*.
- Biscaia, Á. C. (2010). *Linha da Beira Alta, Figueira da Foz*.
- Cabral, C. M. (2009). *Proposta de uma Metodologia de Inventariação - documento provisório -Dissertação Conducente à Obtenção do Grau de Mestre em Ciências , antropológicas, Universidade Técnica de Lisboa ,Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa*.
- Calado, R. S. (4 de maio de 1941). *A Figueira ao Dealbar do Século XX. Conferência em Casa das Beiras*.
- Carvalho. (2019). *A evolução do conceito de paisagem cultural. GOT. 16, p. 81*.
- Carvalho), (. (s.d.). <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/>.
- Carvalho, A. F. (2014). *Reafirmar a Identidade Cultural Local: o Património Cultural Imaterial Local como Recurso, Dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária,, Lisboa 2014. Escola Superior de Educação*.
- Carvalho, R., & Marques, T. (2019). *A evolução do conceito de paisagem cultural. Revista de Geografia e Ordenamento do Território, pp. 81,98*.
- Cascão, R. d. (2009). *Monografia da Freguesia de S. Julião da Figueira da Foz*.
- Correia, P., & d'Abreu, C. (2001). *Identificação de Unidades de Paisagem - Metodologia aplicada a Portugal Continental. Finisterra XXXVI*.
- Costa, E. B., & Alvarado-Sizzo, I. (2021). *Territorio usado, turismo y cine: Proposta metodológica. Finisterra, LVI(118), 2021, pp. 175-198*.
- Costa, F. J. (s.d.). *De Vila a Cidade: Contributos para o estudo do urbanismo e da arquitetura na Figueira da Foz (Vol. I)*.
- Costa, J. B. (1991). *Histórias do Cinema. Casa da Moeda*.
- Cruz, J. M. (1999). *O Cais do Olhar - O cinema português de longa metragem e a ficção muda. Lisboa: Cinemateca Portuguesa*.
- Cunha, L. (2017). *Turismo e Desenvolvimento – Realidades e Perspectivas*.
- Emmendoerfer, M. L. (2016). *Las buenas prácticas del turismo de base comunitaria en el territorio de la Serra do Brigadeiro (Minas Gerais, Brasil). p. 3*.
- Fernandes. (2009). *Cityscapes – Símbolos, dinâmicas e apropriações da paisagem cultural urbana. Máthesis- Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território UC, pp. 197,199*.
- Fernandes. (2013). *Paisagem cultural: de um espaço de reterritorialização a um recurso turístico. Ceogop, p. 281*.

- Fernandes, J. A., & Sposito, E. (2016). *dicionário de geografia aplicada, terminologia da análise, do planeamento e da gestão do território.*
- Flórido, A. (2010). *O Palhetas.*
- Foz, M. d. (2018). *II Encontros de Cultura e Património - A visita real de 1882.*
- Gaspar, J. (2001). *O retorno da oásis à geografia, apontamentos místicos.* Finisterra XXXVI.
- K.Smith, M. (2003). *Issues in Cultural Tourism Studies.*
- Landry, C. (2010). *Creatividade, Cultura & a Cidade, uma questão de interconectividade.* (F. d. Avignon, Ed.)
- Landry, C., & Bianchini, F. (1995). *A Cidade Criativa.* Demos, Amazon.
- Maitland, R. (2006). *How can we manage the tourist-historic city? Tourism strategy in Cambridge.* p. 3. Obtido de <https://westminsterresearch.westminster.ac.uk/>
- Maitland, R. (2006). *Tourism, culture and regeneration, Chp.3.*
- Moreira, C. (2013). *Recursos, Estartégias e Práticas.*
- Muga, H. A. (2015). *O Imaginário na Obra Cinematográfica de João César Monteiro.*
- Munsters, W. (2007). *Anthropology as a source of inspiration for cultural tourism studies.*
- Poeta, J. (1997). *100 anos do cinema.*
- Poeta, J. (1997). *100 anos do Cinema. Grupo Caras Direitas..*
- Richards, G. ((2009)). *Turismo cultural: Padrões e implicações.* p. 25.
- Richards, G. (2020). *Designing creative places: The role of creative tourism.*
- Richards, G. (2021). *Rethinking Cultural Tourism.* pp. 1,2.
- Richards, G. (16 de 6 de 2021). *The Potential of Cultural and Creative Tourism for Placemaking . Ontario Culture Days Conference,* pp. 2,5.
- Rocha, A. S. (1954). *Materiais para a História da Figueira nos séculos XVII e XVIII, Figueira da Foz.* Tipografia Cruz & Cardoso.
- Rodrigues, B. (2018). *Turismo Cultural e Desenvolvimento.*
- Santos, N., & Costa, C. (2018). *A paisagem enquanto produto turístico e património natural e cultural.* Cadernos de Geografia nº 38, FLUC
- Tay, j. (2005). *Creative cities. Research output: Chapter in Book/Report/Conference proceeding.*
- Torgal, L. R. (2000). *O cinema sob o olhar de Salazar.*
- Vale, A. M. (2013). *Festivais de Cinema em Lisboa: Organizações e Relações com a Cidade.* ISCTE.
- Vaquinhas, I. (2012). *O Casino da Figueira. Sua evolução histórica desde o Teatro-Circo à actualidade (1884-1978).* Centro de História da Sociedade e da Cultura Palimage.
- Zhang, L., & Stewart, W. (s.d.). *Sustainable Tourism Development of Landscape Heritage in a Rural Community: A Case Study of Azheke Village at China Hani Rice Terraces a College of Architecture and Urban Planning, Tongji University, Shanghai, China.*

Webgrafia

[GER-Barómetro-da-Cultura-2022. \(s.d.\).](#)
[http://business.turismodeportugal.pt/.](http://business.turismodeportugal.pt/) (s.d.).
[http://cidadecriativa.barcelos.pt/.](http://cidadecriativa.barcelos.pt/) (s.d.).
[http://cityofmusic.cm-idanhanova.pt.](http://cityofmusic.cm-idanhanova.pt) (s.d.).
[http://cvc.instituto-camoes.pt/cinema/factos.](http://cvc.instituto-camoes.pt/cinema/factos) (s.d.).
[http://digitarq.arquivos.pt/Torre do Tombo.](http://digitarq.arquivos.pt/Torre do Tombo) (s.d.).
[http://jornal-sinal.blogspot.com/.](http://jornal-sinal.blogspot.com/) (s.d.).
[http://obidosvilaliteraria.com/.](http://obidosvilaliteraria.com/) (s.d.).
[http://digitarq.arquivos.pt \(anos: 1694-1724\).](http://digitarq.arquivos.pt (anos: 1694-1724)) (s.d.).
[https://www.publico.pt/2006/07/04/culturaipsilon.](https://www.publico.pt/2006/07/04/culturaipsilon)
[https://musorbis.com.](https://musorbis.com) (s.d.).
[https://observador.pt/2020/02/02.](https://observador.pt/2020/02/02)
[https://festivaiscancao.wordpress.com.](https://festivaiscancao.wordpress.com)
[https://www.bragamediaarts.com/pt/.](https://www.bragamediaarts.com/pt/) (s.d.).
[https://unesco.missaoportugal.mne.gov.pt/unesco.org/creative-cities/content/.](https://unesco.missaoportugal.mne.gov.pt/unesco.org/creative-cities/content/) (s.d.).
[https://Valladolidcityoffilm.com.](https://Valladolidcityoffilm.com) (s.d.).
[http://www.monumentos.gov.pt.](http://www.monumentos.gov.pt) (s.d.).
[http://www.monumentos.gov.pt.](http://www.monumentos.gov.pt) (s.d.).
[https://agenciabrasil.ebc.com.](https://agenciabrasil.ebc.com) (s.d.).
[https://arival.travel/research/nine-attractions-trends-for-2022.](https://arival.travel/research/nine-attractions-trends-for-2022) (s.d.).
[https://arival.travel/research/nine-attractions-trends-for-2022.](https://arival.travel/research/nine-attractions-trends-for-2022) (s.d.).
[https://artistasunidos.pt/miguel-borges.](https://artistasunidos.pt/miguel-borges) (s.d.).
[https://cinemaportuguesmemoriale.pt.](https://cinemaportuguesmemoriale.pt) (s.d.).
[https://cityofmusicamarante.com/.](https://cityofmusicamarante.com/) (s.d.).
[https://covilhacriativa.com/.](https://covilhacriativa.com/) (s.d.).
[https://cultura.madeira.gov.pt.](https://cultura.madeira.gov.pt) (s.d.).
[https:// cm-figfoz.pt.](https://cm-figfoz.pt) (s.d.).
[https://interiordoavesso.pt/cinema-setima-arte.](https://interiordoavesso.pt/cinema-setima-arte) (15 de Abril de 2019).
[https://ruascomhistoria.wordpress.com.](https://ruascomhistoria.wordpress.com) (s.d.).
[https://ruimajor.com/portfolio/shortdoc-shaping-sounds-teaser.](https://ruimajor.com/portfolio/shortdoc-shaping-sounds-teaser) (s.d.).
[https://turismodocentro.pt/concelho/caldas-da-rainha.](https://turismodocentro.pt/concelho/caldas-da-rainha) (s.d.).
[https://www.asbeiras.pt.](https://www.asbeiras.pt) (20 de 5 de 2019).
[https://www.bradford-city-of-film.com/.](https://www.bradford-city-of-film.com/) (s.d.).

<https://www.cmjornal.pt/cultura>. (9 de Julho de 2006).

<https://www.dosalgarves.com/rev/N17/2rev17.pdf>. (s.d.).

<https://www.dosalgarves.com/rev/N17/2rev17.pdf>. (s.d.).

<https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-regionais>. (s.d.).

<https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo>. (s.d.).

<https://www.portugal.gov.pt/pt>. (s.d.).

<https://www.rtp.pt/noticias/economia/rfm-somnii-da-figueira-da-foz->. (5 de julho de 2022).

<https://www.santos.sp.gov.br>. (2015).

<https://www.thetelegraphandargus.co.uk/>. (5 de julho de 2011).

<https://www.visiteleiria.pt/>. (s.d.).

www.bradford-city-of-film.com. (s.d.).

www.dinheirovivo.pt/economia/cinema-portuga. (2022).

www.ine.pt/. (s.d.).

www.pordata.pt/municipios/dormidas. (s.d.).

<http://cidadecriativa.barcelos.pt/>. (s.d.).

<http://cityofmusic.cm-idanhanova.pt>. (s.d.).

<http://cvc.instituto-camoes.pt/cinema/factos>. (s.d.).

<http://digitarq.arquivos.pt/Torre do Tombo>. (s.d.).

<http://jornal-sinal.blogspot.com/>. (s.d.).

<http://obidosvilaliteraria.com/>. (s.d.).

<http://www.bragamediaarts.com/pt/>. (s.d.).

<http://www.monumentos.gov.pt>. (s.d.).

<http://www.monumentos.gov.pt>. (s.d.).

<https://agenciabrasil.ebc.com>. (s.d.).

<https://arival.travel/research/nine-attractions-trends-for-2022>. (s.d.).

<https://arival.travel/research/nine-attractions-trends-for-2022>. (s.d.).

<https://cityofmusicamarante.com/>. (s.d.).

<https://covilhacriativa.com/>. (s.d.).

<https://cultura.madeira.gov.pt>. (s.d.).

<https://interiordoavesso.pt/cinema-setima-arte>. (15 de Abril de 2019).

<https://ruascomhistoria.wordpress.com>. (s.d.).

<https://www.bradford-city-of-film.com/>. (s.d.).

<https://www.cmjornal.pt/cultura>. (9 de Julho de 2006).

<https://www.ordemenfermeiros.pt/arquivo>. (s.d.).

<https://www.thetelegraphandargus.co.uk/>. (5 de julho de 2011).

<https://www.visiteleiria.pt/>. (s.d.).

<https://unesco.missaoportugal.mne.gov.pt/>.

unesco.org/creative-cities/content/. (s.d.).

<https://festivaiscancao.wordpress.com>

<https://ruimajor.com/portfolio/shortdoc-shaping-sounds-teaser>)

<https://www.mtvema.com/articles/x9otr3/ready-set-vote-the-mtv-ema-2020-nominees-are-here>

Imprensa de Época e Arquivo Histórico do Município da Figueira da Foz

Voz da Figueira, 15ª Edição do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz. (1987).

Correpondência da Figueira, (10 de Agosto de 1882)

Correio da Manhã, (19 de junho de 1896)

A Gazeta da Figueira, (25 de julho de 1903)

A Gazeta da Figueira, (30 de Setembro de 1905)

A Gazeta da Figueira(15 de Outubro de 1906). *Kinimatographo*.

A Gazeta da Figueira, (Abril, Julho 1908) *Animatógrafo do Circo*

Diário de notícias, (6 de Dezembro de 1939)

Mar Alto, (29 de Dezembro de 1971)

A Gazeta da Figueira, (18 de Agosto de 1923)

Voz da Figueira.15ª Edição do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz. (1987).

Revista Visão.Adolfo Mesquita Nunes. (24 de Agosto de 2017). *Artigo de Opinião*.

[referências elaboradas no estilo da Norma Portuguesa (NP 405)]